PEQUENO MANUAL
DE
CIVILIDADE
para uso da mocidade

É a virtude que gera a verdadeira cortesia.
(FÉNELON).

A civilidade e a urbanidade nos costumes predispõem fortemente os espíritos para entender a sabedoria e seguir as luzes da verdade.
(LEÃO XIII).

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA
RIO DE JANEIRO Rua do Ouvidor, 166 | SÃO PAULO Rua Libero Badaró, 292 | BELO HORIZONTE R. Rio de Janeiro, 655

NIHIL OBSTAT
Sancti Pauli, die 24 Maii 1932
P.e ERNESTO DE PAULA
Censor

IMPRIMATUR:
M.or PEREIRA DE BARROS
Vigário Geral

COLEÇÃO DE LIVROS CLÁSSICOS F. T. D.

DEUS — PÁTRIA — FAMÍLIA

LÍNGUA PORTUGUESA

1.º CURSO PREPARATÓRIO — Teoria gramatical muito simples, em linguagem fácil com 274 exercícios de aplicação das regras, ilustrado. Estudantes de 7 e 8 anos de idade.
Mesmo livro, parte do mestre.

2.º CURSO ELEMENTAR. — Desenvolve e amplia gradualmente a teoria e multiplica os exercícios em número de 632. Estudantes de 9 a 10 anos de idade.
Mesmo livro, parte do mestre.

3.º CURSO MÉDIO. — Dirige-se a estudantes de 11, 12, 13 anos. A teoria é mais completa. Traz noções precisas e claras sôbre análise e estilo com 1052 exercícios de aplicação.
Mesmo livro, parte do mestre.

4.º CURSO SECUNDÁRIO. — Êste volume oferece tudo quanto de verdadeiramente pedagógico e assimilável se tem determinado até o presente sôbre a língua portuguesa. 758 exercícios variadíssimos. Estudantes de 14 a 15 anos.
Mesmo livro, parte do mestre.

5.º CURSO SUPERIOR. — Trata das principais questões atinentes à língua, dando a súmula do que a respeito escreveram os gramáticos mais abalisados. — Literatura e história literária. — 550 exercícios.
Mesmo livro, parte do mestre.

6.º CURSO COMPLEMENTAR. — É a gramática histórica da língua portuguesa posta ao alcance dos candidatos a exames. Trechos de todas as épocas. Numerosas gravuras amenizam e documentam o texto.

OS LUSIADAS. — Edição escolar brasileira. Copiosas explicações. Interpretações várias. Segue fielmente a 1.ª edição, de 1572 e traz muitas estampas elucidativas com documentos em fac-símile.

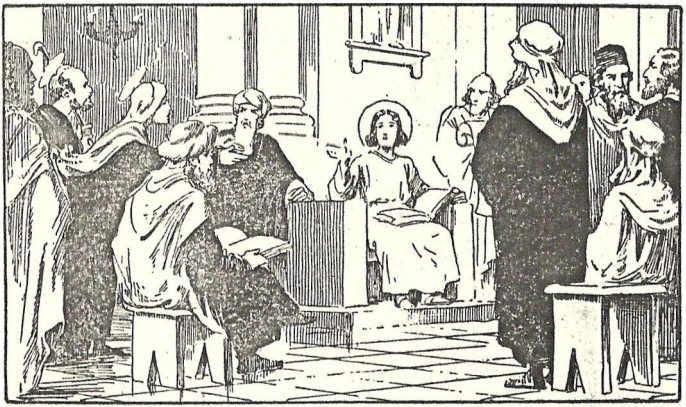
ANTOLOGIA ILUSTRADA, por F.T.D. — Oferece belíssimos trechos em todos os gêneros de composição literária. São leituras amenas muito interessantes para servirem de modêlo e de incentivo. Firmadas a maior parte por autores merecidamente célebres. (3.º livro de leitura).

O VERNÁCULO, antologia intermediária entre a precedente e a seguinte.

ANTOLOGIA NACIONAL, por F.T.D. — Excertos de obras clássicas. Ampla matéria para estudos mais aprofundados. Apresenta a maior variedade. Um escrínio das produções mais fulgurantes em prosa e em verso, na literatura nacional. (4.º livro de leitura).

Pequeno Manual de Civilidade, 170 páginas.
Instrução moral e cívica, programa ilustrado, 376 páginas.
Sociologia, programa do ensino secundário, 328 páginas.

Resumo da Literatura, programa da 5.ª Série.
Noções gerais de Literatura, programa oficial: mais de 500 páginas.
Literatura Brasileira, mais de 600 páginas; programa oficial.
Literatura Estrangeira, mais de 600 páginas; programa oficial.



JESUS PERFEITO MODÊLO DE CORTESIA

E a multidão admirada dizia d'Êle: "Tudo fez bem."
Em outra ocasião, estava no meio dos doutores, escutando-os e interrogando-os e todos quantos o ouviam ficavam encantados por causa da sabedoria das suas respostas.

PRIMEIRA PARTE

O HOMEM

CAPÍTULO I

PRELIMINARES

I

A civilidade.

1. Sua importância prática. — Apenas pode a criancinha balbuciar algumas palavras, o desvêlo da mãe ou das irmãzinhas lhe ensina a dizer: *bom dia, obrigado, desculpe.*

As mesmas lhe ensinam a ter à mesa uma atitude conveniente, obrigam-na a segurar, segundo certas regras, objetos que para o menino são ainda pesados e incômodos,

Se, em presença de um superior ou de uma autoridade, a criança teve atitude viciosa, ou não soube cumprimentar, ela receberá uma repreensão enérgica, às vezes mais severa do que se tivesse cometido uma falta mais grave, como seria: ter mentido, ter sido egoísta ou brutal.

Explica-se isto, pela importância que, na educação, se concede à prática da civilidade; pais e mestres consideram-na de suma importância, porque conhecem a vida, e sabem que, aos olhos de todos, a civilidade é cousa essencial.

Frequentemente confunde-se *civilidade* com *educação*. Saber apresentar-se, saber pedir e agradecer, observando também as condições de tempo, lugar e pessoas, é o meio seguro de tudo conseguir e de conquistar simpatias.

Pelo contrário, as decepções acabrunham o homem incivil; não sòmente é objeto de críticas, de impropérios e de sarcasmos, como também sua presença é importuna; não é convidado, pois que seus modos externos fazem pressentir a baixeza da sua alma.

Embora variáveis de um país para outro, os modos apurados revelam um carácter sociável. Os maus modos são o apanágio dos egoístas.

As diversas formas da incivilidade serão tratadas nos capítulos dêste livrinho. Poderiam ser resumidas como segue: *escolher o melhor lugar, apoderar-se do melhor bocado na mesa comum, interromper a quem fala, falar alto, falar de si e de sua saúde, de seus sentimentos íntimos; ficar desatento a quem está falando; falar baixo no ouvido de alguém diante de pessoas a quem devemos o respeito; conversar alto ou fazer barulho durante um discurso ou num espetáculo, numa cerimônia; não esperar o fim de uma relação ou de uma anedota; usar o que é de outros; fazer-se esperar; incomodar*

aos vizinhos; pedir emprestado e demorar para devolver; ler as cartas dirigidas a outros, etc.

A verdadeira civilidade é uma virtude; ela nos dá o império sôbre nós mesmos, porque exige uma vigilância assídua sôbre as palavras, os gestos, as atitudes; é uma vitória incessante que forma o bom carácter, elemento principal da sociabilidade.

2. Leitura. a) — Um jovem secretário de embaixada, desejava ardentemente conseguir bom êxito na sua carreira; para isso, pediu conselho a um velho diplomata, que lhe respondeu: *"Seja polido, cortês, delicado, delicadíssimo, meu amigo, e garanto-lhe o mais feliz êxito."*

No fim de poucos anos, o jovem secretário tinha a ventura de verificar a exatidão do conselho.

b) — Um jornalista, homem de letras, foi convidado para jantar em casa de um amigo, poeta de real valor. O jornalista chegou com um pouco de atraso e os convidados já estavam à mesa.

O poeta levantou-se para ir à porta receber o amigo e lhe disse ao dar-lhe um abraço: *"Se o Snr. permitir, vou lhe oferecer já um exemplar da nova edição das minhas poesias. — Não preciso, meu caro poeta,* respondeu o jornalista, *prefiro o seu jantar."*

A resposta carecia de delicadeza; o poeta sentiu-se magoado, ficou muito reservado, quase glacial durante a refeição, e a partir daquele momento, cortou as relações com o antigo amigo.

c) — Ponto importantíssimo em matéria de civilidade é a arte de tratar cada um segundo a dignidade, a precedência e os méritos adquiridos.

Conta-se que o príncipe de Talleyrand era mestre consumado nesta arte.

Num jantar familiar de alta sociedade, eis como distribuiu as fatias de um pernil. Ao seu vizinho da direita, o Snr. barão de..., principal conviva, disse:

"Snr. Barão de..., poderia eu ter a ousadia de lhe oferecer uma fatia de pernil?"

Ao comensal da esquerda, segundo conviva em dignidade, disse: *"O Snr. teria a gentileza de aceitar um pouco de pernil?"*

Ao terceiro falou: *"O Snr. quer pernil?"*

Ao quarto: *"Um pouco de pernil?"*

Enfim ao quinto, disse apenas com um gestinho da faca: *"Pernil?"*

Como se vê, a oferta do pernil e as perguntas eram graduadas e calculadas segundo a posição social dos convivas.

O que é de todos os tempos.

II

3. Os costumes, os hábitos, os critérios particulares variam segundo os povos, os tempos e os lugares; entretanto, o que há de essencial no tratamento, na cortesia, nos modos, e na expressão dos sentimentos, pertence a todos os tempos e a todos os países: todo homem, mesmo que fôsse um Robinson Crusoé, tem obrigação como êle, antes e depois do seu isolamento, de observar certas regras nas suas relações com as autoridades, as senhoras, as crianças, os inferiores e os fracos.

O gesto e a voz são a tradução natural e externa dos nossos sentimentos, desejos e atos de vontade. Daí a necessidade, para todo homem honesto, de fazer concordar o exterior com o interior, a fim de parecer o que é, e não o que não é.

O gesto perdeu muito do seu valor, na nossa infatuada civilização moderna. O cinema, que geralmente representa atos com sentimentos fingidos, acostuma o espetador à discordância entre o exterior e o interior.

Existe o gesto brusco, impulsivo, retilíneo, ao modo de anta; há o movimento desengonçado do corpo, onde existe falta de equilíbrio entre as diversas partes; o gesto mole, que deixa cair a bengala, o chapéu ou o lenço; o gesto inoportuno, como estender a mão sem ocasião. Alguns derrubam uma cadeira, um cabide, um vaso; certos levantam as pontas de um tapete, pisam nos calos de outras pessoas, etc. Há o gesto de suficiência, o gesto exagerado; existe ainda o gesto que desconcerta uma postura elegante, um alinho primoroso. A elegância não está tanto no feitio do

traje como na maneira de trajar-se: alguns vestem-se, outros cobrem-se, vários fingem vestir-se; certos, enfim, são discípulos néscios das extravagâncias da moda.

Ao lado do gesto, vive sua primorosa irmã, a palavra, seguida pela sua ancila fidelíssima: a escrita.

Havemos de expor mais adiante as boas condições do uso da palavra e da escrita.

4. Haverá muita civilidade no mundo?

Infelizmente não. Muitos homens conhecem os bons costumes e os bons usos sociais, porém bastantes os ignoram, e nem todos os que os conhecem têm vontade de observá-los. Não culpemos a lei do mínimo esfôrço, porque esta lei, quando escrita como deve ser, enuncia-se dêste modo: a tendência para o sensualismo e a preguiça, causa da decadência dos costumes.

Nossos tempos exercem funesta influência sôbre os caracteres; há uma pressão ofegante da civilização moderna sôbre nosso sistema nervoso. A trepidação atual do mundo é estafante, e os nervos não descansam, sobretudo nas grandes cidades: o telefone não fala, o elevador não funciona, o táxi derrapou, a corrente falhou, a farmácia está fechada, a repartição pública não abriu, o carteiro adoeceu, a rua tem só um sentido, os impostos crescem, o câmbio desce, etc.; acrescente-se o cansaço dos olhos, o dos ouvidos, a inquietação excessiva dos negócios das nações estrangeiras, os abalos políticos sensacionais frequentíssimos; tudo isso carrega os nervos, coagula nossa amenidade; os gestos vão sendo descompassados, exprimindo um descontentamento geral; a cortesia, o trato amável, a bondade no acolhimento são espezinhados; a vida é ríspida e enganadora, porque as guerras intestinas, as rivalidades odientas enchem a alma de azedume.

Os gestos e a linguagem exprimem hoje o desapontamento geral, porque quase tudo está fracassado. Os reclamistas de remédios e de descobertas novas iludem o povo,

corrompem a saúde em geral; por causa de tudo isso, são frequentíssimos os ataques de neurastenia e de histeria em vários graus.

5. Outra causa muito eficiente para fazer desaparecer a civilidade, é a luta política. Nas esferas das assembléias públicas e nos parlamentos, tudo está eivado de rancores, de hipocrisias ou de falsidades. Da tribuna e da imprensa fugiu espavorido o cavalheirismo antigo, sendo substituído pelos apupos aos adversários, as declamações injuriosas, o escárneo e o adjetivo de baixo calão. Nenhum chefe de família teria a ousadia de propor a seus filhos, como modêlo de cultura e de civilidade, a linguagem de certos periódicos; ainda menos mandaria os jovens assistirem a certas sessões parlamentares para tomarem lições de bom tratamento.

Em tempos não remotos, a réplica, assim como o ataque, mantinham-se na altura de uma serena honestidade. Guizot respondeu a um parlamentar, adversário exaltado: "A torrente das suas injúrias não pode atingir à altura do meu desdém." Esta frase pareceu aos contemporâneos, tão acerba e causticante, que sobrevive através dos anais do Parlamento francês; porém, hoje... As polêmicas dos jornalistas e as diatribes dos adversários políticos são decerto uma péssima escola de civilidade, de decência e de boa linguagem.

As raças superiores distinguem-se pela fineza dos modos. Escreve Abel Bonnard: "A polidez é o cunho certo de uma civilização superior; ela apura os sentimentos de amizade, substitui por uma luta de nobreza corretíssima o choque brutal dos ódios. A polidez será talvez a grande hipocrisia, porém de rosto nobre, que vem desterrando a obscenidade natural, trocando em espetáculo de vivificante estética o combate dos egoísmos, e a horrorosa rivalidade, que há entre os vivos."

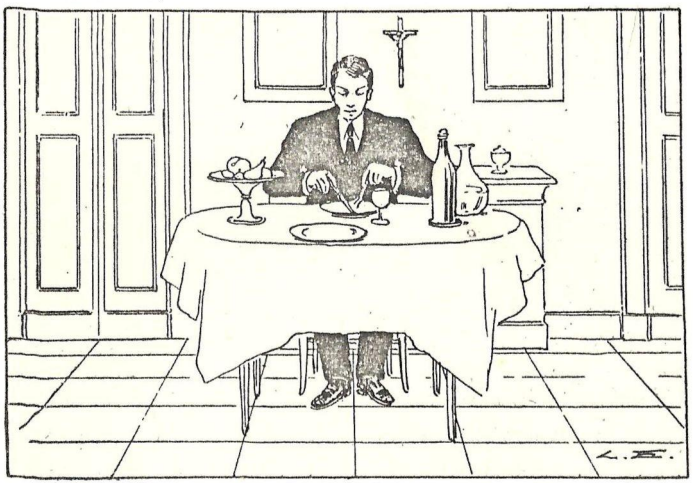
Em certas circunstâncias, a prática da civilidade pode raiar ao heroísmo; na marcha comum da vida, ela junca os nossos dias de alguns momentos de prazer, semelhantes a êstes pontos dourados que rebrilham através de uma poeira aurífera.

6. Leitura. — Como muito descortês, a história condena e reprova o procedimento sacrílego de Napoleão I contra o Papa Pio VII.

Por motivos políticos, despojou-o dos Estados, mandou prendê-lo em Roma e levá-lo preso a Savona (1809) e depois a Fontainebleau (1812).

Tratou-o ora com grande respeito aparente, com fingidas provas externas de amizade, ora com brutalidade de soldado grosseiro.

Tais violências se repetiram até a abdicação do poderoso imperador (1814), durante 5 anos.



À MESA.

Trinchar alimentos no prato. — Com a mão esquerda segurar o garfo, com o indicador alongado até o fim do cabo; com a mão direita, trabalhar com a faca, o indicador levemente encostado no dorso da fôlha. — Nunca descansar os cotovelos na mesa, nem agachar o corpo; em cima da mesa ficam apenas as mãos e o começo do ante-braço, até os punhos. — Notar a atitude correta das pernas.

Após o desastre de Vaterloo, o imperador sofreu por sua vez as tribulações do exílio; na Europa, Pio VII foi o único soberano capaz de minorar a dor dêle; escreveu ao govêrno inglês para que mitigasse o cativeiro do exilado de Santa Helena.

Acolheu em Roma e amparou os membros da família de Napoleão, reduzidos à penúria pelo infortúnio do ex-imperador e enviou a êste um sacerdote afim de assistí-lo nos últimos momentos.

Que diferença entre as violências sacrílegas inspiradas pela ambição do poderoso guerreiro e a doçura, a paciência e a nobre caridade do venerando papa para com a pessoa e a família do seu ex-perseguidor!

CAPÍTULO II

Em que consiste a civilidade.

7. A civilidade. — Definição. — A civilidade é o conhecimento e a prática das regras do bom trato que os homens devem observar, nas relações da vida doméstica e social.

Consiste essencialmente em nada fazer e nada dizer que desagrade aos outros homens; pelo contrário, a civilidade move o homem a testemunhar ao seu semelhante o respeito e a estima que lhe são devidos, porque êste semelhante é uma criatura racional, inteligente, livre e capaz de praticar a virtude.

É UM DEVER. — A civilidade é ao mesmo tempo um dever de *justiça* e um dever de *caridade*.

1.º DE JUSTIÇA, porque devemos respeitar e honrar com sinais externos, em todo homem, a dignidade de criatura humana; ela é uma pessoa. A fé cristã nos ensina que honrar o próximo é prestar culto a Deus. O homem é feito à imagem e semelhança da divindade. O mau trato, as palavras ofensivas, o desprêzo intencional nas relações, são um rebaixamento, uma injustiça. *Quem vê seu irmão nu e não o cobre, despreza sua própria carne.* (EP. S. JOÃO).

Se quisermos ser bem tratados, é de justiça que tratemos bem os outros homens.

2.º De CARIDADE, porque todo ser dotado de sensibilidade ama o ser que é semelhante. Êste amor é cego nos animais, porém é racional entre os homens; funda-se na comunidade da nossa natureza, da nossa origem e do nosso destino. Devemos ter, para com os outros homens, a simpatia que existe entre os membros de uma mesma família. Esta simpatia, formada, nascida no coração, esclarecida e dirigida pela inteligência, fortificada pela vontade, transforma-se em amizade, benevolência, delicadeza e abnegação.

8. Leitura. a) — **Luiz é um menino bem educado: por isso todos gostam dêle. Eis dois casos entre mil que mostram como é serviçal.**

Ontem, quando voltava da escola, passou por uma rua onde encontrou uma senhora que deixou cair um objeto na calçada; como tinha os braços embaraçados de vários embrulhos, a senhora não deu pela perda e ia continuando a andar.

Mas Luiz viu tudo, correu logo para a senhora, apanhou o objeto e o ofereceu à senhora ao mesmo tempo que tirava o chapéu.

"Muito obrigada, meu amigo, disse esta Senhora a Luiz; o Snr. é muito bem educado; se continuar dêste modo, há de ser feliz na vida e honrar muito a seu pai e a sua mãe."

Luiz voltou à casa com o coração a transbordar de alegria por causa da cortesia e da ação honrada que acabava de praticar.

b) — Há poucos dias, Luiz, sua mãe e seu irmão menor José viajaram de trem.

Luiz tem 12 anos e José apenas 6.

Como a viagem era bastante comprida, a mãe levou um almocinho para comer no trem.

Quando a mãe abriu a mala das provisões, José ficou radiante de prazer.

"O almocinho!" disse êle, batendo palmas com as mãozinhas.

"Juca, não quer sentar-se a meu lado? lhe disse Luiz.

— Pois não! com muito gôsto," respondeu José.

Dócil, Juca foi sentar-se à direita de Luiz. E êste, com a mais amável gentileza, logo tomou conta dêle. Colocou-lhe um guardanapo ao redor do pescoço e cortou em pedacinhos a porção de frango assado e frio que lhe era destinada, na distribuição feita pela mãe.

E continuou a servir o irmãozinho até acabar a refeição.

O ato que mais exerceu a paciência de Luiz foi o de fazer beber o maninho.

Toda a gente sabe que não é fácil segurar um copo na bôca quando o trem corre com grande velocidade, por causa das incessantes trepidações.

"Cuidado, dizia Luiz segurando a caneca na frente de José; agora, baixe um pouco a cabeça... Espere um pouco... Agora, beba.

— Bebi bastante, dizia Luiz; molhei um pouco o nariz; mas não faz mal."

Com o guardanapo, Luiz enxugou logo o nariz e os lábios de José.

E a mãe olhava os filhos com indizível ventura e dava graças a Deus pelos bons modos, gentileza e o amor fraternal do seu Luiz, sempre bem educado.

CAPÍTULO III

Civilidade — Polidez — Cortesia — Rusticidade.

9. Definições. — O têrmo *civilidade* deve sua origem ao conceito de *civis,* cidadão, habitante da cidade, onde o homem é geralmente mais culto, e mais elegante nos modos.

Polidez formou-se do grego *polis,* que significa também cidade.

Rusticidade aplica-se em geral ao habitante das aldeias, do latim *rus,* porque, na vida isolada da roça, o homem não sente, como o cidadão, a necessidade do estudo e do aperfeiçoamento dos modos com que se trata o próximo.

Não seja lícito pensar, contudo, que todos os cidadãos conhecem e praticam a civilidade, e que todos os campônios sejam fatalmente rústicos, porque se é certo que a vida da cidade, mais do que a vida das aldeias ou a solidão dos campos, habitua aos modos mais refinados, elegantes, é verdade também que nos centros populosos há pessoas de educação rude e desagradável, assim como existem nos recantos mais remotos da roça e do sertão, flores delicadíssimas de cortesia, de bom tom, e de amabilidade cativante.

A civilidade irmana-se com a civilização; ambas procuram suavizar os costumes humanos, tornar a vida mais agradável. A civilização é o fruto da inteligência; a civilidade é o fruto da boa vontade e do amor dos homens.

10. Necessidade. — Existe uma lei de simpatia natural que une todos os sêres da mesma espécie. Seria inadmissível, portanto, que o homem não se interesasse por outro homem. Êste interêsse manifesta-se em certo grau até entre os animais, que se rejubilam quando encontram os da mesma espécie; sabemos que o cavalo relincha quando, depois de certa ausência, encontra seu companheiro de estábulo; outros animais sabem manifestar por certos sinais a alegria de se encontrar.

Nas relações humanas, devemos mostrar aos outros homens quanto lhes somos gratos por vivermos em sua companhia; devemos prestar-lhes algumas homenagens, segundo o lugar que ocupam na grande família humana; devemos-lhes manifestar por sinais externos de benevolência e de estima, o nosso agradecimento pelos bens que recebemos da sociedade de que somos membros; enfim, devemos honrar em todos os nossos semelhantes a nossa própria imagem e natureza.

11. Duas formas de civilidade. — A civilidade existe sob duas formas: a primeira forma consiste no conjunto dos sentimentos que nos animam em relação ao próximo; é a civilidade do coração. A segunda forma é a manifestação externa dêstes mesmos sentimentos; é a civilidade dos modos.

a) A CIVILIDADE DO CORAÇÃO. — Fundando-se na estima e no amor, consiste no esquecimento de si próprio em proveito dos outros.

Ela faz o homem benevolente com os inferiores, cordial com os iguais, respeitoso com os superiores; mostra-se

receosa de desagradar, desejosa de ser útil, caridosa e complacente.

Convém-lhe o que da caridade dizia São Paulo: é paciente, benfazeja, não inveja, não pensa o mal, não procura o próprio interêsse, não é ousada, tudo acredita, suporta e sofre.

A verdadeira civilidade do coração é, pois, uma das formas da caridade, toma desta as regras principais na sua aplicação exterior, assim como se reveste das delicadezas das suas formas.

A civilidade do coração não admite fingimento; deve ser a fiel expressão dos sentimentos da alma virtuosa, inimiga do orgulho, da dureza, da injustiça; ao mesmo tempo é feita de retidão, de modéstia e de doçura: nela se resumem todas as virtudes do cristianismo, e tal a encontramos no Evangelho.

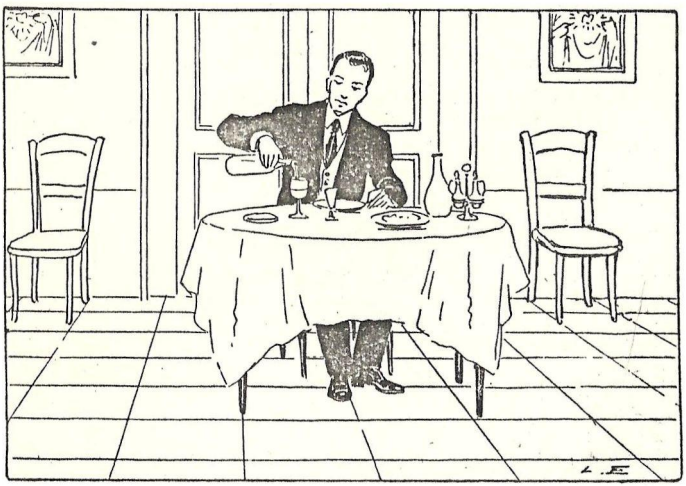
É indispensável a todo homem, qualquer que seja a posição dêste na escala social; nas suas relações com os seus semelhantes, o homem deve guerrear os seus defeitos, suprimir as arestas do seu egoísmo inato, suavizar os pontos de contacto, harmonizar as suas tendências com as exigências da posição, do tempo, do lugar, das circunstâncias; por meio disso desfrutará os bens e as vantagens que lhe proporciona a vida em sociedade.

b) A CIVILIDADE DOS MODOS. — Os atos são a tradução externa dos nossos sentimentos; existe entre o exterior e o interior uma influência recíproca: os atos originam os sentimentos, e os sentimentos se traduzem em atos.

Daí a necessidade de manifestarmos aos outros homens os sentimentos de estima e de benevolência que nos animam, usando nas nossas relações com êles dos meios mais favoráveis para esta manifestação: esta expressão natural é a civilidade dos modos.

Não raro existe infelizmente em algumas pessoas um desacôrdo visível e doloroso entre os modos externos e os

sentimentos íntimos. Nestes casos, a civilidade é só uma tinta externa, um verniz que encobre um fundo de qualidade medíocre ou desprezível.



A MESA.

Encher o copo. — Tomar a garrafa pelo gargalo e encher o copo devagar. Evitar de segurar a garrafa pelo bôjo.

Segurando a garrafa pelo bôjo, arranjar-se para que o índice se encoste um pouco no gargalo. — Notar a posição corretíssima do corpo (aprumado), das pernas e dos pés (juntos nos calcanhares) e da mão esquerda, que descansa na mesa até o punho apenas.

Mas assim mesmo, se a civilidade externa não procede, como deveria ser, da bondade, da equidade, da complacência, da gratidão e de outras virtudes interiores, não deixa de dar uma aparência agradável destas mesmas virtudes, mostrando o homem tal como deveria ser interiormente; a tarefa será então esta: realmente sermos tais como queremos ser vistos.

A civilidade dos modos consiste em observar certas regras no trato social e é chamada: *o saber-viver*. Estas re-

gras são um código que ensina o necessário para mantermos com os nossos semelhantes relações amenas e suaves, para saber falar, conversar e escutar. Ninguém conhece de maneira inata os preceitos da civilidade, e nem os aprende de improviso; aprendem-se pelas lições dos mestres, e pela prática, como também pela frequentação das pessoas bem educadas; resumem-se na discrição, no tacto, na amabilidade, na delicadeza e na abnegação.

A civilidade valoriza um talento, aprimora uma educação, ampara uma fortuna, vence as resistências, assegura ao homem um caminho feliz nesta vida.

O homem que sabe aliar harmoniosamente em si a civilidade do coração com a civilidade dos modos, cria ao redor de si um ambiente de verdadeira simpatia.

Mas aquele que possui apenas a segunda forma, não tarda em despertar nos observadores uma real antipatia e uma repulsão instintiva, justo castigo de querer apresentar aos outros sòmente a máscara da verdadeira honestidade.

Para os moços, jovens itinerantes na vida, a civilidade é sobremodo indispensável. Os moços, com efeito, precisam do conselho, da direção, do amparo dos que são mais experientes na vida; ora, só pela civilidade nas suas relações poderão conquistar a confiança dos seus chefes e protetores, nos diversos departamentos da atividade humana.

Quantos desejos estéreis, quantas solicitações improdutivas, quantas posições vantajosas perdidas, por não se ter apresentado credenciais rigorosas de boa e indispensável civilidade, de modos agradáveis e cativantes que conquistam e seduzem.

Saibamos que, por causa dessas cousas chamadas vulgarmente pequenas, os homens decidem dos nossos interêsses. É muito justo dizer: o desejo de emancipar-se das regras da civilidade é filho da vontade de não contrariar os seus defeitos.

12. **Pensamentos e máximas.** — Recusa-se ao homem grosseiro o que se concede ao homem cortês.

O homem deve juncar de flores a estrada na qual anda com seu próximo. (S. F. DE SALES).

Fazei aos outros o que quereis que vos seja feito. (EVANGELHO).

Portai-vos em toda a parte como rodeados de mil testemunhas.

13. **Leitura.** — *Civil* é o menino que guarda uma posição natural quando está de pé, descansa o pêso do corpo igualmente sôbre as duas pernas, tem a cabeça de prumo e levemente inclinada para a frente, com os pés quase juntos pelos calcanhares mas bastante abertos nas pontas.

Incivil é o moço que, de pé, descansa o pêso do corpo ora num lado ora no outro, que se encosta em alguma mobília ou inclina a cabeça para um lado ou para trás.

Cortês é o homem que tem o busto firme quando está sentado sem deitar-se no encôsto da cadeira nem agachar-se na frente; que mantém as pernas verticais e os joelhos quase unidos.

Descortês é o que fica sentado pelo través da cadeira, que cruza as pernas ou as estende com negligência, que as balança; que segura os joelhos com as mãos ou os põe um em cima do outro; ou descansa um cotovelo sôbre o joelho para segurar a cabeça com a mão.

Polido é o aluno que permanece quieto num banco afim de não molestar os companheiros; *impolido* é o que faz oscilar o banco nas mesmas ocasiões e assim perturba os colegas.

Rústico é o menino incapaz de andar sem fazer muito ruído; que não sabe lavar o rosto nem as mãos, logo ao levantar; que emprega a saliva para tirar manchas; que passa facilmente as mãos no rosto ou coça a cabeça em público; que palita os dentes com os dedos; ou olha no lenço depois de assoar o nariz.

CAPÍTULO IV

O porte.

14. O porte é o conjunto das diversas atitudes que o corpo toma quando andamos, ou estamos sentados, ou de pé, a sós ou em companhia.

O porte é característico do grau de cultura de uma pessoa; é o indício natural de uma boa ou má educação, a tradução externa de um conjunto de virtudes morais.

Todas as qualidades do porte resumem-se na dignidade da atitude. Devemos zelar e conservar esta dignidade por causa do respeito que merecem: 1.º a presença de Deus; 2.º a companhia do nosso Anjo da Guarda; 3.º o amor da nossa própria dignidade; ora, o respeito nasce da estima e do conhecimento exacto que temos da pessoa respeitada; está em razão direta dêste conhecimento. Um homem instruído, conhecedor das maravilhas orgânicas que constituem um ser vivo, tem respeito à vida. Quem conhece as grandezas e as prerrogativas da paternidade, tem respeito à constituição sagrada da família. Quem conhece a grandeza da majestade divina, respeita a sua presença, seus representantes, as autoridades constituídas, a ordem moral e social. Na alma da juventude, o respeito é uma fôrça educativa indispensável, porque só com o respeito na base da educação, é possível adquirir a virtude, dispor o espírito para as influências do bom exemplo, excitar e fomentar no jovem o ideal do bem, elevá-lo para o que é sempre nobre e belo.

O desleixo nas atitudes é, pois, uma nota de ignorância, traduzindo-se em falta da correção e do respeito, que devemos a nós mesmos e aos homens com quem vivemos. Cada um deve zelar pela sua boa reputação; ora, como o exterior reflete as nossas disposições íntimas, nossa atitude nos faz conhecer como somos; dêste modo merecemos a estima ou a desconsideração, a simpatia ou o desprêzo, na medida em que o nosso porte manifesta as nossas qualidades ou os nossos defeitos.

15. Em Atenas estudavam no mesmo tempo S. Basílio Magno, S. Gregório e Juliano, denominado pela História o Apóstata. As atitudes dêste último manifestavam o desregramento da alma e escandalizavam os estudantes. Os olhos eram vivos, porém, inquietos; o tom altivo, desdenhoso

e insolente; trejeitos e caretas ridículas tiravam toda graça à sua fisionomia; ria sem motivo e às gargalhadas. Êstes defeitos e outros mais graves, mal encobertos pelo véu transparente da hipocrisia com que procurava escondê-los, levaram S. Gregório a dizer: "Que monstro se prepara para o Império!" E o santo não se enganava.

Quão longe disso andavam os Santos! Tal êste amável e meigo Francisco de Sales, sempre acompanhado de doce e afetuosa dignidade; tal esta angélica S. Teresinha, ídolo do mundo inteiro, de atitude celeste, encantadora, retrato puríssimo da candura do seu coração.

Nunca é lícito renunciar à seriedade e à decência das boas atitudes: o frio, o calor, as incomodidades, a mesma doença, nada pode justificar uma postura inconveniente, porque acima das comodidades permanece a grande lei da dignidade e do respeito.

O bom porte tem influência notável sôbre o estado da saúde física, assim como é sinal de uma consciência delicada, um reflexo de virtude.

16. Leitura. — O meigo São Francisco de Sales, sabia unir a mansidão evangélica com os modos mais delicados.

Em público, como a sós consigo, guardava sempre a postura mais correta.

De Camius, bispo de Belei (França) e amigo íntimo dêste santo, teve muitas vezes ocasião de examiná-lo secretamente: sempre o encontrou numa posição irrepreensível; tamanho era o respeito do santo pela presença de Deus que não se atrevia a praticar em particular a mínima imperfeição, nem qualquer uma das mil liberdades que tão facilmente nos concedemos quando estamos sòzinhos.

De pé.

17. O porte correto é oposto ao ar pedante, empertigado e pretencioso. Estando de pé, não se deve descansar numa perna só todo o pêso do corpo, deixando a outra

bamba. Não convém encostar-se numa árvore, numa parede, numa mobília. Seria ainda pior apoiar um pé na parede, num banco, numa cadeira, o outro descansando no chão. Fique a cabeça levemente inclinada na frente, evitando jogá-la de diante para trás ou de trás para diante.

Os pés devem estar unidos, em ângulo um tanto aberto e os calcanhares quase juntos.

Um dos braços estará pendente naturalmente, e o outro um pouco dobrado junto ao corpo.

Evite-se traçar no chão com a ponta do pé ou com a bengala, desenhos, figuras de geometria ou linhas quaisquer; durante a conversa não se levante o corpo na ponta dos pés, nem se tirem do chão os calcanhares, como quem executasse um exercício de ginástica.

No andar.

18. No andar, evite-se a precipitação, salvo nos casos urgentes em que se deve acudir para alguma necessidade. Seja o passo enérgico, mas sem exagêro. A lentidão no andar é sinal de temperamento esgotado, doentio ou preguiçoso.

Executem os braços um leve movimento de balanço combinado com a cadência da marcha, e pisem os pés no chão com todo o comprimento do calçado, sem que se perceba o choque da queda.

Os joelhos devem fazer em cada passo uma flexão levíssima e depois ficar firmes com a coxa, que é a propulsora da perna.

No andar não se balancem nem o busto nem a cabeça de um lado para outro; seria sinal de falta de educação física. Não se olhe atrás durante a marcha, nem se virem bruscamente a cabeça e o corpo.

Ao subir por uma escadaria, não se arraste a sola do calçado no plano dos diversos degraus; levante-se bastante a perna para que o pé assente inteiro de uma só vez; é muito inconveniente arrastar os pés no soalho dos aposentos, nos caminhos e nas escadarias. Deixemos isso aos velhos, aos estropeados, aos tísicos, ou aos cavaleiros da roça, que gostam do retinir das esporas nos soalhos das suas casas.

Sentado.

19. Chegado o momento de assentar-se, escolha-se o assento mais humilde e mais modesto. Se nos fôr oferecida uma poltrona, recusemos cortesmente; se houver insistência, aceitemo-la, e ao acomodar-nos, evitemos toda atitude de moleza.

Não convém deixar-se cair no assento, nem dêle se levantar bruscamente.

Uma vez sentado, o corpo não ficará inclinado para a frente, nem deitado no respaldo do assento.

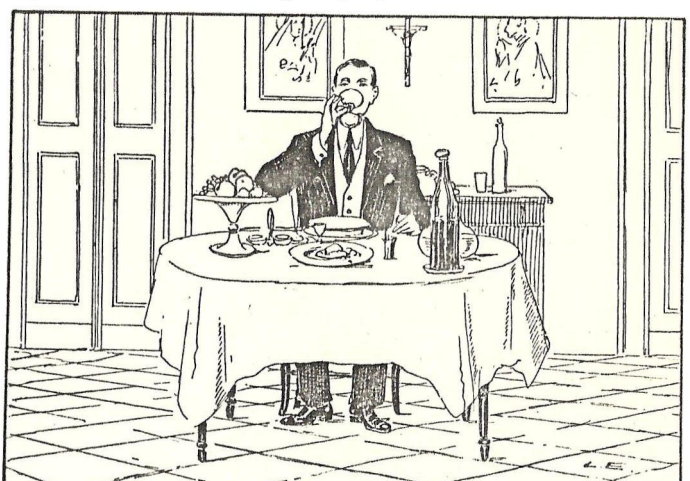
As pernas devem cair perpendicularmente ao chão, os joelhos quase unidos. Seria incivil alongar as pernas, cruzá-las, colocar um joelho em cima do outro.

Mais imperdoável ainda seria pôr um pé sôbre um joelho, segurar a perna com a mão, passar as mãos pelo calçado, segurar uma perna com as mãos cruzadas na frente dela, etc.

Cuide-se de evitar as oscilações do corpo sentado, como também não se imprima ao assento nenhum movimento de balanço.

Os braços não serão estendidos sôbre o respaldo da cadeira ou do banco, nem no das cadeiras vizinhas, nem metidos detrás do assento.

Tanto de pé como sentado, não se conserve na mão nem chapéu, nem bengala, nem guarda-chuva; sejam êstes objetos colocados em lugar apropriado.



À MESA.

Modo de beber. — Segurar o copo com a mão direita, levá-lo à bôca e encostá-lo levemente no lábio inferior. — Evitar de ter alimentos na bôca, de fazer ruído com a bôca, de beber muito devagar ou muito depressa, de erguer para o alto os dedos livres. — Observar a posição corretíssima do braço esquerdo, como descansa sôbre a mesa até o punho somente.

Em presença de outra pessoa, evite-se passar a mão pelos cabelos, introduzir os dedos nos ouvidos e no nariz, esfregar o rosto com a mão, coçar o corpo, pôr alguns dedos ou a mão na abertura do colete ou nos bolsos das calças: êstes modos são reprováveis.

Máxima. — Um tolo não se assenta, não se levanta, não escuta, não anda como um homem de espírito.

20. Leitura. — Colbert era filho de um negociante de panos e chegou a ser ministro das finanças do rei da França, Luiz XIV,

Como era de família humilde, foi obrigado a ganhar tão alta dignidade a poder de trabalho e de merecimento.

Eis como os bons modos lhe serviram no princípio de sua carreira tão brilhante.

Já naquele tempo os empregos rendosos eram muito cobiçados e até arrancados por meio de *pistolões* ou numerosas cartas de recomendação.

Colbert tinha uns 12 anos, quando teve ocasião de apresentar um requerimento, afim de ser aceito para trabalhar numa emprêsa comercial; mas havia apenas uma vaga para preencher e os pretendentes eram muitos; quase todos trouxeram cartas de recomendação e Colbert não tinha nada.

Afim de reconhecer o candidato mais idôneo, eis as provas que o diretor da emprêsa imaginou: A todos os pretendentes convidou para comparecerem a seu escritório, em hora marcada.

Quando se abriu a porta, os mais atrevidos precipitaram-se no interior da sala e escolheram um bom assento; o jovem Colbert, com poucos outros, de pé, o chapéu na mão, esperou fora que alguém o fizesse penetrar e lhe mostrasse um lugar para sentar-se.

Propositalmente deixara-se aberta a porta de um quarto contíguo; havia vários papéis no chão; ninguém senão Colbert teve a idéia de os levantar do chão para os remeter a um dos empregados da casa.

O diretor ausentou-se do escritório por alguns minutos; quando voltou, apenas Colbert teve a delicadeza de levantar-se em sinal de respeito.

Após estas provas, o diretor não hesitou mais e escolheu o joven Colbert para ocupar a única vaga existente.

CAPÍTULO V

O asseio.

21. O asseio é uma consequência natural do respeito de si mesmo e do respeito que devemos ao próximo; é uma prescrição obrigatória da civilidade e da caridade.

Se observamos a natureza, veremos que nela tudo é belo pelo asseio e pelo brilho das côres, pela pureza e pela frescura das formas.

Depois de seu repasto sanguinolento, o leão, a onça, o gato, etc., limpam-se sem demora, procedem aos cuidados higiênicos.

Os passarinhos, as aves domésticas, usando do bico feito pente, limpam todas as penas do corpo.

A môsca importuna, que pousa no caderno do menino, limpa as asas, como a mais diligente criada passa a escôva nas roupas rendadas da dona de casa.

Tudo se esmera num asseio irrepreensível. As flores do campo são revestidas de pêlos finíssimos que as protegem das poeiras e dos insetos; e de vez em quando um abundante aguaceiro vem lhes restituir o frescor e o perfume. A água é o elemento universal e necessário, para a vida de todos os sêres.

Entre os povos antigos, e mesmo entre alguns modernos, não foi tão comum como hoje o uso da água na higiene corporal. Felizmente em nossos tempos a higiene penetrou em toda parte; as abluções são numerosas entre nós como entre os discípulos de Maomete. Os banhos frequentes são generalizados em toda parte, o asseio geral e profilático progrediu em todas as camadas sociais.

Os banhos completos são necessários para desembaraçar o corpo das poeiras, dos suores, das impurezas que lentamente se acumulam na pele, tanto por secreção como por contato, durante o trabalho, a marcha, o sono.

Sem a loção frequente seríamos logo expostos a mil perigos prejudiciais à nossa saúde, tanto quanto um cafeeiro atacado pela broca ou um algodoeiro roído pela lagarta rosada.

Notemos ainda que o asseio agrada a todos. Quem não viu com íntima satisfação, na manhã de um dia festivo, um bando de crianças vestidas de roupas de asseio irrepreensível; a brancura da roupagem realçava a beleza das fisionomias. Como nos pareceria desagradável, repugnante, ver estas crianças, assim embelazadas pelos cuidados maternos,

irem esbarrando nas rodas imundas das carruagens, ou brincando no meio do carvão, ou chafurdando-se na lama pestilenta dos marnéis. Toda pureza física e moral cativa nossa alma, como seduz o nosso olhar.

22. Cumpre que diariamente se lavem cuidadosamente e com bastante sabão, as mãos, o rosto, as orelhas e o pescoço. A cabeça inteira precisa de loções abundantes. As mãos devem ser lavadas antes das refeições e a miudo durante o dia.

As vestes e o calçado devem ser examinados diariamente, tanto para verificar-lhes a limpeza, como para conhecer seu estado de uso.

Troca-se convenientemente a roupa interna, a que toca o corpo; esta troca é necessária cada vez que temos suado. Os pés exigem um cuidado especial; devem ser lavados todos os dias.

Seria grosseiro e muito repreensível apresentar-se diante dos superiores, dos patrões, na sala das refeições da família, e mesmo começar o trabalho ou tarefa diária sem ter lavado o rosto e as mãos, sem ter penteado o cabelo, sem ter composto decentemente as roupas e sem ter um calçado apropriado.

Ninguém comparece a uma função religiosa, nem se apresenta numa repartição pública, nem mesmo sai de casa sem colarinho e gravata correta.

Assim como a asseio dá um ar de saúde e de bem-estar, assim também a sua ausência produz a repulsão e o desprêzo. Observemos os animais. Quando notamos que uma ave doméstica, um gato, um cachorro, aparece de pêlo sujo, podemos dizer: êste bicho está doente. De fato, êle morre pouco tempo depois.

Uma relação estreita existe entre o asseio e a saúde, como entre a sujeira e a doença. Comer, beber, vestir-se com asseio, conservar limpos e asseados o corpo, a cama, a

habitação, as ferramentas de trabalho, tudo isto favorece em alto grau a saúde.

O ar puro, a pele asseada, a louça em bom estado, os soalhos frequentemente lavados, os quartos sempre arejados, tudo isto é fator importante de saúde e de prosperidade.

Façamos votos, e ao mesmo tempo empreguemos os meios adequados, para que êstes princípios elementares de higiene alcancem todos os habitantes das aldeias e das roças mais retiradas.

Deixemos de rir sem delicadeza do jeca, de caçoar da sua ignorância e do seu desdém pela higiene; levemos-lhe conselhos salutares e persuasivos que hão de minorar os males que o acabrunham, e as doenças que lhe tornam a existência tão melancólica e improdutiva.

Máximas. — **O asseio físico prepara o asseio moral.**

O asseio é o adôrno do pobre; quando falta no rico, a riqueza não o pode substituir.

24. Leitura. — Quando eu era pequenino, numa palestra familiar, em companhia de meus irmãos, eis a lição que me deu vovô:

Queridos netinhos, os deveres para com nosso corpo são quatro principais: o *porte*, a *decência*, a *temperança* e o *asseio*.

O *porte* (o *ar*, a *postura*, a *atitude*, os *ademanes*) é o aspecto físico de alguém, a maneira com que se apresenta e se veste. O aluno que põe os cotovelos sôbre a carteira e segura a cabeça nas mãos quando estuda, tem porte defeituoso. Outro tanto se diz daquele que tem o rôsto pouco limpo ou o cabelo em desalinho, que se apresenta em sociedade com o paletó desabotoado ou a gravata sôlta.

Igualmente, no traje devemos evitar os requintes exagerados e a frivolidade. Os que passam o tempo a anelar o cabelo, pintam o rosto, trajam sempre conforme o último figurino, não podem ser louvados.

A *decência* é a honestidade no vestuário, no porte, no olhar e na palavra. Esta virtude leva ainda o nome de modéstia e é o mais belo ornato da juventude.

A *temperança* ordena que o homem se abstenha, na comida e

na bebida, não sòmente de tudo quanto é capaz de prejudicar mas ainda do que não é necessário.

O *asseio* consiste em manter o corpo sempre limpo, isento de matérias estranhas. Para isso basta lavar cada dia, uma ou várias vêzes, os membros mais expostos: rosto, pescoço, mãos, frequentemente os pés e tomar banhos completos frequentemente

É perigoso banhar-se depois das refeições; deve-se esperar umas duas horas em geral.

Êstes trabalhos de limpeza são indispensáveis para conservarmos um aspecto correto e também porque a pele é crivada de orificiozinhos por onde sai o suor e êstes orifícios devem ser conservados abertos a bem da saúde.

Tais são, caros netinhos, nossas maiores obrigações para com o corpo."

CAPÍTULO VI

A ordem e o espírito de ordem.

25. A ordem é a expressão prática da regularidade da vida. O espírito de ordem é a inclinação, inata ou adquirida, para esta regularidade.

O espírito de ordem é uma qualidade preciosíssima; poder-se-ia incluir no grupo dos predicados mais indispensáveis ao homem, tanto na vida particular como na vida social, porque se estende beneficamente tanto aos nossos próprios atos como às nossas relações com o próximo.

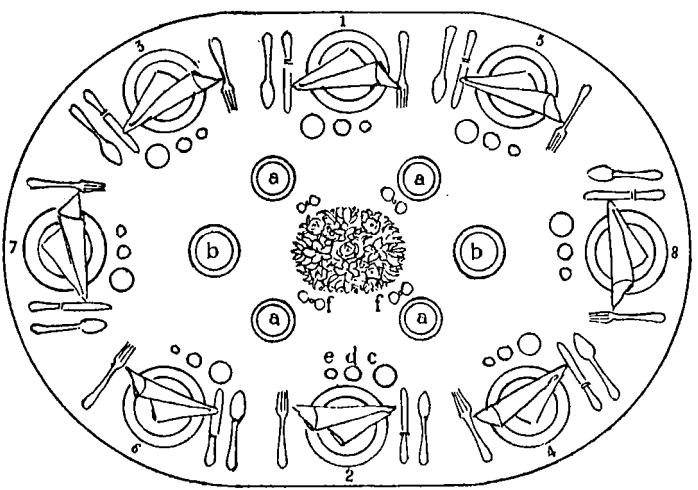
Esta belíssima qualidade influi decisivamente sôbre o êxito da nossa existência, valoriza e fecunda os talentos e as outras qualidades, ao passo que a sua ausência esteriliza as melhores aspirações, inutiliza os mais belos dotes.

A ordem é economia de tempo e de dinheiro; é a fecundidade e a multiplicação dos resultados nos trabalhos materiais e intelectuais, porque utiliza completamente o tempo, evita as vacilações e as dúvidas. A desordem é a

mutilação do tempo, das riquezas, do talento, a ruína de todas as vantagens da organização.

Observemos o homem em diversos estágios da vida.

26. Aluno. — O aluno que despreza a regra suprema da ordem: cada cousa em seu lugar é um lugar para cada cousa, vive numa série interminável de contrariedades. No fim do dia, quando volta do colégio, atira a pasta e os livros a um lugar qualquer, em vez de depositá-los no lugar apropriado e sempre o mesmo.



MESA.

Mesa posta. — 1 = 1.º lugar, dono de casa; — 2 = 2.º lugar; — 3 = 3.º lugar; — 4 = 4.º lugar; etc.

a = garrafas; — b = outras garrafas; — c, d, e = copos de vários tamanhos; — f = saleiros.

Os livros vão parar a um banco, numa cadeira, em cima de uma cama ou de um baú, na cozinha, ou num banco do jardim.

Encontrada por alguém que não tem espírito de ordem, a pasta é repelida, talvez a ponta-pés, e vai parar em outro lugar. Aí não acaba a série de suas viagens. Na cozinha suja-se; no jardim molha-se; no corredor é pisada.

Chegando a hora de estudar as lições, ouve-se o menino gritando: Onde está minha pasta?... Quem me tirou os livros?... Aí vem a perda de tempo, a irritação, o descontentamento.

Mas, abramos esta famosa pasta, e veremos que dentro nada está no lugar devido: penas, lápis, livros, cadernos, cadernetas, rascunhos, tudo está baralhado; a desordem é tão grande que para encontrar a borracha é preciso jogar fora todo o conteúdo desta pasta sem ordem.

Agora, olhemos os livros e os cadernos: aí se nota o mesmo fenômeno. Limpeza não há; caricaturas e sentenças ridículas cobrem as capas e algumas fôlhas.

Os trabalhos escritos não se sucedem com ordem; a escrita não acompanha as pautas, as letras têm forma viciada. As vírgulas, os pontos, os acentos, parecem semeados no texto como pimenta em cima de macarrão: tudo aqui, nada ali.

Entretanto, uma pasta e uma mesa de trabalho são como um mundo em miniatura, retratando o seu dono, contando também muita cousa a respeito do colégio, das lições, dos métodos de ensino.

Perguntando alguém se o dono tem o espírito de ordem ou de desordem, a carteira responderá, louvando ou criticando.

Advirtamos que a resposta será verdadeira por muitos anos além, anunciando-nos a marcha da vida dêste menino, homem de amanhã, e mais seguramente do que poderiam fazê-lo os adivinhos e os sonâmbulos, quando examinam o pó do café ou as linhas da mão para predizer o futuro.

Vê-se que desde jovem é preciso habituar-se à ordem, no modo de tratar os livros, os cadernos, as peças do vestuário. O hábito da ordem acompanha o homem durante toda a vida, sendo tão inseparável dêle como a própria sombra.

27. O moço. — Chega necessariamente o momento em que o moço é investido da sua própria responsabilidade, devendo ser dono das suas ocupações e da distribuição do seu tempo.

Quando êle é fiel às recomendações dos seus antigos mestres e educadores, sabe arranjar um horário e um regulamento de vida, que dirige todos os seus interêsses. Nesse horário, cuja composição é precedida de fervorosa prece, êle faz quatro partes. A primeira trata dos exercícios de religião cotidianos e hebdomadários; a segunda discrimina as suas ocupações e o seu método de trabalho; a terceira se refere às suas relações de família, e a quarta às suas relações sociais.

O espírito de ordem adquirido durante a primeira educação e ao qual promete fidelidade, garante-lhe o sucesso. Por meio dêste regime de ordem livremente escolhido, realizará trabalhos metódicos e frutuosos. Cumprirá facilmente os seus deveres; a consciência sempre satisfeita lhe proporcionará alegrias íntimas, doce fruto da sujeição à disciplina do dever.

Como é desolador, pelo contrário, ver um moço, sem espírito de ordem e de disciplina, que se entrega às variações incessantes dos seus caprichos!

O levantar é cada dia um novo sacrifício, porém inglório, porque o moço é o último da casa a estar de pé; as horas da manhã, divinas, lúcidas e preciosíssimas, gastam-se em passa-tempos de toucador e em futilidades.

O quarto em desordem, juncado de livros e de revistas

da última banca, é o retrato da desordem dos costumes de quem o habita.

Os atrasos frequentes à mesa de família privam os pais da doce convivência que a intimidade do lar torna tão salutar.

As festas mundanas roubam parte dos dias e das noites. O deitar é irregular.

Com o coração sobressaltado, o pai vatieina um porvir sem esperanças; a mãe vem contando os atrasos noturnos, e definha de pesar.

Pobre saúde física que se estiola; pobre saúde moral que agoniza: doloroso resultado de uma vida sem ordem. Onde faltam a regra e a ordem, falta a voz do dever.

28. Leitura. — A fortuna e a pobreza são distribuídas por Deus como lhe agrada. Portanto, não temos merecimento algum em gozarmos dos bens dêste mundo; nem tão pouco será condição ignominiosa se tivermos de sofrer as agruras da penúria.

Em geral, é bastante fácil dirigir uma casa às direitas para o rico que manda a numerosa criadagem. Mas fazer reinar a ordem, o asseio e a higiene no seio da pobreza é muito mais custoso e meritório.

Não há dúvida que a Sagrada Família de Nazaré se encontrou no segundo caso: não era rica; entretanto, a ordem, a limpeza, o contentamento brilhavam por toda a parte.

Eis outro caso. A 18 de abril, a Igreja celebra a festa da bem-aventurada Maria da Incarnação, que foi espôsa de riquíssimo fidalgo, o sr. Acarie. Reveses políticos exilaram e empobreceram o espôso. Os credores fizeram irrupção na casa da sra. Acarie e lhe arrebataram tudo: móveis, vestuário, louça; nem lhe deixaram uma cadeira para sentar-se.

No excesso da dor e do abandono, esta mulher forte e religiosa não desanimou. Depositou em Deus toda a esperança, trabalhou com afinco, reduziu as despesas ao mais estrito indispensável, fez trabalhar os filhos, inspirou confiança a todos e afinal conservou à família honesta mediania e nome respeitado.

Mais tarde entrou numí convento, introduziu as carmelitas na França e morreu como santa.

A ordem é virtude do rico e riqueza do pobre.

CAPÍTULO VII

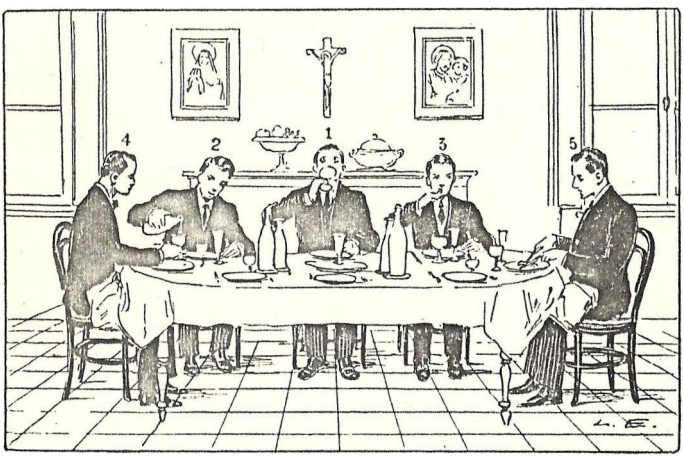
A ordem (continuação).

29. Comerciante ou industrial. — A ordem é a condição da vida e da prosperidade de todo empreendimento; a desordem é a ruína e a morte. No comércio e na indústria, a ordem é não sòmente uma virtude, mas também uma condição essencial. Que será de uma casa comercial onde não houver ordem na escrituração? Aí não se trata apenas de uma imagem de ordem mais ou menos exata, senão de estrita exatidão. Um Diário e um livro de Caixa devem ser exatíssimos; esquecer de inscrever, ou escrever um lançamento em lugar errado; extraviar faturas e notas é mais grave que um descuido comum, é falta de consequências fatais: a perda do crédito, a queda, a decadência, e finalmente a destruição. O comércio e a indústria não podem admitir nem tolerar a falta de ordem.

30. Operário. — Entremos numa oficina. Aí trabalham vários operários; o espaço é repartido rigorosamente para cada máquina e suas serventias. Cada operário tem ao seu alcance as ferramentas necessárias, distribuídas por secções, grupos, tamanhos e qualidades; para procurar e restituir uma ferramenta, não se perde tempo, porque cada uma vai a lugar certo, sempre o mesmo, e numerado. Reina ordem e diligência em todas as secções, e por isso o trabalho é bem feito, abundante e remunerador.

Certo dia, entra um novato nesta oficina; é um moço trabalhador, esforçado, honesto e hábil, porém não tem o espírto de ordem. Vale-se de qualquer ferramenta que estiver ao seu alcance; pede aos companheiros instrumentos emprestados, e se esquece de restituí-los aos donos. Na sua repartição de trabalho, amontoam-se as cousas mais dispa-

ratadas e, entretanto, os companheiros sentem falta de tudo; depois de oito dias, a oficina está em desordem; nos depósitos, tudo está baralhado: qualidades, espécies, valores, etc. Aos outros operários faltam ferramentas diversas: limas, plainas, serrotes, cavadeiras, martelos, pregos, parafusos, etc.



À MESA.

4.º lugar. 2.º lugar. 1.º lugar. 3.º lugar. 5.º lugar. Apresentar o copo. Dar de beber. Beber. Levar à bôca. Cortar no prato. Reparar a posição correta de todos: cabeça, tronco, pernas, pés, braços, mãos.

Então chega para todos o momento das discussões, das altercações e das acusações recíprocas; agastam-se, perdem o tempo, e vão dizendo: É impossível continuar aqui com êste novo companheiro; ou mude de modos, ou vá embora. É muito acertada esta medida, porque um homem desordenado prejudica a todos os colaboradores.

31. Nos serviços públicos. — Nos serviços relativos à saúde pública, impõe-se uma ordem minuciosa e absoluta. Nesse ramo, uma indicação descuidada, uma receita

médica mal transcrita, uma fórmula confundida com outra podem ser causa de envenenamento. O ferido, o operado dependem da prontidão dos serviços, da ordem, da diligência dos operadores e dos auxiliares.

Quantas vêzes, nos acidentes e nas catástrofes, o pôsto de assistência não fica improfícuo, por não possuir no instante preciso o material com que se contava? Faltou a chave, o remédio, o sôro, o aparelho pedido e que não foi remetido; faltaram as cordas, os cintos, as canoas, os botes, a gasolina, as escadas, a pressão da água, o vapor, o telegrafista; o material disponível estava avariado, etc.

É gravíssima a falta de ordem nas estradas de ferro, nas companhias de navegação, nos serviços telegráficos.

Nas administrações públicas, a ordem é não só uma qualidade profissional, mas também uma coluna, uma necessidade da vida nacional; a desordem nos serviços públicos é a causa primeira da ruína do país; precisa-se de ordem nas finanças, no exército, no ensino, na política, nos trabalhos públicos, no policiamento e na justiça.

A ordem é, pois, de suma importância; desde cedo é preciso praticá-la. Certas pessoas têm como instintivamente o espírito de ordem. Entrando num aposento, não suporatm ver objetos jogados no chão; recolhem-nos, colocam-nos no lugar devido; têm o senso da simetria e o gênio da classificação, auxiliado por uma memória feliz.

Um homem ordeiro é um auxiliar precioso numa família. Todos recorrem a êle, porque êle sabe onde estão as cartas, os livros, as contas pagas, os utensílios: é o arquivista da casa: conhece o conteúdo dos armários, das gavetas e dos guarda-roupas.

Que o moço se habitue desde os primeiros anos ao método na vida e à regularidade no trabalho. Que nos bolsos, nas gavetas, nos armários e nas mesas de trabalho não haja baralho e confusão de todas as cousas. As espécies diferentes

estejam em lugares diferentes, e que as cousas de mesma espécie sejam ordenadas e numeradas.

De noite ao despir-se, coloquem-se as roupas em lugar conveniente, ao alcance da mão. Seja recolhido o que está caído do seu lugar, limpe-se o que o pó e a umidade podem estragar.

Suprimam-se os papéis e os objetos que entulham os cantos de certos aposentos.

Que montão de inutilidades se ajunta num armário, num quarto desocupado, numa mesa de trabalho, quando aí são jogados, como por acaso, jornais, revistas, livros, cartas, anúncios, brinquedos, rôlhas, barbantes, etc.

A desordem no govêrno das cousas materiais gera facilmente o desgovêrno nas idéias. A pessoa habituada ao espírito de ordem é geralmente calma, serena, sempre pronta, termina seu trabalho no tempo certo, ao passo que a pessoa desordenada é ordinariamente nervosa, agitada, atrasada na sua tarefa; tudo lhe sai mal.

Além disto, a desordem torna ridículo, porque é grotesco ver alguém extraviar os objetos de que precisa, apalpar os bolsos, interrogar os outros, correr aqui, acolá, para encontrá-los. Quem não se riu dêsse passageiro que chega à estação de embarque, afobado, resfolegando, arrastando bagagens em desordem e mal afiveladas, os olhos arregalados, a face suada e quase congestionada, chegando à plataforma no momento em que o trem parte? Vítima da sua falta de ordem.

32. Leitura. — **Uma vida dirigida pelo espírito de ordem é fecunda em trabalhos úteis. Conta-se do ilustre geólogo Cuvier que êle tinha *uma tarefa marcada para cada hora, um gabinete particular para cada espécie de trabalho e neste gabinete encontrava-se tudo quanto era necessário para êste trabalho: objetos, livros, desenhos.* Êste costume de ordem constante permitiu-lhe realizar as obras incomparáveis que lhe imortalizaram o nome.**

Imitemos semelhante ordem e para que nossa vida produza numerosos frutos, *demos um lugar a cada objeto; ponhamos sempre cada objeto no lugar marcado e façamos cada trabalho na hora e no tempo próprio.*

CAPÍTULO VIII

A fisionomia — Os olhos e os olhares.

33. O exterior é o reflexo do interior. — O rosto é a parte do corpo humano onde têm sua sede os principais sentidos externos; esta parte é riquíssima em ramificações nervosas. Chama-se fisionomia a expressão geral do rosto.

De todas as partes do corpo humano, o rosto é certamente a mais caracterizada, nobre, bela e expressiva; aí se retrata ao natural o homem interior: espírito, vontade, sentimentos, sensações, emoções, dor e prazer, virtudes e vícios.

As impressões e a idade transformam a fisionomia. O mesmo rosto serve para rir e chorar; o furor sucede ao sorriso; uma palavra assustadora ou malsonante atira o rubor às faces, e uma dor moral intensa provoca o pavor. Uma tristeza íntima cobre-o de véu sombrio. A alegria ilumina a face, derrama o sorriso como um raio de luz. Os olhos brilham de prazer ou de cólera, de contentamento e de esperança.

Todas estas transformações são o reflexo direto dos estados de alma, a tradução escrita dos modos do espírito e dos nossos estados de consciência. Nenhum sistema telegráfico possui sinais tão variados e tão rápidos.

Decorre disto que no trato social toda pessoa deve ser fisionomista, isto é, saber ler e interpretar os sinais estampados na fisionomia do próximo com quem vive e trabalha.

Outro dever que o trato social nos impõe é de oferecer aos outros uma fisionomia amável e benevolente, onde se leiam a cordialidade e a simpatia. O aspecto atraente

ou repulsivo do nosso rosto não depende da regularidade ou das linhas naturais das nossas feições; depende tão sòmente da expressão de bondade ou de austeridade que projetamos no nosso exterior.

As fisionomias repulsivas são as que ficam privadas da iluminação interior, intelectual ou moral.

Não é conveniente guardar um ar sombrio durante uma narrativa alegre, nem um ar sorridente ao escutar a relação de um desastre ou de um acontecimento doloroso.

34. Leitura. — O rosto do homem inocente é tão formoso que um autor antigo teve razão quando afirmou que *o mais belo espetáculo do mundo é o rosto de um moço de vinte anos que soube guardar a inocência.*

Eis aqui a descrição do exterior de Nosso Senhor por um autor piedoso: Já aos vinte anos, Jesus atingira completo desenvolvimento. Era de estatura mediana. Não possuia espessa cabeleira nem era abundante em músculos. O sistema nervoso e ósseo, pelo contrário, era bem desenvolvido. O cabelo era de côr loura tirante à parda, assim como a barba, longa do comprimento da mão. A fronte era reta e desfraldada; o nariz levemente aquilino. Os olhos transluziam tamanha limpidez e doçura que os próprios inimigos os contemplavam sem receio. O queixo era graciosamente arqueado; o rosto tinha a côr do trigo maduro. O porte era esbelto e não havia mancha alguma no corpo.

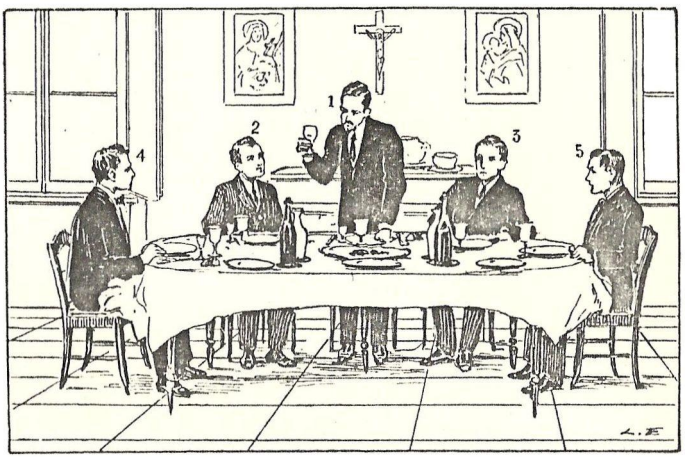
Os olhos.

35. Os olhos são a luz do corpo. — Os olhos são os mais nobres e os mais preciosos órgãos que embelezam o homem. Com êles gozamos de um império cuja extensão é ilimitada; contemplamos o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, desde a imensidade dos campos telescópicos até as maravilhas do microscópio.

São um escrínio onde engastamos as fisionomias dos entes queridos do nosso lar, assim como os horizontes e as paisagens da nossa pátria.

Nenhum outro sinal é dado ao homem para traduzir tão fielmente como os olhos, o pensamento invisível: êles animam e iluminam a fisionomia, são a expressão mais caracterizada e pessoal de um homem.

Quando não podemos observar os olhos, tudo se torna indecifrável numa fisionomia; por isso, o cego não compreende e não é compreendido.



À MESA.

4.º lugar. 2.º lugar. 1.º lugar. 3.º lugar. 5.º lugar.

Um brinde. — Para brindar, levantar-se, com a mão direita segurar o copo no qual há um pouco de vinho, inclinar-se, falar com nitidez e olhar amavelmente a pessoa brindada. — Como sempre, o olhar bondoso, os traços da fisionomia são a alma da cortesia. — Notar a atenção e o porte corretíssimo de todos: mãos, pés, cabeça, corpo, etc.

Em toda pessoa, porém na criança sobretudo, a limpidez do olhar é o reflexo da candura da alma. No olhar da mãe está condensada e resumida toda a história do amor materno. Nos olhos estão as fontes das lágrimas, sinais

inequívocos das grandes emoções. Entre os hebreus e os árabes, olho significa fonte; de fato, dos olhos brotam as lágrimas, os lampejos da cólera ou da bondade.

Encontramos olhos maus, encobertos, duros, secos; outros há que são sinceros, límpidos, amáveis, cativantes; uns irritam, outros alegram; uns repelem, outros atraem e animam.

O olhar humano possui uma influência e um poder inexprimíveis. A imagem do olhar do pai e da mãe fica impressa durante toda a vida na lembrança do filho; a doce luz dos olhares de tão bons amigos mesmo do outro mundo, dirige os bons filhos no bom caminho; feliz daquele que os interroga nas horas amargas da adversidade e da tentação! Quantos homens foram salvos do desespêro pela ternura delicada de um olhar amigo?

36. Pelos olhos, o homem conquista o mundo inteiro. — Poderosa é a influência dos olhos para encantar, seduzir, ou repelir e terrorizar punir ou recompensar, animar ou abater; é pelos olhos que o homem domina as feras, amansa os leões e subjuga a ferocidade dos tigres.

Nosso primeiro dever natural é tratá-los bem. Todo instrumento precisa de limpeza para ser conservado em bom estado, sobretudo quando é muito delicado; ora, temos só um par de olhos; com quanto asseio e cuidado devem ser tratados!

Não se deve ler nem escrever com luz insuficiente ou no crepúsculo. Os jovens são frequentemente incautos neste ponto; mais tarde lamentam imprudências cometidas, porque, mesmo neste mundo, tudo se paga segundo as leis naturais sabiamente estabelecidas.

Claridade excessiva, assim como trevas repentinas e demasiado prolongadas lhes são prejudiciais.

A iluminação das grandes cidades, os mostruários faiscantes de luz, os anúncios luminosos de côres berrantes e variegadas que se sucedem brutalmente, provocam facilmente doenças nos olhos; o mesmo se dá com a frequentação do cinema, e o uso prolongado dos instrumentos de ótica.

Mas não basta proteger os olhos contra os perigos externos; em numerosas circunstâncias podemos originar doenças graves pela falta de asseio das mãos, dos dedos, dos panos, dos lenços com que tocamos ou esfregamos êsses órgãos delicadíssimos.

É muito importante fazer bom uso dos nossos olhos. A regra suprema será de conservá-los nos limites da modéstia cristã. Não devem pousar em objetos que despertem a idéia do mal. Em presença de um pai ou de um superior, devem ser abaixados com modéstia; seria errar gravemente contra o decôro e respeito devido a pessoas de autoridade fixá-los no rosto delas.

Que os olhos sirvam para observar e admirar os grandes espetáculos da natureza e do céu, as qualidades e a prodigiosa variedade dos minerais, dos vegetais e dos animais. Devemos considerar ainda mais os olhos dos nossos pais, e nêles leremos a ternura e o amor; às vezes leremos o desprazer que lhes causam as nossas faltas.

Os olhos do bom filho exprimem amor, reverência e fidelidade, como os olhos do mau filho traduzem a mentira, a deslealdade, o mau estado da alma.

Que todos os olhares, em vez de serem furtivos e dissimulados, sejam claros, francos, cheios de compaixão para a dor alheia, submissos e respeitosos para com as pessoas de idade, porém sempre firmes para fitarem resolutamente o inimigo da pátria.

Os olhos são as janelas da alma; com os incautos, a morte espiritual entra por estas janelas.

37. **Leitura.** — Importa muito vigiar sôbre o sentido da vista, tanto mais que a *gula dos olhos*, no dizer de Bossuet, nunca está satisfeita e por assim dizer não tem nem fundo nem beira.

É preciso reprimir os olhos, ensina um santo; do contrário, tornam-se ganchos infernais que arrastam irresistivelmente a alma e a fazem cair em pecado contra a própria vontade.

Haja vista a mulher de Putifar, que pretendeu seduzir a José; os acusadores da casta Suzana; a imprudência e as tristes consequências do olhar de Davi sôbre Betsabé.

Os olhos são o espêlho da alma; Átila, o feroz rei dos Hunos, os tinha pequenos, irrequietos, faiscantes, sedentos de saque e de sangue. Em Mântua, viu-se subjugado pelo olhar sereno e grave de São Leão Magno.

O meigo olhar do divino Salvador fez irromper na alma de Pedro infiel, manancial perene de lágrimas de salvação.

Saibamos compor nossos olhos pela prática da modéstia cristã.

CAPÍTULO IX

Cuidados higiênicos.

38. **Cabeça, cabelos, nariz, orelhas, bôca.** — A higiene e o asseio são partes integrantes da civilidade; são uma forma e um sinal do respeito e da estima que devemos ao nosso corpo, a nós mesmos e ao próximo com quem compartilhamos os prazeres e as vantagens da vida social.

Constituem uma condição e ao mesmo tempo uma necessidade para a conservação da saúde. Sempre agrada pelo seu aspecto a pessoa asseada, como, pelo contrário, causa repulsão aquêle que se apresenta com sinais visíveis de falta de asseio. Perdoa-se a ignorância involuntária, porém ninguém perdoa a imundície, a falta de limpeza. Não se sujeitar às regras da higiene provém da falta do sentimento da dignidade pessoal; é prejudicar a própria saúde, preparar-se uma velhice prematura e impor aos outros homens o pesadelo repugnante de uma companhia detestável.

39. A higiene é o meio preventivo das doenças.

A medicina atesta que a falta de higiene é a causa certíssima de numerosas doenças e o caminho ordinário para contrair muitos vícios corporais e espirituais.

A higiene começa pelo corpo; depois aplica-se às roupas, e finalmente abrange os modos exteriores da vida, tanto no trabalho como no descanso.

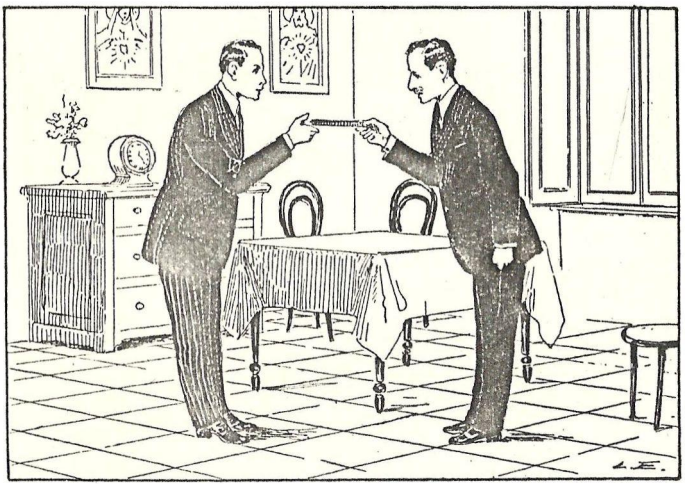
40. Instalações sanitárias. — A frequentação diária das mesmas, em casa, na escola ou em lugar público, revela a educação de uma pessoa. O bem-educado utiliza-se delas com o máximo asseio e decôro, deixando tudo em ordem, serve-se de papel higiênico e não deixa de lavar-se as mãos ao desocupar-se.

41. Respirar é viver. — Respirar é sinônimo de viver, como expirar significa morrer. A má respiração ou a respiração insuficiente diminui a vitalidade, produz a velhice precoce, e a morte prematura, porque atenua as importantíssimas funções das glândulas endócrinas. A grande respiração, com movimento dos braços, combate muitos males internos, conserva a boa qualidade do sangue, entretém a saúde e prolonga a vida até uma velhice muito adiantada.

Os primeiros instantes de cada dia, depois da oração matinal, devem ser consagrados à higiene e à cultura física; experimenta-se deliciosa sensação de bem-estar; com as golfadas de oxigênio, desperta-se a vida física, estimulam-se os órgãos, eliminam-se as toxinas, prepara-se o campo para a cultura intelectual e moral.

42. Os quatro banhos diários. — Os quatro banhos matutinos recomendados pelos higienistas são: banho

interno com um copo de água, banho externo com loções abundantes de água por todo o corpo, banho de ar e banho de luz. Em nossos climas de temperatura quase sempre alta, é necessário lavar os pés todos os dias antes de deitar, e as mãos antes de qualquer refeição; as mãos não lavadas contaminam os talheres e o pão; as unhas devem ser aparadas e limpas. A distinção e a elegância, ao mesmo tempo que a simplicidade e a limpeza, não permitem as unhas compridas e pintadas.



CORTESIA EM GERAL.

Oferecer e receber um brinde. — Parar, unir os calcanhares, com o ângulo dos pés levemente aberto; apresentar ou receber o objeto entre o polegar e os outros dedos naturalmente unidos. Inclina-se e olhar para quem se trata; oferecer com palavras de agrado e agradecer do mesmo modo.

43. A cabeça. — A cabeça deve ser conservada ordinariamente na sua posição normal, isto é, reta, levemente inclinada pela frente, sem dureza nem moleza. Evite-se

incliná-la nos ombros ou sôbre o peito, e não se execute com ela nenhum movimento precipitado de rotação.

As respostas afirmativas ou negativas exprimem-se por *SIM* ou *NÃO*, sem nenhum movimento de cabeça.

E' de bom tom permanecer com a cabeça descoberta em companhia, no interior dos edifícios, na visita dos hospitais, dos museus; nos templos religiosos é sempre de rigor.

É considerado como de má educação passar frequentemente a mão na cabeça, coçar as orelhas, o nariz, alisar os cabelos ou anelá-los com os dedos; êstes modos são descorteses, grosseiros e desasseiados.

44. Os cabelos são o adôrno natural da cabeça. — Os cabelos devem ser aparados cada cinco ou seis semanas; quando curtos, dão ao homem um ar vigoroso e animado; é a moda dos antigos romanos.

Quando por costume se deixam compridos, são um perigo para o couro cabeludo e seguro indício ou de desordem ou de vaidade ridícula. É sinal de caráter mole, efeminado, inclinado à vaidade, passar tempo demorado no trato dos cabelos, untá-los com unguentos, vaselina, molhá-los com águas de cheiro ou outras drogas; o resultado dêste trato anti-higiênico dos cabelos é a calvície precoce.

A caspa trata-se com loções abundantes de água fria e conservando o cabelo curto.

45. As orelhas são postos telefônicos que exigem rigorosa limpeza. — As orelhas são, como os olhos, os órgãos mais preciosos que possuímos para as nossas relações externas; merecem cuidados muito especiais e delicados. São os órgãos do sentido social por excelência. De vez em quando, precisam de limpeza, e esta se faz por meio de um pouco de algodão enrolado na ponta de um palito. Nunca se deve introduzir neste órgão um instrumento ponteagudo, nem mesmo o dedo, uma pena, a cabeça de um

alfinete ou a ponta de um palito, nem objeto redondo, como seja ervilha, feijão, grão de arroz, etc.

O rosto reclama maior asseio. Deve ser lavado não só ao levantar, mas também durante o dia cada vez que se torna necessário, e depois de um trabalho que provocou suor abundante.

Enxuga-se com toalha limpa afim de evitar a irritação da pele e a consequente aparição de espinhas, dartros e outras afecções geralmente produzidas por panos sujos.

Evite-se passar as mãos pelo rosto ou pelo queixo, bater nêle ou nas bochechas; todo movimento dos lábios que não seja necessário para a boa pronúncia é incivil e grosseiro.

Todo rosto é digno de respeito porque nêle se retrata a alma. Dar tapa, bofetada, sôco ou golpe no rosto de alguém é suprema injúria, porque esta ofensa envolve um desprêzo sumo para o ofendido.

46. O nariz. — Êste órgão deve ser tratado com cuidado especial; ninguém ignora que êle pode ser um foco de infecção, de pestilência e de micróbios perigosos, se não houver com êle o asseio e o tratamento exigidos pela higiene e os bons costumes.

O nariz é um laboratório químico; seja sempre limpo.

É repugnante e intolerável ver uma pessoa, criança ou não, introduzir os dedos no nariz. Além de repugnante é muito perigoso, porque não raras vezes produz uma irritação que aos poucos vem a ser uma ferida que desprende cheiro fétido, insuportável.

Um dos atos que todo homem educado deve executar com atenção é usar discretamente do lenço para a limpeza do nariz; no entanto, poucos são que o fazem com civilidade.

Primeiro, deve-se usar só um lenço limpo; segundo, desviar-se das pessoas com que se fala; terceiro, não o fazer com estrépito, nem ruído inconveniente; quarto, não desdo-

brar o lenço à guisa de bandeira; quinto, não olhar, em companhia, o muco nasal; sexto, dobrar o lenço de modo que os cantos envolvam o centro; sétimo, não segurar o lenço na mão durante uma conversa, nem o deixar em cima de uma mobília: mesa, piano, banco ou cadeira.

Quem comparece a uma função ou solenidade pública devendo nela desempenhar um papel representativo: presidente, secretário, orador, etc., deverá prover-se, além do lenço higiênico, de outro lenço de toucador para enxugar o suor do rosto ou das mãos, abafar um espirro, etc.

O espirro é um ato reflexo involuntário. É próprio dos fátuos e dos caipiras espirrar com estrépito, querendo, por um barulho inconveniente, mostrar a fôrça dos seus pulmões. Deve-se espirrar abafando o espirro no lenço, e se o movimento fôr muito súbito, a mão ao menos deve servir de anteparo à bôca.

Era uso antigo dizerem os circunstantes uma saudação no momento do espirro: *Deus o ajude*; a pessoa respondia: *Obrigado*; êste costume tende a desaparecer.

São inconvenientes, não só em sociedade como em toda parte, os trejeitos com as bochechas e o nariz; assim também são detestáveis pigarrear, fungar, rosnar, roncar, etc.: todos êstes ruídos devem ser absolutamente evitados.

47. A bôca. — A bôca é a grande via dos micróbios que aí elegem domicílio, sobretudo entre os dentes; daí a necessidade de conservar a bôca no maior estado de limpeza.

Deve ser lavada de manhã e de noite, e os dentes escovados diariamente. Depois de toda comida forte ou despedindo cheiro desagradável, é necessário passar água na bôca, tanto como medida higiênica como por civilidade. Frequentemente as úlceras e o cancro do estômago são o resultado do mau estado da bôca e dos dentes.

Seria perigoso, além de descortês, introduzir na bôca pequenos objetos para mastigá-los ou produzir mais abundante salivação; êstes objetos poderiam ser engulidos involuntariamente e ocasionar sérios perigos para o organismo.

Nunca um homem educado enfia os dedos na bôca, nem mastiga um papel, nem tritura uma ponta de palito por passa-tempo; êsses modos indicam pouca vigilância sôbre o exterior, relaxamento de civilidade, ou ignorância do bom tom.

48. Provérbio. — Pela bôca morre o peixe... pela bôca o homem arruína a saúde.

49. Leitura. — **Devemos respeitar nosso rosto e também o rosto dos nossos semelhantes. Uma pancada qualquer na face de alguém é sempre injúria grave.**

Quando criança, o Venerável Padre Champagnat viu um professor um tanto nervoso, esbofetear um aluno por uma falta de atenção. O bom senso do menino, que devia ser mais tarde o Padre Champagnat, reprovou êste ato brutal e alcançou dos pais a licença de não mais frequentar as aulas dêsse mestre.

A história reprova o fato dos Judeus que mandaram esbofetear o grande apóstolo, São Paulo, sob o vão pretexto de haver falado livremente a um sacerdote da antiga lei mosaica.

Na lei mosaica, um sôco no corpo do adversário era multado com um siclo ou Cr$ 2,50 de nossa moeda; mas uma bofetada era castigada com uma multa de 300 dinheiros, ou Cr$ 1.000,00.

Outros maus tratos, como puxar os cabelos, as orelhas, etc., recebiam castigos semelhantes e com justa razão.

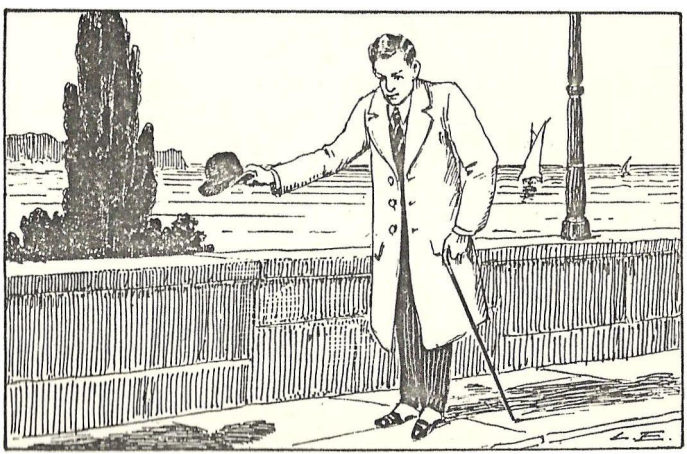
Tomemos o costume de considerar o próximo como um membro de Nosso Senhor e respeitá-lo como o próprio Deus.

CAPÍTULO X

Os perfumes — O fumo — Os entorpecentes

50. O uso dos perfumes. — O uso dos perfumes remonta à mais alta antiguidade. Encontramo-lo entre todos os povos antigos, por exemplo, no povo hebreu. Em

toda visita soléne, os perfumes eram oferecidos ou queimados, e dêles saturavam-se as salas de banquetes, as salas de dansas, os templos dos deuses e até as vias públicas à passagem dos príncipes. Êstes costumes sobreviveram às civilizações antigas, e nas idades modernas foi intenso entre os povos europeus o comércio dos perfumes e dos aromas. No entanto chegou a decair êste uso; os prazeres do olfato foram pouco a pouco substituídos pelos prazeres mais intensos e extensos da vista e dos ouvidos.



SAUDAÇÃO, NA RUA, PARANDO.

Na rua, cumprimentar alguém. — Parar, unir os calcanhares, com a mão direita descobrir-se sem mostrar o interior do chapéu e inclinar-se tanto mais quanto maior fôr a dignidade do cumprimentado. — Cuidar especialmente da afabilidade no olhar e na fisionomia. A saudação pode ser feita mais ou menos igual quando se continua a caminhar.

Hoje os costumes modernos permitem só o uso discreto e moderado dos perfumes leves; porém do uso ao abuso a distância é pequena. No conceito moderno, o valor do ho-

nem consiste nas qualidades do espírito e do coração, na profundeza da inteligência, na extensão, variedade e segurança dos conhecimentos, nas virtudes de ordem moral e social, antes do que no adôrno do vestido, na multiplicidade das pedras preciosas que cintilam nos dedos ou no nó da gravata. O perfume que acompanha um visitante pode desagradar ao seu interlocutor, e ser causa do malôgro de uma negociação. Sempre devemos desconfiar de quem para se valorizar lança mão de recursos alheios: pedrarias, anéis, colares de pérolas, unguentos e perfumes; a pobreza interna procura ocultar-se debaixo dos brilhantes; a riqueza moral e intelectual despreza êstes atavios.

51. A vaidade nutre-se de aparências e de perfumes. — O moço leviano sucumbe facilmente à tentação dos perfumes exagerados. Reparemos que, quando crianças, muitos não se lembram das obrigações essenciais da higiene: lavar a cabeça todos os dias, as mãos de vez em quando, tomar banhos frequentes, etc. Alguns anos mais tarde, vemo-los ostentar um luxo de cuidados higiênicos, de loções multiplicadas, como se vivessem rodeados de pestíferos. Então o moço atira-se ao uso dos perfumes, pensando por êste processo valorizar-se aos olhos do mundo elegante; o rapaz vaidoso percorre as listas dos perfumes e esgota em pouco tempo a série de todas as drogarias ou perfumarias locais. Os cheiros mais fortes lhe agradam mais e lhe parecem os melhores. Com uma formidável bateria de frascos no seu aposento, êle inunda o cabelo, satura a água do banho, ensopa o lenço, asperge os vestidos; depois disso sua chegada é anunciada com vinte metros de antecedência. No salão onde se demorou alguns instantes, tudo fica tão saturado de perfumes que a dona de casa tem pressa em fazer o arejamento. Êste moço dá uma ilusão de atravessarmos uma paisagem de Cachemira, no planalto central da Pérsia, de onde nos vem tanto almíscar.

O moço que se preza e quer ser distinto, não cai nestes excessos. Ser-lhe-á permitido usar de perfumes leves, em pequena quantidade, apenas algumas gotas no lenço novo. O ideal, neste caso, seria a abstenção completa, porque o perfume não é mais considerado hoje como desinfectante, como medida profilática contra as numerosas chagas ou feridas secretas que devoram os organismos.

Existem perfumes em tal número, que até agora nenhum cientista houve que os classificasse racionalmente. Eles podem formar escalas extensíssimas, e suas combinações podem ser ilimitadas; existe a música e a harmonia dos perfumes como existem as combinações e as harmonias dos sons e das côres.

52. O fumo. — Hodiernamente são raros os homens que não fumam. Entre os presentes mais funestos feitos à sociedade contemporânea, ao homem ocidental, o fumo é sem dúvida dos piores. As regras que no século passado prevaleciam ainda a respeito do fumo, são hoje abolidas em parte: alguns vícios se parecem com certas epidemias: propagam-se assustadoramente. O fumo é um dêles.

As regras gerais sôbre o uso do fumo serão as seguintes:

1.ª — Antes de dezoito anos, ninguém deve fumar. Fumar é intoxicar-se; ora, intoxicar-se, antes de o corpo ter adquirido o crescimento normal, antes de as faculdades intelectuais serem formadas, é de algum modo, desejar o suicídio, é suprimir um fator importante para o êxito na vida;

2.ª — Não se fuma em estabelecimentos de educação, em salas de aulas, nos anfiteatros, nos museus, no interior dos bancos, dos teatros, dos hospitais ou enfermarias;

3.ª — Não se fuma no quarto de doentes e nas câmaras mortuárias;

4.ª — Não se fuma nas igrejas, nos templos, nas assembléias ou solenidades religiosas;

5.ª — Não se fuma em companhia ou em sociedade

sem pedir licença aos circunstantes. Viajando numa estrada de ferro ou num bonde, é preciso pedir licença às pessoas sentadas perto.

53. Os estragos do fumo. — Quem poderia enumerar todos os males provenientes do uso e do abuso do fumo? Enfraquecimento da inteligência, enfraquecimento e perda da memória, palpitações do coração produzindo taquicardia e irregularidade do pulso, insônias, perda do apetite, entorpecimento da digestão, aquietação e embotamento dos nervos motores, dando como resultado inevitável a preguiça e a indolência corporal e mental, a trôco de um prurido vaidoso de se apresentar como homem: tal é o triste balancete do fumador.

Mas sob o ponto de vista do trato social, o uso do fumo em qualquer forma: cigarro, charuto, cachimbo ou rapé, é muito inconveniente. As roupas do fumista ficam impregnadas de cheiro característico que em toda parte o acompanha. O fumo macula os dedos, a barba e os lenços; todos os objetos ficam saturados dêste cheiro. Quando se usa rapé, as roupas e os lenços transformam-se logo em repositório e em foco de imundície.

Quanto seria para desejar que os moços se preservassem do hábito do fumo, desprezando essa pretensa necessidade de se equipararem aos outros homens.

54. Os entorpecentes. — Os entorpecentes são matérias químicas extraídas de certas plantas; têm a propriedade de suspender por algum tempo a sensibilidade do organismo. Paliam a dor, mas deixam a doença.

Os principais são: a cocaína, a morfina, o ópio, a urodina, e a nicotina.

Todos êstes alcalóides são venenos violentos em certa dose. Seu uso depende de prescrição médica. O comércio destas matérias é regulado por leis muito severas. O uso

dos estupefacientes, fora das prescrições médicas, é antimoral, e constitui um crime social, severamente reprimido pela legislação de todos os povos civilizados.

A dor é uma expiação, muito justa, de nossas faltas e uma reabilitação; furtar-se à dor sem motivo por meio dos entorpecentes, é querer ficar com as faltas não reparadas; é antimoral, portanto.

55. Leitura. — *Os meninos que fumam.* — Um médico inglês, há pouco tempo, reuniu 73 meninos fumadores, de 9 para 15 anos de idade (1935); sujeitou-os todos a escrupuloso exame durante vários meses e verificou o seguinte: em 27 dêstes rapazes o organismo estava seriamente atacado de raquitismo;

22 padeciam de desordens na circulação do sangue, má digestão, palpitação e notável inclinação para as bebidas alcoólicas;

12, com muita frequência, perdiam sangue pelo nariz;

10 sofriam de insônia

e 2 tinham princípios de grangrena nas mucosas.

O médico os esteve curando sem resultado, enquanto não largaram o fumo; mas, logo que deixaram de fumar, começaram a melhorar visivelmente e não demoraram em ficar bons todos.

Permitir que os filhos menores fumem e não repreendê-los, não castigá-los, quando teimosos, é grave êrro dos pais e demais responsáveis.

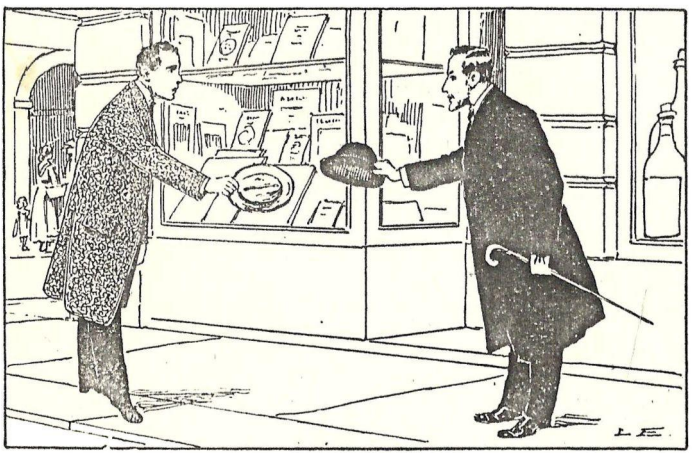
Juntamente com o fumo costumam aparecer e desenvolver-se vários vícios: alcoolismo, frequentação de companheiros maus ou pouco recomendáveis, ousadia para o mal e a mentira, desrespeito para os pais e autoridades, preguiça, etc.

CAPÍTULO XI

O sorriso — O riso — As caretas.

56. O animal não ri, por não saber por que goza e por que sofre. — O riso e o sorriso são especiais ao homem; nenhum animal é dotado desta faculdade de exprimir seu prazer ou sua dor por meio da alteração das linhas da fisionomia, porque nenhum animal tem fisionomia, e nenhum animal é capaz de pensar; ora, o riso e o sorriso

são a expressão externa de uma operação mental realizada, que provoca em nós um sentimento de admiração, de surprêsa ou de simpatia.



S A U D A Ç Ã O .

Na rua, encontro de um superior e cumprimento, cessando de andar. — Ceder ao superior o melhor lado do passeio (perto das casas), descobrir-se 4 ou 5 passos antes do encontro, abaixar o chapéu horizontalmente até a altura do peito, não mostrar a parte interna do chapéu, inclinar-se um pouco. Lembrar-se que o olhar e a fisionomia são a alma do cumprimento. Pôr o chapéu à cabeça quando o superior convida a fazê-lo.

As diversas manifestações da delicadeza conquistam a benevolência e a amizade quando são acompanhadas de graça e de bondade. O sorriso é o complemento e o perfume das nossas relações; êle desperta a simpatia, completa o gesto, emoldura a fisionomia numa graça cativante, reflexo da paz interna. Êle suaviza uma recusa, atenua a dureza de uma observação, desfaz a aspereza de uma contradita. Sorrir não é apenas franzir os lábios ou descerrá-los; sorrir é derramar na fisionomia uma alegria suave e moderada

que ilumina e transfigura, dando ao olhar certo fulgor composto de bondade e de benquerer.

O sorriso, espêlho da nossa alma e do nosso estado interior, é tão variado como os sentimentos que nos animam: é pretencioso quando exprime um sentimento de orgulho; é irônico nos espíritos audaciosos e combativos, é admirativo em quem se compraz na presença do belo, do bom e do verdadeiro; é confuso nas almas simples e humildes; é amoroso nas almas compassivas e ternas.

O sorriso é a flor da complacência, embalsamando os nossos atos para com o próximo, a despedida, a repreensão e todas as nossas relações sociais. Se a caridade é uma rosa, o sorriso é o seu perfume.

O sorriso é uma arma conquistadora da simpatia do nosso próximo.

57. O riso. — O riso é a expressão súbita e alegre de uma surprêsa causada por um fato externo. Dentro dos limites da conveniência e da moderação, o riso é permitido em sociedade. E' comunicativo tanto quanto a tristeza e as lágrimas. Embora seja uma manifestação natural dos sentimentos de alegria, o riso deve conformar-se com certos pontos. Evite-se abrir desmedidamente a bôca, não se faça estalar a voz com sonoridade inquietadora, às gargalhadas, lembrando as cenas dos cafés-concertos. Cuide-se de não fazer contorsões do corpo como quem fôsse acometido de violentas dores de ventre.

58. O riso sem motivo é próprio dos fátuos. — O riso imoderado revela uma alma irrefletida, destituída do hábito dos contrastes, superficial no conhecimento das pessoas e das cousas: um novato na vida. Com efeito, o riso tem por causa psicológica um contraste aparecendo repentinamente entre dois objetos, uma desarmonia, uma disproporção, entre efeito e causa, meio e fim, esfôrço e resul-

tado, etc.; o riso é, pois, a manifestação da ingenuidade do espírito que não está acostumado a prever os casos possíveis. Nem todos sabem rir. Os espíritos cultos sabem rir calmamente; os fátuos riem às gargalhadas. Encontramos no Livro da Sabedoria a sentença seguinte: O insensato eleva a voz quando ri.

O riso é inconveniente quando se manifesta em presença de um ato desonesto ou duvidoso, de uma palavra licenciosa, de um trocadilho dúbio, de um gesto censurável. Uma pessoa de boa educação não dá a aprovação do riso ou do sorriso ao que é contrario aos bons costumes; pelo contrário, vela-se o rosto de tristeza, e retira-se da companhia.

Ninguém deve rir dos defeitos alheios, físicos ou morais, dos outros homens, nem inventar armadilhas à boa-fé dos ingênuos e dos simples. Seria muito censurável que uma criança ridicularizasse as deformidades de uma pessoa, zombasse dos loucos e dos idiotas.

O riso forçado, isto é, sem motivo suficiente, é próprio dos bobos e dos palhaços. Existe ainda o riso amarelo, que se dá a contra-gôsto, fingindo contentamento quando há motivo de desprazer.

59. Careta. — A careta é a deformação exterior e passageira das feições do rosto. Quando cantam ou discorrem com veemência, certas pessoas fazem caretas inconscientes, arrugam a fronte, arregalam os olhos, compõem a bôca, os olhos, o nariz, os músculos da face, como se sentissem violentas dores.

Alguns escolares, ao escreverem, puxam a língua para fora, viram os olhos para um lado.

Certas caretas podem exprimir zombaria, outras significam desprêzo, e outras estupefação.

Várias pessoas acostumam acompanhar com caretas ou expressões variadas da fisionomia tudo o que dizem ou

fazem; mais ainda: arremedam e ridiculizam outras pessoas, exagerando-lhes as feições.

Tudo isso deve ser evitado rigorosamente.

A caricatura é a careta estampada; consiste em representar por alguns traços resumidos e expressivos os defeitos salientes de outras pessoas, atribuindo-lhes uma fisionomia fictícia que conserva alguns traços fundamentais do original.

Quando se refere a personagem imaginária, a caricatura é uma arte cômica que ridiculariza os defeitos e vícios; porém quando reproduz os traços essenciais e deformados de uma pessoa conhecida, constitui uma falta grave contra a caridade, porque atira o desprêzo e o ridículo sôbre o próximo, e rouba a boa fama a que todo homem tem direito.

Sendo que os elementos do rosto podem entrar em combinação variadíssima, segue-se que é ilimitado o número de caretas que se podem obter com o mesmo rosto, assim como é ilimitado o número de sentimentos que se podem ter e exprimir.

60. Máxima. — Um rosto sereno representa uma alma nobre.

61. Leitura. — Aquêle que possuir o sorriso, quer natural, quer educado, tem à sua disposição uma arma poderosa, tanto para o bem como para o mal.

O sorriso do homem virtuoso conquista-nos para o bem; o sarcasmo do ímpio arrasta-nos para as peias do respeito humano.

Nosso Senhor, o mais belo dos filhos de Adão, certamente sorriu às carícias de sua santa Mãe, aos amplexos de são José. Quão eficazes foram êsses sorrisos para conservarem José e Maria no ambiente do sobrenatural!

A meiga virgem do Carmelo de Lisieux passou por êste exílio a espargir sorrisos. Sorria a todos, aos que lhe queriam bem como aos indiferentes. Sorria aos elementos, e mais particularmente aos sofrimentos, porque através das pessoas e das cousas, ela avistava a Jesus, a quem sorria de contínuo.

CAPÍTULO XII

Os braços — As mãos — As pernas — Os pés.

62. É grande arte saber governar as mãos e os pés. — É tão estreita e tão íntima no homem a relação que existe entre o físico e o moral, que são raros os sentimentos e mesmo os pensamentos que não se traduzem exteriormente por um movimento, um gesto, uma atitude, um ato fisiológico às vezes involuntário.

Se quisermos, pois, ser tidos em conceito lisongeiro, devemos dominar os nossos sentimentos, submetê-los a uma regra austera de delicadeza atenciosa para as pessoas com quem tratamos; devemos vigiar sôbre os pensamentos e reprimir todo princípio de desordem e de afoiteza.

Quando os modos corretos, os gestos e as atitudes recomendáveis não forem a expressão natural da bondade da nossa alma e da paz e da serenidade internas, desaparecerão subitamente ao sôpro de uma paixão que nos invadir e perturbar a calma do espírito. O gesto e o movimento revelam nosso desassossêgo, nosso mal-estar, nossa contrariedade.

A arte da dissimulação engana quem a cultiva; tem seus reveses, suas falhas, suas imprudências. Parecer sem ser, é suprema fatuidade; para se mostrar bom, é preciso cultivar constantemente a bondade.

Se, por efeito de reciprocidade, os gestos e as atitudes sugerem os pensamentos, e os pensamentos provocam as atitudes, segue-se que os belos e bons pensamentos originam as belas e nobres atitudes.

O meio eficaz de criar no menino e no adolescente a dignidade e a beleza das atitudes é pô-lo em contacto sòmente com o que é bom, justo, dignificante, puro, belo e elevado; é a tática dos artistas: um mestre de música

cultiva e apura o gôsto do seu discípulo fazendo-lhe ouvir sòmente peças seletas, de gôsto aprimorado, executadas por instrumentos bem afinados.

63. Os sentimentos traduzem-se pelos gestos. — A grande influência que têm sôbre os estados da alma os hábitos externos do corpo, obriga-nos a uma severa censura de nós mesmos nas relações sociais. Para isso, observem-se as regras seguintes:

Evite-se levantar os braços acima da cabeça, descrevendo círculos em vários sentidos, cruzá-los na nuca ou sôbre a cabeça ou detrás das costas; não se acotovele com os transeúntes. As diversas posições regulares são: braços pendentes, sem rigidez; um pendente e outro meio dobrado; um em cima do outro na altura da cintura; cruzados na altura do peito.

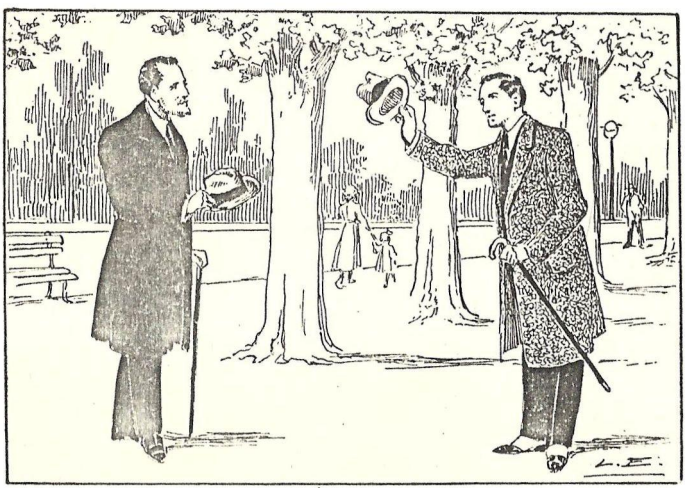
Ninguém ousará, sobretudo em companhia, bocejar ruidosamente, acompanhando êste ato de uma ridícula extensão de braços e de uma contorsão espasmódica do corpo.

Nas conversas comuns, a palavra não precisa do apoio do gesto; a mesma regra deve observar-se quando nos dirigimos a um superior. Os gestos dos braços e das mãos, abonadores dos nossos conceitos, admitem-se só no discurso público; nas discussões privadas, os gestos das mãos são suficientes.

64. Pela mão se conhece o vilão. — Lavem-se as mãos não sòmente ao levantar-se, senão também antes das refeições, e cada vez que tiveram um contacto grosseiro ou sujo, ou simplesmente suspeito. Enxuguem-se com a toalha destinada para êste serviço. As crianças, os mal-educados e os roceiros violam facilmente esta regra.

Em companhia e em presença de um superior não é permitido esfregar ruidosamente as mãos, quer em sinal de satisfação, quer para esquentá-las.

Algumas pessoas indelicadas têm nas mãos um prurido esquisito: seguram pela roupa ou pelo braço a pessoa com quem falam, puxam as cortinas do salão, dão pancadas na mesa, tamborilam sôbre os objetos que estão ao seu alcance, cortam as flores dos jardins, apalpam os objetos dos museus, apontam de longe outras pessoas; êstes modos são contrários à boa educação.



SAUDAÇÃO.

Cumprimento a um superior na rua, continuando a caminhar. — Descobrir-se a 5 ou 6 passos antes do encontro, olhar a pessoa cumprimentada, inclinar-se mais ou menos conforme a hierarquia, não mostrar o interior do chapéu. Não parar para dar o cumprimento e pôr o chapéu depois de passar o superior.

O chamado jôgo de mãos deve ser evitado rigorosamente; êle é sinal de excessiva familiaridade, gera o desrespeito para a pessoa do próximo, desperta a sensualidade e as paixões baixas.

Só quem é malcriado toma a liberdade de fazer estalar os dedos, colocá-los na bôca, nos ouvidos, nos fossas nasais.

Seria imperdoável, estando em companhia, coçar a cabeça, o pescoço, o peito, as pernas, e qualquer outra parte do corpo; quem presenciasse isto imaginaria que o coçador está sofrendo de doenças suspeitas ou que alimenta no corpo ou na pele alguma dermatose.

Quem vive asseado e veste roupas limpas não precisa coçar-se.

65. Nenhum animal se envaidece do que tem; certos homens põem seu valor nas unhas. — A limpeza nas unhas é de rigor; não sejam elas nem muito curtas nem compridas; não se aparam em companhia. Deve-se profligar o detestável hábito de certas pessoas fantasiadas de *gentlemen* que usam conservar comprida a unha do dedo mínimo; êste uso é sumamente incivil e repugnante, não só à mesa como também no apêrto de mão e no trabalho; os chefes de escritórios e de emprêsas negam confiança aos solicitadores de emprêgo portadores de unhas compridas, centimétricas, porque além de parecerem esporões de galos de briga, são apenas o indício de muita vaidade, pretensão e parvoíce.

Que os pais e os mestres coíbam o hábito que têm as crianças de roer as unhas; além de sujo e imundo, é muito nocivo à saúde; foi provado que o pó da raspagem das unhas, tomado num copo de água, produz a tenteira. Menino que tem o costume de roer as unhas, é vítima da imbecilidade e do raquitismo, e frequentemente chega até o cretinismo incurável.

66. O apêrto de mão significa a união íntima das pessoas que se cumprimentam. — O apêrto de mão faz parte da saudação da qual é o complemento e o adôrno. Estende-se a mão só aos conhecidos, às pessoas apre-

sentadas por um amigo, ou ainda a quem desejamos dar uma prova espontânea de nossa confiança. Na saudação às senhoras, o homem não tem a iniciativa do gesto; a senhora é que principia, e o homem deve corresponder, porque da parte da senhora êste gesto é indício de confiança. Pelo mesmo motivo não se estende a mão a um superior: o superior é que apresenta a mão, e deve apresentá-la. Em nossos costumes ocidentais, é a mão direita que se estende; se ela estiver ocupada, passam-se os objetos para a outra mão. Se em caso excepcional se apresenta a esquerda, pede-se desculpa. Dá-se a mão inteira, em toda a sua amplitude, e não apenas alguns dedos, o que seria bastante impertinente. Seja franco o apêrto de mão, nem demorado, nem duro e retesado; seria de mau gôsto e pouco delicado tocar levemente na mão que nos oferecem. Não se procure reter a mão da pessoa com quem se fala; se fôsse a mão de uma senhora, retê-la seria imperdoável grosseria.

Devendo ser natural e acompanhado de simplicidade, o apêrto de mão aos superiores não vai sem uma leve inclinação do busto, estando os pés juntos e os calcanhares unidos, o braço esquerdo mantido numa posição natural.

67. Os pés. — A civilidade prescreve certas regras relativas às pernas e aos pés. Não voltaremos ao assunto já tratado em capítulo precedente. Andar descalço não se tolera. Seria doloroso nos climas frios; seria meio de contato com toda a verminose que prolifera nos climas quentes; nos climas úmidos seria ocasião quase inevitável de doenças graves, tais como a tuberculose, as nevralgias agudas, as otites dolorosíssimas.

O homem precisa de calçados como de roupa, afim de se diferenciar do animal.

A exsudação abundante que se verifica nas pernas e nos pés, obriga a revesti-los de um tecido capaz de absor-

ver o suor; as meias de lã ou de algodão têm esta função higiênica importante, porque a exsudação é indispensável à vida fisiológica. Logo, em nome da higiene e do trato social, deve-se andar com o calçado apropriado aos misteres e à condição social de cada pessoa.

Se os banhos do corpo em geral são necessários, mais necessários ainda são os banhos de pés; sejam frequentes e até diários, antes do deitar.

O calçado deve ser conservado zelosamente; o asseio aumenta-lhe a duração. Nas cidades não se dispensa o calçado lustroso; na roça há maior tolerância. Um homem vestido com elegância a quem falta um bom calçado assemelha-se a um salão de paredes luxuosas que tem um soalho imundo. Tenhamos compaixão das pessoas pobres obrigadas a andarem descalças; não só ficam expostas a muitos acidentes físicos, como também acham-se rebaixadas a imitar os animais que foram criados para andarem de pés no chão.

68. Leitura. — **Na Capital Federal, os externos de uma escola secundária iam saindo das aulas às 4 horas da tarde. Um grupo dêles encontra um Padre que vinha vindo pela mesma rua. Um dêles, de uns 18 para 20 anos, resolve aproveitar a ocasião para divertir-se um pouco, anuncia-o aos companheiros, dá alguns passos para o sacerdote e lhe diz com respeito visivelmente fingido: "A bênção, Sô Padre! a bênção!" — O sacerdote logo entende do que se tratava e responde sem hesitar, mas com lentidão e solenidade calculada: "Pois não, meu filho! Deus o abençoe já e sempre, e lhe dê logo muito juízo e muita vergonha."**

O gracejador não esperava tal resposta; cabisbaixo voltou para os companheiros, que lhe deram a entender que bem merecia a lição.

CAPÍTULO XIII

A voz — Falar — Conversar.

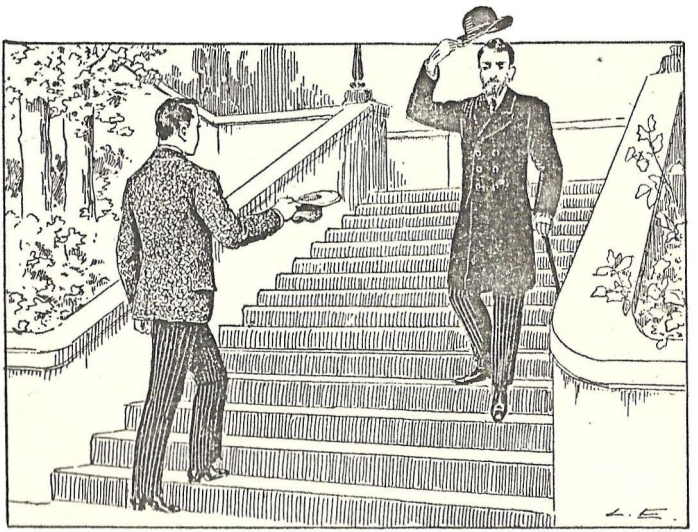
69. Não há som mais belo que o da voz humana. — A palavra sendo o meio principal que possuímos para a expressão externa dos nossos pensamentos e a faculdade mais perfeita de nos comunicar com os nossos semelhantes, deve revestir-se de qualidades que importa conhecer.

Ela cumpre um papel muito difícil e ao mesmo tempo maravilhoso: traduzir o pensamento, e manifestar aos outros homens as operações íntimas da nossa consciência, no limite que desejamos.

Com efeito: nada há tão oculto, tão impenetrável, tão inviolável como um pensamento humano; embora se partisse o cérebro de um pensador, ou se tornasse transparente como puríssimo cristal sua caixa craniana, nada se encontraria que fôsse um pensamento; pela radiofonia ou telegrafia sabemos o que acontece nas extremidades do mundo, porém não sabemos o que pensa o homem sentado ao nosso lado, se nos ama ou nos odeia, salvo se êle quiser nô lo manifestar. O recesso da nossa consciência é um santuário inviolável cuja chave está sempre em nossas mãos, e esta chave é a palavra.

70. A palavra é de prata e o silêncio é de ouro, dizem os sábios. — A palavra é a expressão sensível do pensamento invisível. Não conhece os tropeços das fronteiras e dos limites territoriais. As alfândegas podem impedir a entrada do carvão, do álcool, das sedas, das armas de guerra, porém nenhuma fôrça poderá deter a passagem da palavra; esta, na bôca do apóstolo de Deus ou do anarquista, atira em regiões inteiras a semente do bem ou do

mal. Sendo a palavra a cousa mais temível dêste mundo, seu uso deve ser regido por regras severíssimas.



SAUDAÇÃO.

Numa escadaria, encontrar e saudar um superior. — Deixar o lado direito ao superior se os degraus tiverem largura suficiente; com degraus estreitos, parar num patamar e deixar passar o superior. — Aqui o jovem enganou-se caminhando no lado esquerdo da escada e mostrando o interior do chapéu como se pedisse esmola; talvez por isso que o superior evita de olhar para êle e parece surprêso, perplexo.

Diz o Livro da Sabedoria: Quem não peca pela língua é um homem perfeito. Ouve-se gente procurando desculpar-se dizendo: é uma palavra ao ar; mal falta juízo a quem joga palavras ao ar. As palavras são como o dinheiro; ora, ninguém atira dinheiro ao ar, nem pelas janelas afora.

71. Tom da voz. — No gênero humano inteiro não há duas vozes iguais em timbre e sonoridade. Quem possui uma voz delicada e suave, de timbre elegante, recebeu da natureza um dote inestimável, porque uma palavra de consôlo proferida por uma voz de acento harmonioso e flexível comove e conquista a alma angustiada, faz penetrar um raio de luz e de esperança no coração atribulado pelas crises da existência. Conserve-se zelosamente o tesouro desta voz.

Se a voz tiver um som duro e áspero, procure-se suavizá-la pelo exercício constante e moderado de uma boa dição, sob as indicações de um mestre experimentado. Demóstenes em exercitando-a a beira-mar é um magnífico exemplo.

É preciso disciplinar a voz, corrigir os vícios de pronúncia, com o mesmo rigor com que se corrigem e combatem as atitudes viciosas do corpo; nas escolas elementares, os mestres exercitem as crianças à pronúncia clara, compassada, destruindo os defeitos que mais tarde as tornariam desagradáveis em conversa ou em palestra pública. Cuide-se de atenuar o acento local ou sotaque; procure-se adquirir na voz o que é exigido no andar e nas atitudes: uma média feita de naturalidade, de modéstia e de firmeza. É preciso tirar da voz o que pode induzir o próximo a fazer de nós um juízo diminuído: o tom sêco e mordaz. Algumas pessoas têm fama de arrogantes, autoritárias, impertinentes, por causa das inflexões duras da sua voz e do tom que costumam usar nas conversas.

72. Os vários tons de voz. — O tom vivo, intolerante, mortifica os interlocutores, melindra-os intimamente no seu modo de pensar, fere os juízos próprios, infiltra nas relações gérmens de zizânia e de contradição. Combata-se esta acridade com o tom suave, polido, deferente e amável.

Evite-se ainda o tom picante, que parece querer levantar querelas; o tom irônico que destrói a paz e a harmonia de vistas, porque humilha o próximo; o tom crítico que adotam os ambiciosos para se mostrarem homens de raro saber, e que gera, porém, a antipatia e o desprêzo; o tom precioso e refinado, expressão da vaidade; o tom mole e langoroso, índice de alma sem energia, de caráter sem princípios seguros.

73. A conversação. — Uma das formas mais deliciosas da palavra é a boa e singela conversação.

Conversar é trocar idéias, sentimentos e impressões entre duas ou mais pessoas. Conversar é para o homem uma necessidade tanto maior quanto mais adiantado fôr o seu grau de cultura e de civilização, porque conversar é estabelecer entre vários espíritos um comércio íntimo de idéias, ensinamentos, opiniões e noções gerais sôbre os homens e as cousas.

Mas a conversa, assim como o comércio, tem seus ladrões; êstes ladrões são as más línguas. Não as escutemos, e sobretudo não entremos neste rol infame. Se todos os homens resolvessem dar cabo dêsse banditismo, a calúnia e a maledicência desapareceriam da face do mundo.

A conversa boa e cordial é um dos mais suaves e preciosos momentos desta vida. Quando os espíritos se compreendem e desejam o bem comum, conversar é fraternizar, auxiliar-se a levar vitoriosamente o pêso da vida, animar-se, instruir-se, pôr em comum o cabedal dos seus conhecimentos e das suas energias morais; é o banquete da inteligência. Conversar é gozar da hospitalidade da alma do amigo. A boa conversa no seio da família é indício seguro da felicidade doméstica; pelo contrário, onde ela não existe, podemos dizer que os costumes estão em decadência e a família vai para a ruína. Numa casa de educação, o bom

espírito está à altura das boas conversas. Procure-se conversar nas ocasiões próprias, observando as regras essenciais das relações de caridade e de benevolência; assim podemos dar ao próximo uma prova dos nossos sentimentos de fraternidade.

74. Regras da conversação. — São muito numerosas as regras da boa conversa:

1.ª — Não se fale mal dos presentes, nem dos ausentes. Se alguém fôr ridicularizado, tomemos a sua defesa com moderação e doçura, ou guardemos um silêncio profundo que marque nossa desaprovação.

2.ª — Não se condenem as opiniões políticas ou religiosas das pessoas presentes na companhia, ou relacionadas com os presentes. Isto não convém nas visitas de amizade. Respeitem-se as convições sinceras dos circunstantes.

3.ª — Não se deve louvar abertamente as qualidades físicas, intelectuais ou morais das pessoas presentes; êsses louvores carecem de delicadeza, põem em sério embaraço a modéstia das pessoas referidas; estas podem conceber contra os aduladores um gérmen de antipatia e de despeito.

4.ª — Não se faça a crítica de um defeito antes de saber que ninguém na companhia sofre de defeito semelhante.

5.ª — É de mau vêzo falar das suas próprias imperfeições, porque geralmente elas aparecem sem serem apontadas. As amostras do eu são sempre enjoativas para espíritos delicados.

6.ª — Se um dos presentes comete um êrro científico, histórico, religioso ou social, os ouvintes devem conservar um ar impassível, aceitando provisoriamente as explicações apresentadas. Mas, terminada que seja a exposição do fato errôneo, pode-se dizer e expor a própria opinião, entrando no assunto com extrema delicadeza, em têrmos que não firam o amor próprio. Assim, diga-se: É provável que o amigo

tenha tôda razão; no entanto, eu julgava que a verdade fôsse outra, segundo vi em certos autores, ou segundo me foi ensinado. O interlocutor errado, prevenido por estas palavras, cheias de amenidade, ou por outras semelhantes, não se irritará contra a retificação nem contra o retificante.

7.ª — Não se procure dominar a conversa, atribuindo-se o monopólio da palavra, insuflando nela os nossos assuntos pessoais, que estão talvez desagradando aos outros. Convém lembrar-se do conselho do Lord Chesterfield: "Não segureis ninguém pelo braço, pela mão, pela aba do vestido para que vos escute. É melhor reter vossa língua do que reter quem não quer escutar-vos."

8.ª — Quem escuta com marcada atenção estimula o interlocutor. Se a conversa parecer fastidiosa ou prolixa, não se manifeste descontentamento nem cansaço.

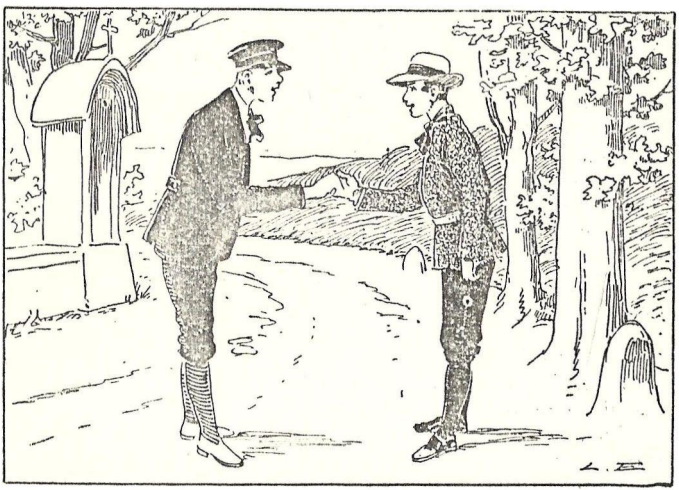
9.ª — Se narrardes um fato, deveis evitar a repetição de detalhes inúteis. Evitai também o emprêgo renovado de certos vocábulos cuja repetição torna a conversa pesada.

10.ª — Os espíritos vazios principiam com os temas batidos do tempo que faz: chuva, calor ou frio; não os imiteis. Não entreis em assuntos relativos a negócios da família; não faleis das vossas habilidades profissionais nem dos títulos conquistados; esperai que manifestem o desejo de conhecê-los. Então respondereis com modéstia e brevidade.

11.ª — Não deixeis a conversa cair em assuntos que os demais membros da companhia não poderiam entender ou acompanhar; falta tão importante como a precedente seria falar baixo ao ouvido de alguém para velar aos outros o assunto da conversa.

12.ª — Deveis evitar de salpicar a conversa de adjetivos abundantes, e de advérbios sonoros e multiplicados que reduzem a linguagem a uma fonação estéril; tais são especialmente: muito bem, perfeitamente, evidentemente, certamente, sem dúvida, não é?, compreendeu?, etc.

13.ª — Não se altere o semblante nem o exterior quando são comunicados acontecimentos sensacionais, capazes de despertar viva admiração, dor ou prazer em alto grau. O homem que domina seu temperamento não se exprime então em têrmos extremados de satisfação e de abatimento.



SAUDAÇÃO.

Entre colegas, apêrto de mãos na rua. — Parar, os pés mais ou menos unidos, apertar a mão com vivacidade; não é preciso descobrir-se; entre colegas há menos reserva e mais abandono, mais íntima expansão; nunca descer para a demasiada familiaridade.

14.ª — Saiba-se suportar que outros sustentem opiniões contrárias às nossas. Ao terminar a troca de idéias sem haver nem vencedores nem vencidos, é preciso encerrar a discussão com amabilidade, e apresentar alguma boa frase, tal a seguinte: Nossas opiniões não concordam, porém nossas vontades e nossos corações permanecem unidos.

15.ª — Toda falta contra a gramática é também falta contra o bom gôsto e o bom tom. Portanto, evite-se o

hiato, a sinalefa destoante, o barbarismo e o solecismo descabidos. Sejam proscritos todos os têrmos baixos.

75. Leitura. — **Certa jovem viúva, a Snra. Condessa de L., dama de vivo e atilado engenho, falava pelos cotovelos e seus amigos com isto se afligiam; pois, no mundo, apesar da indulgente amizade que lhe tinham, não se podia deixar de achá-la ridícula e até insuportável.**

Um de seus melhores amigos, o Snr. A., resolveu dar-lhe uma lição severa e corrigi-la dêste defeito, com risco embora de ficarem desavindos.

Durante alguns dias, encareceu-lhe com tanto enusiasmo os peregrinos méritos e o espírito fino de um mancebo que acabava de conhecer, que fez nascer na Condessa o desejo de ver aquele fênix na sociedade. O Snr. A. prometeu apresentá-lo o mais cedo possível.

Com efeito, no dia seguinte, recebeu a Snra. Condessa a ambos no seu salão com a afabilidade que lhe era habitual. Era o mancebo dotado de galharda presença e assaz distinto porte. Saudou graciosamente a Snra. e colocou-se silenciosamente, como as pessoas de verdadeiro merecimento, mas modestas, na poltrona que lhe indicou a Snra. Condessa.

Deitou logo a dama a mão na prática, que se prolongou por mais de uma hora, depois do que os dois cavalheiros se despediram e retiraram-se.

Na mesma noite, apresentou-se o Snr. A. em um salão onde sabia encontrar a Sra. Condessa, aproximou-se dela e perguntou-lhe que tal achara o mancebo?

"Precisamente estava eu falando dêle a estas Senhoras: é um jovem de enfeitiçar, cheio de mérito e cuja conversação cintila com repentes felizes... Minha boa amiga, acrescenta ela, dirigindo-se à dona da casa, é preciso deveras pedir ao Snr. A. que lho apresente.

— Eu o faria de boa vontade, diz o Snr. A., mas o meu mancebo tem uma enfermidade que lhe faz perder uma parte de suas prendas e toda a gente não tem a mesma indulgência da Snra. Condessa.

— Uma enfermidade! que está dizendo? Eu não dei por ela.

— Ai! minhas Senhoras, é surdo e mudo!" (D. Antônio Macedo Costa e Boitard).

CAPÍTULO XIV

A discrição.

76. A discrição. — Se a complacência é o doce liame dos caracteres na vida social, a discrição é o mais belo adôrno desta virtude; a discrição é para a complacência como perfume para a flor; é filha da humildade e da prudência.

Consiste essencialmente neste recato, nesta honestidade elementar e indispensável que move o homem a guardar a língua sôbre os negócios alheios, a encobrir um defeito ou uma falta do próximo, a projetar uma sombra protetora sôbre os desacertos de que outros são vítimas.

A discrição sabe guardar o segrêdo, encerrar-se num mutismo prudente sôbre um assunto confidencial, fechar os ouvidos às conversas insidiosas geradoras de inimizades; enfim, ela acompanha o homem em todas as circunstâncias da vida cotidiana.

77. A reserva do general. — Num almôço íntimo, realizado há pouco tempo, em S. Paulo, achavam-se presentes cinco civis e um general; êste fôra, poucos anos antes, chefe de uma revolução malograda.

Os civis homens inteligentes, curiosos e intrigantes, esforçaram-se para levar o general no terreno das apreciações pessoais sôbre os seus subalternos e auxiliares de revolução.

O general desconcertou habilmente a intriga; prestou repetidas vêzes sincera homenagem ao talento, à abnegação, ao merecimento dos outros chefes; fez recair sôbre si mesmo toda a responsabilidade da derrota; nada disse, nada deu de subentendido que pudesse tisnar de leve o nome dos outros militares.

Magnífico exemplo de discrição; tentação perigosa de distribuir pelos vários comandos uma parte das culpas ou das falhas que arruinaram o golpe do pronunciamento militar.

Falta à discrição aquêle que, numa visita, se reporta a fatos dolorosos cuja memória ainda está viva nos circunstantes; que divulga prematuramente um acontecimento que a família deseja encobrir, ou que não está ainda pronto para a publicidade; que insiste para ser introduzido, quando o criado ou a gente de serviço negou a presença do dono da casa; que faz uma visita nas horas em que ela é inoportuna; que lança olhares imprudentes nas cartas, nos pacotes, nos objetos privados de outras pessoas, na presença ou na ausência destas.

78. A reserva em casa alheia. — É indiscreto quem não abrevia sua visita, quando outra pessoa é introduzida, ou quando o dono da casa espera pela saída do primeiro visitante para atender ao segundo.

A discrição consiste ainda em respeitar o tempo e a liberdade de ação das outras pessoas. Erra e prejudica ao próximo quem pela sua presença tolhe os movimentos, o trabalho, as ocupações ordinárias dos outros.

Seria indiscreto e até impertinente quem, numa casa de família, sendo hóspede ou não, dispusesse dos livros, dos objetos e da mobília, removendo-os do seu lugar ordinário, dando ordens aos criados, arrogando-se enfim o título de senhor independente.

79. Os negócios íntimos da família são sagrados. — Se a hospitalidade é sagrada, também é sagrado para o hóspede o que êle viu, observou, notou, surpreendeu sem inquisição, a respeito das pessoas e das cousas. Nada tão odioso num homem como violar os segredos de uma família na qual achou agasalho e bom tratamento; nada tão

desprezível como êsse que, depois de gozar da hospitalidade e de surpreender a boa-fé, vem atirando aos quatro ventos o que de menos edificante existe num lar.

É odioso tanto a Deus como aos homens fazer-se o trombeta consciente ou inconsciente das cousas secretas. Quem acha na via pública um objeto de valor, um documento ou uma carteira, é obrigado à restituição, porque o fato de achar não confere o direito de propriedade. Assim também, quem por surprêsa ou artifício, ou mesmo fortuitamente, chegou ao conhecimento dos negócios íntimos do próximo, não tem o direito de divulgá-los.

A divulgação seria falta mais grave se ela redundasse em prejuízo de uma pessoa de autoridade, ou no desdouro da sua boa fama.

80. Leitura. — Quantos estragos não tem causado uma palavra indiscreta?

Uma palavra que Eva respondeu à serpente, quando não devia responder-lhe, foi causa da ruína de todo o mundo.

Uma palavra que as filhas de Israel disseram em louvor de Davi, preferindo-o a Saul, foi causa de grandes revoluções naquela monarquia e de que Davi andasse fugitivo e perseguido por muitos anos.

Uma palavra que as filhas de Israel disseram em louvor de que êste matasse a seu irmão Amão, andasse desterrado da côrte, se rebelasse depois contra o pai e afinal morresse alanceado.

Uma palavra que escapou a Henriqu II, rei da Inglaterra, foi causa de que quatro dos seus vassalos, entendendo que teria gôsto em eles matarem a santo Tomaz, arcebispo de Cantuária, o matassem impiamente dentro da própria igreja, e de que o rei fôsse excomungado e açoitado publicamente no mesmo lugar.

Por uma palavra inconsiderada se descobre um segrêdo; por um segrêdo descoberto se pode perder um reino.

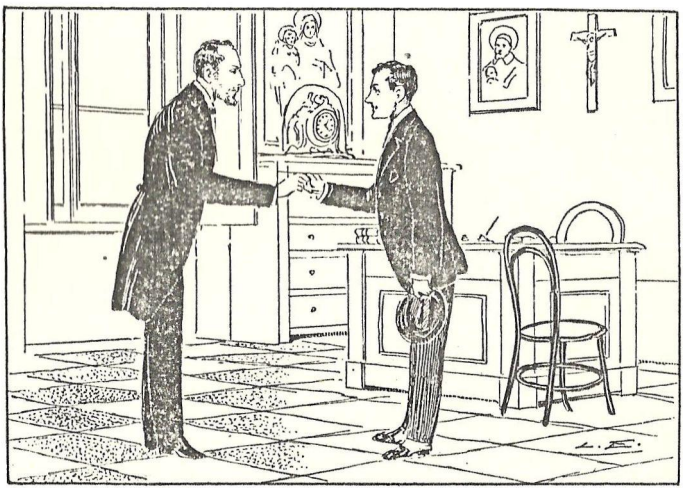
Quantas famílias inteiras não puderam nunca lavar uma nódoa que lhes pôs uma só palavra de um "ouvi dizer"!

CAPÍTULO XV

A curiosidade e a modéstia.

81. A curiosidade é a tendência no homem de conhecer todas as cousas; é boa ou má, segundo o seu objeto.

A curiosidade é má: 1.º quando é indiscreta. A indiscrição, falta que se comete sobretudo pelos olhos, assemelha-se a um furto do bem alheio. É indiscrição ler sem permissão as cartas das outras pessoas, examinar o con-



SAUDAÇÃO COM APERTO DE MÃO

Apertar a mão de um superior. — Parar, unir os calcanhares, abrir o ângulo dos pés, descobrir-se, segurar o chapéu com a mão esquerda; dar o apêrto com naturalidade; ainda aquí o olhar afável e a fisionomia amável são a essência do bom tom.

teúdo das gavetas, dos armários de uma pessoa, olhar, ler ou folhear os papéis de uma escrivaninha, as notas deixadas no escritório ou em cima de uma mesa de trabalho.

A curiosidade é má: 2.º quando é escandalosa. É escandalosa quando procura ver o que é indecente, quer nos teatros e nos espetáculos, quer nas fotografias, nos livros ilustrados, nas revistas de cena muda, etc.

A curiosidade é ainda má: 3.º quando sugere a compra de livros perniciosos contendo doutrinas contra a fé e os bons costumes. Os romances de amor são perigosa armadilha pela qual o demônio arrebata às almas a sua honestidade e pureza dos costumes.

A curiosidade é má: 4.º quando é estéril. É estéril quando consiste no desejo obcecante das novidades de toda espécie, dos noticiários políticos, das relações de aventuras, das leituras romanescas, dos folhetins de jornais. É estéril quando se vê muita cousa sem olhar para nenhuma, sem fixar a atenção nos objetos imediatos e próximos.

A curiosidade é boa e louvável: 1.º quando é natural, sendo então a expansão livre e discreta do desejo razoável de conhecer os homens e as cousas que nos rodeiam.

2.º quando é científica, guiada pela prudência e animada pela inclinação nobilíssima de penetrar os mistérios dos sêres e das coisas, de estudar suas causas e suas leis, afim de interpretar com êxito o grande livro da natureza.

Boa e muito louvável era a curiosidade de Ampère, de Volta, de Galvani, de Branlí, de Pasteur, de Osvaldo Cruz e de todos os grandes sábios. A curiosidade científica é a condição das descobertas.

82. **Máxima.** — **A modéstia e a circunspeção são a vestidura do olhar cristão.**

83. **Leitura.** — **Há pessoas curiosas de aprender para adquirir conhecimentos que enriqueçam o seu espírito.**

Há outras curiosas de saber o modo de vida de seus semelhantes.

Tão louvável é a primeira qualidade quanto detestável é a segunda.

Há sujeitos (e também sujeitas) que não tomam parte na conversação de uma sociedade; e, no vão de uma janela, ou ocultos atrás de uma cortina, escutam as conversas particulares, espiando os gestos, o modo de olhar, sem lhes escapar uma palavra, a mais indiferente, e interpretando tudo sem se enganar.

Se vão procurar ou visitar uma pessoa, não é para lhe dar prazer, é para saberem o que está fazendo ou o que poderá dizer.

Logo à entrada da casa, conversam e fazem amizade com o porteiro, para que lhes informe o que se passa; sobem a escada, fazem perguntas aos criados, entram nas salas e no gabinete, não dão descanso aos olhos; nada lhes escapa; se o dono da casa está escrevendo, estendem o pescoço para experimentarem se podem ler, e finalmente cometem inumeráveis atos reprecnsíveis, só por saberem a vida alheia.

As senhoras não são melhores; quer nas casas onde vão de visita, quer nas suas, não deixam passar um fio de cabelo sem o examinarem, isto é, no que toca às palavras, ações, modo de vida dos vizinhos e conhecidos, porque no que toca ao govêrno de suas casas, nenhum cuidado têm; saem da cama para a janela, da janela para o almôço, do almôço para a janela, da janela para o jantar, do jantar para a janela, da janela para a ceia, da ceia para a cama; e assim sem interrupção de 1.º de janeiro a 31 de dezembro.

E as obrigações domésticas? As obrigações domésticas vão para o rol do esquecimento, porque dizem os curiosos ser isto cousa muito insignificante, a que não vale a pena dar a menor atenção!...

CAPÍTULO XVI

A lealdade.

84. O conceito da honra. — Lealdade e honra são têrmos quase sinônimos que despertam, sobretudo no adolescente, umas visões de heroísmo e de nobreza.

O código mais perfeito de todas as virtudes é sem dúvida alguma o Evangelho; porém, ao lado dêle têm-se formado instituições que nêle hauriram seus princípios, suas virtudes e sua magnanimidade.

Entre estas instituições destacam-se de modo eminente as ordens da Cavalaria, que encheram vários séculos da história do mundo com exemplos de raras e heróicas virtudes. Hoje existem apenas alguns remanescentes destas ordens celebérrimas, nos Cavaleiros de Malta, de Calatrava e de Alcântara e da Ordem de Cristo.

O preceito fundamental para o Cavaleiro era: a honra, a lealdade, a fidelidade à palavra dada, a sinceridade de coração; antes a morte do que a ignomínia.

Extinguiu-se, quase em todos os países a Cavalaria, inspirada pelo cristianismo para a proteção dos fracos e dos oprimidos, para o combate à barbaria, ao egoísmo e à mentira.

As gerações hodiernas, ignorantes dos fatos grandiosos dos séculos passados, olham com ar zombeteiro essas instituições que em nossos tempos, sob o sôpro do egoísmo e do sensualismo, fruto direto do protestantismo, caíram em dessuetude.

Hoje rareiam cada vez mais os homens leais, de integridade a toda prova. Com a volta progressiva ao paganismo nas instituições sociais, os caracteres perdem sua antiga têmpera, feita de honradez inquebrantável. A hipocrisia, a fraude e a mentira parecem ter adquirido foros de instituições sociais.

Os cinemas são as escolas modernas da arte de fingir; vão estragando muitas personalidades.

85. Em que consiste a lealdade. — Ser leal é ser verdadeiro para consigo mesmo e para com o próximo. É verdadeiro para consigo quem põe seus atos e suas palavras em concordância com os seus sentimentos, e os sentimentos em concordância com os preceitos da moral e do bem comum. É verdadeiro para com o próximo quem exprime o que sente, o que sabe, e tal como o sabe.

São raríssimas as pessoas leais, inimigas da dissimulação, do disfarce e do subentendido. A lealdade não é exigida sòmente nas cousas importantes, nos assuntos elevados; ela é a condição e a alma das relações entre os homens, tanto de quem governa como de quem ensina, de quem compra e de quem vende, de quem manda e de quem obedece; ser leal é respeitar a palavra dada, não encobrir uma segunda intenção, não sacrificar o superior ao secundário; um homem honrado tem uma palavra só, quer explicitamente proferida, quer manifestada por qualquer outro meio.

A mentira, a deslealdade e a fraude criaram os tabeliães. Nas priscas eras da boa fé, um apêrto de mão bastava para selar um contrato; um fio de cabelo era penhor suficiente de promessa inviolável.

Acostume-se a criança a dizer o sim e o não, de acôrdo com o que sabe e pensa. Sejam afastadas da linguagem corrente as expressões dúbias, as perífrases, os têrmos escônsos, as reticências, e as locuções ambíguas. Que a palavra seja o espêlho do coração, inimiga da dubiedade, da contradição e do disfarce; diga-se claramente: pão, pão; queijo, queijo; como diz o nosso caboclo.

É faltar à lealdade insinuar-se nos negócios alheios, usar de meios ou de posições conquistadas por surprêsa, para dominar amigos benévolos ou fracos; prometer com intenção de não cumprir; louvar com os lábios e reprovar de coração; ser, hoje, vermelho e amanhã amarelo; hoje rato e amanhã morcêgo. Também não se deve nem se pode assumir duas atitudes, ser ao mesmo tempo cobra e lagarto, fariseu e publicano, carneiro e lôbo, católico e livre-pensador.

Se se pudesse gravar na lápide do nosso túmulo: foi sempre leal, isto seria a sintetização de todas as virtudes, constituiria um grande elogio; seria: probidade, honradez, integridade de caráter, fidelidade.

86. Casos históricos de lealdade. — Abramos a história das nações.

Egas Moniz, sabendo que o rei D. Afonso não cumpre a palavra que outrora fôra empenhada pelo velho preceptor do rei, sai da sua pátria e vai a Castela oferecer-se, êle e toda a família, como reféns.

O rei de França, João II, chega a saber que um de seus filhos, retido prisioneiro em Londres como refém, fugiu da prisão. O velho rei deixa sua côrte e vai constituir-se prisioneiro em lugar do filho fugitivo, e diz estas nobres palavras: "Se a lealdade e a boa fé fôssem por acaso banidas do resto da terra, deveriam achar-se ainda no coração dos reis."

Mais perto de nós, num dia memorável, um chanceler declara que os tratados são apenas uns farrapos de papel; ao mesmo tempo, outro chanceler lhe responde que a lealdade é acima de tudo, e que, por ser respeitadora da palavra dada, sua nação vai entrar na liça da maior das guerras: agôsto de 1914.

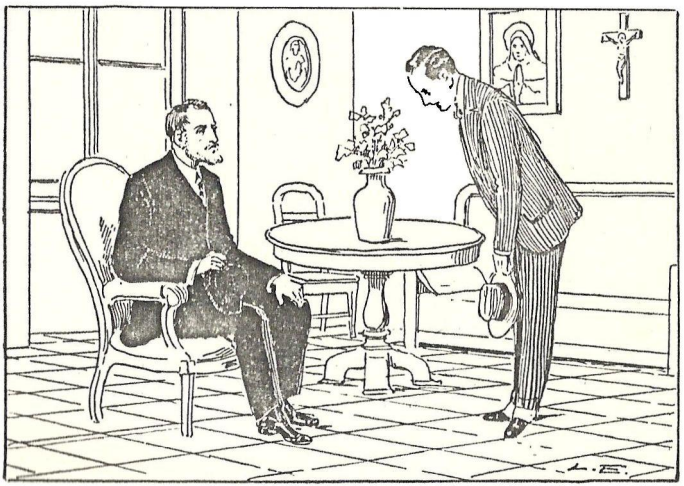
Mais perto ainda: vemos um Pontífice que não trepida em arriscar a própria independência, expondo mesmo uma parte da Igreja às duras represálias de um César onipotente, porque êste grande Chefe católico quer, custe o que custar, ser fiel à palavra dada a Deus, de apascentar as ovelhas e resguardá-las dos dentes dos lôbos e falsos profetas.

87. Leitura. — 1. **Eis um caso de inocente equívoco, muito permitido.**

Em Alexandria, os arianos resolveram desfazer-se de santo Atanásio, patriarca da cidade; a fim de escapar, o santo embarcou mas foi perseguido; vendo-se a ponto de ser alcançado por seus inimigos, o santo ordenou ao pilôto de remar para trás e ir ao encontro dos perseguidores. Em breve cruzaram-se as embarcações; então, perguntaram os arianos: "Olá! não vistes o bispo

Atanásio" — Responderam: "Sim, Snrs., há pouco ia passando pelo mesmo caminho que estais seguindo."

Era literalmente exato; e os arianos continuaram a navegar na mesma direção, deixando Atanásio afastar-se e em paz por algum tempo.



NUM SALÃO.

Recepção num salão, pelo dono de casa. — O dono de casa recebe sentado. — O visitante adianta-se até dois metros, pára, une os calcanhares, inclina-se, olha para o saudado e deixa cair os braços com naturalidade. O chapéu vai na mão direita se estiver desocupada; no caso contrário, vai na mão esquerda.

1. Eis outro caso bastante parecido e não menos lícito.

Santo Tomaz de Cantuária, perseguido por Henrique II, estava fugindo a fim de embarcar para a França, onde teria asilo; cavalgava um animal velho, estropeado, sem rédea nem sela. Um transeúnte julgou reconhecê-lo e lhe perguntou se não era o arcebispo Tomaz; o santo respondeu: "Não há dúvida, amigo, que êste corcel é muito digno do arcebispo de Cantuária!" O homem não insistiu, contentou-se com esta resposta, que era exata ao pé da letra, e o santo escapou às perseguições dos seus inimigos.

CAPÍTULO XVII

A pontualidade.

88. Nas relações sociais, a pontualidade é uma das mais importantes obrigações da civilidade e dos bons costumes; ela faz parte dos elementos essenciais da ordem, não podendo, sem ela, haver bom êxito em qualquer empreendimento.

Precisaríamos do tempo de várias vidas humanas para referir os casos em que a falta de pontualidade prejudicou negócios importantes, desmanchou os mais belos projetos, esterilizou as mais habilidosas combinações, inutilizou meios poderosos de ação, mudou o rumo dos acontecimentos políticos e nacionais: apenas dois fatos históricos.

Em 1800, Bonaparte, entregue às suas próprias fôrças, é vencido em Marengo pelo general Max; porém, Desaix chega ao campo de batalha a tempo de mudar a sorte do dia; resultado: a grande vitória de Marengo, ganha por Bonaparte.

Em 1815, Napoleão está em Waterloo; a batalha está empenhada com os ingleses; Napoleão vencerá se Grouchí chegar a tempo; porém Grouchí não chega. Napoleão é batido por Welington; desmorona-se o sonho napoleônico.

Limitando-nos ao campo relativo à boa educação em geral, diremos que a falta de pontualidade representa: 1.º o desprêzo da ordem e do regulamento que são a expressão evidente da vontade de Deus na organização da vida coletiva; — 2.º o desprêzo do valor do tempo, porque o tempo é frutuoso sòmente quando utilizado segundo as disposições prefixadas pelo regulamento; — 3.º o desprêzo das outras pessoas com quem devemos tratar e de quem inutilizamos o tempo quando são obrigadas a esperar, é de quem ainda desorganizamos as ocupações, e a quem faze-

nos talvez praticar atos de impaciência; — 4.º o desprêzo de si próprio, porque quem se obrigou para um tempo e uma cousa determinada deve honrar o seu compromisso.

Sob o ponto de vista social, se fazer esperar ou não cumprir pontualmente um compromisso é uma falta de civilidade, sob outro ponto de vista pode ser uma injustiça, impedindo pelo atraso outras pessoas de cumprirem algum outro dever. A falta de pontualidade pode ser causa do sacrifício de certos interêsses, provocando frieza nas relações sociais, desestima, indiferença e isolamento.

Aos olhos do homem bem educado, nada é destituído de importância. Tratando-se de um convite, quer para um passeio, uma visita, uma festa íntima, quer para um ato político importante, um ato social de consequências graves, sempre existe para o convidado e o sócio o dever da pontualidade.

Se o que deve esperar fôr um superior, a falta é mais que uma incivilidade; o superior poderá talvez modificar suas determinações, e as cousas tomarão outro rumo; se fôr um igual ou um inferior, pode-se cometer uma injustiça, tirando-lhes a livre disposição do seu tempo, que para êles é dinheiro.

Santa Teresinha foi grande na prática destas pequenas virtudes. Tanto prezava a virtude de pontualidade, que disse: "Precisamos ser tão mortificados que, quando somos chamados, não façamos mais nenhum movimento antes de irmos aonde somos chamados."

Habituem-se os jovens a tudo fazer pelo horário, o levantar, o trabalhar, o comer, o descansar, o rezar. Além de ser a causa de muita paz e prosperidade, a pontualidade é um obséquio prestado aos superiores, aos amigos e aos inferiores.

Máxima. — **Faze já o que não tem pressa, e terás tempo de fazer devagar e bem o que tem pressa.**

89. Leitura. — Quando não é pontual: o aluno chega tarde para as aulas, perde lições preciosas e ganha castigos;

o alfaiate entrega a roupa da encomenda depois que passou a festa e quando o freguês não precisa mais;

os bombeiros chegam depois que o incêndio já devorou o edifício;

o negociante não faz os pagamentos no prazo estipulado e vê-se perseguido pelos credores e, às vezes, reduzido à falência;

o médico e o farmacêutico não chegam a tempo para receitar e aplicar o remédio e deixam sofrer e até morrer o doente;

o soldado aparece no lugar do combate quando o inimigo já invadiu a pátria, esmagou as resistências e causou mil estragos;

o viajante aparece tarde à estação e vê o trem abalar e sair, quando se dispõe a comprar a passagem;

a lebre corre bastante no fim da carreira mas assim mesmo deixa-se vencer pela tartaruga;

as virgens loucas apresentam-se à sala do banquete quando a porta já está fechada e hão de gemer e lamentar-se fora, porque não podem entrar.

CAPÍTULO XVIII

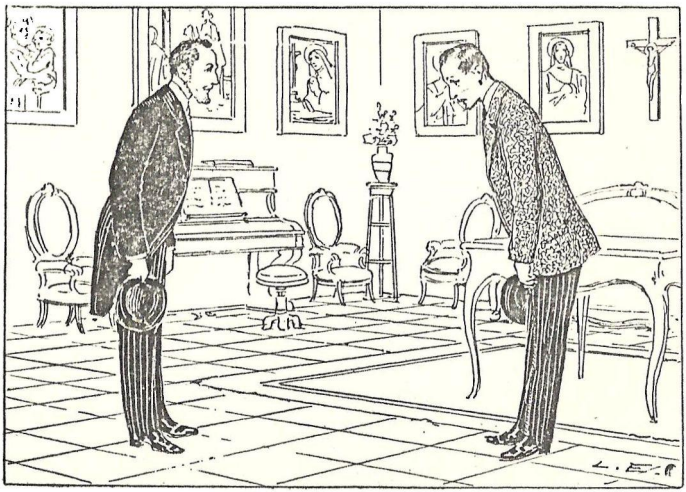
A complacência.

90. Esta virtude é raríssima, porque ela exige sacrifícios aparentemente inglórios e desfaz a todo momento as arestas do nosso egoísmo. Os melhores dicionários, ou não sabem defini-la, ou dão definições insuficientes. Aqui não se trata de complacência no sentido bíblico, equivalente ao amor: "Este é meu filho amado em quem tenho minhas complacências." Litré, no seu dicionário, diz: "A complacência é o desejo de comprazer." Esta definição precisa ser desenvolvida.

Ser complacente é esquecer-se de si mesmo com o fim de agradar a outro. Mais ainda: quem é complacente sacrifica-se afim de procurar aos outros membros da sociedade um prazer verdadeiro, uma satisfação legítima.

Poderíamos considerar a humanidade como dividida em dois campos. no primeiro, acham-se os que lutam pelo seu interêsse próprio, em detrimento, algumas vezes, do bem, dos interêsses e da satisfação do próximo; no segundo, estão os que postergando as próprias comodidades, se interessam até com algum sacrifício, pelo maior bem dos seus semelhantes. A êste último grupo pertencem os santos, os beneméritos da humanidade, os apóstolos da caridade sob diversas formas.

A complacência é conquistadora.



NUM SALÃO.

Cumprimento entre duas pessoas num salão. — Parar, unir os calcanhares abrir o ângulo dos pés, inclinar-se, olhar o cumprimentado, segurar o chapéu com a mão direita e deixar cair os braços com naturalidade. Não esquecer de realçar o olhar e a fisionomia pela máxima afabilidade e bondade.

O homem complacente tem a alegria de viver não sòmente em si próprio, senão também no coração dos seus

semelhantes, harmonizando com êles seus desejos, suas preocupações, suas vontades, suas penas e seus sacrifícios. A base da complacência é a simpatia, cujo grau mais excelente de expressão é o amor. O complacente adere aos propósitos inofensivos, auxilia nas tarefas árduas e mesmo nas mais comuns, elimina os obstáculos tanto quanto possível, facilita o trabalho, desculpa as falhas e as decepções, interpreta no melhor sentido tudo o que vem do próximo; é deferente e obsequioso para os anciãos e lhes aproxima os objetos desejados, ou remove os empecilhos do caminho; é atencioso e carídoso para as senhoras, prevenindo seus desejos e cumprindo exatamente suas ordens ou recados; é amável para os colegas, mostrando-lhes dedicação constante, sustentando-lhes a coragem nos momentos de dificuldades, reanimando-os nos abalos da adversidade, aliviando-os nas suas tarefas; com os inferiores, atende aos seus justos pedidos, ouve as suas queixas, examina com interêsse as suas reivindicações, dá-lhes provas inequívocas de dedicação e estima.

A complacência incauta, excessiva e requintada, perde o seu nome e chama-se importunidade; nesta falta incorreria quem se oferecesse com insistência para serviços não desejados, para tomar iniciativas de comando ou de superioridade, com provável melindre de outras pessoas.

A timidez, o acanhamento excessivo podem ainda ferir a complacência; dar-se-ia esta falta em quem recusasse, por desconfiança das suas fôrças ou do seu valor, contribuir para o bom êxito de um empreendimento, ou quem se negasse às solicitações de uma sociedade para declamar uma poesia, um monólogo, um conto, uma música, uma cançoneta, etc.

Se o arrôjo intempestivo é coisa ridícula, não o é menos uma abstenção sistemática, a qual geralmente procede do orgulho ou da vaidade.

91. Leitura. — Usou de grande complacência, em certa ocasião, El-Rei de Portugal Dom João II.

Pedira êle de beber. Apressou-se em obsequiá-lo um fidalgo, veterano das campanhas de África.

Sucedeu, porém, escapar-lhe o vaso das mãos, justamente no momento em que ia apresentá-lo ao monarca.

O acidente foi acolhido entre risos por parte de alguns cortezãos. Quanto ao culpado, ia se desfazer em pranto quando interveio El-Rei, os olhos prenhes de severidade:

De que vos rides?... Se aqui lhe caiu da mão a taça, não lhe caiu a lança na África!..."

Com esta discreta razão, ficaram êles repreendidos e o velho consolado.

CAPÍTULO XIX

O "garganta"

92. Assim como é difícil definir e afirmar qual é a côr do camaleão, assim também ninguém exprimirá em têrmos positivos o que seja um "garganta".

Êste têrmo designa uma facilidade de palavra caracterizada pela exuberância e volubilidade. Esta exuberância vai de envolta geralmente com uma alta e egoística idéia de si mesmo e com uma atenção medíocre para o pensamento e as convicções alheias, porque o fluxo do verbo arrasta o "garganta", chegando a produzir nêle uma alucinação e um estonteamento.

Assim como sentimos um delicado prazer ao escutarmos um homem ilustrado conversando com entendimento e discrição, sentimos, pelo contrário, um fastio e um pêso ofegante quando somos obrigados a suportar a conversa desenxabida e destoante de um "garganta", tocando de leve todos os assuntos, atirando-se em disparada sôbre todos os temas mais variados e desconexos, sem aprofundar nenhum.

Em pouco tempo estamos fartos da loquacidade, aborrecidos das presunções do interlocutor, fatigados do seu di-

letantismo, da sua facúndia, e só desejamos fugir da sua companhia.

O "garganta" não goza de crédito no que diz ou propala, porque o verdadeiro saber é modesto e reservado.

Como vai açambarcando a conversação, não deixa aos outros tempo nem ensejo de exporem as suas opiniões próprias; desta maneira priva-se das luzes alheias e tolhe aos circunstantes o uso da palavra.

O "garganta" não é homem de espírito, porque o homem de espírito é vivo e brilhante nos conceitos, moderado nas opiniões, reservado em falar de si mesmo, discerne os casos, as circunstâncias, tem em conta a equação pessoal, julga com prudência as pessoas e as cousas, exprime-se com bondade e tato.

O "garganta" é espírito ondulante, fala ao sabor dos ventos, admite ou enuncia em pouco tempo proposições contraditórias, desnorteia o senso lógico do discurso, deturpa a verdade, caçoa das cousas sérias, ridiculariza os atos de abnegação e de sacrifício pelo tom chistoso e chocarreiro de sua linguagem. O espírito do "garganta" é doentio.

Por todos os poros e cada vez que fala, o "garganta" deixa transudar o seu egoísmo.

Assim como o obeso transforma tudo em gordura e o diabético fabrica açúcar em demasia, assim também o "garganta" ri de tudo e dissolve em idéias vagas o que há de mais sério neste mundo: a vida e a morte, os sentimentos de dor ou de prazer, a pena e o sacrifício.

O "garganta" não é homem sério; não goza de autoridade em nenhuma matéria; não é crido por ninguém. Os franceses dizem dêle: "C'est un blagueur; il a de la blague." (*E' um falador inesgotável; fala sempre*).

93. Leitura. — 1. **No tempo em que os Filisteus hostilizavam os Hebreus, um gigante, de nome Golias, saiu adiante das fileiras e veio desafiar em combate singular o mais valente dos**

guerreiros israelitas. Com um tiro de pedra, o jovem Davi prostra-o sem vida e decepa-lhe a cabeça com a própria espada. Justo castigo de Deus.

2. Enquanto o rei Nabucodonosor considerava os grandes melhoramentos que sua administração proporcionara à nação e cogitava em impor-se ao povo como uma divindade, foi ferido de demência e por sete anos andou errando na companhia dos irracionais. É assim que Deus resiste aos soberbos e os humilha.

3. Diocleciano, o feroz autor da décima perseguição contra os cristãos, levou o orgulho ao ponto de cunhar moedas com a pretensiosa inscrição: *"Nomini christano deleto!..."* Morreu em 313, no mesmo ano em que o edito de Milão era publicado por Constantino Magno e dava a paz e o triunfo à Igreja. O nome cristão era glorioso e o perseguidor ia para o túmulo.

4. Juliano o Apóstata, num requinte de perversidade diabólica, pretendeu surpreender Jesus Cristo em contradição. Para isso empreendeu a reconstrução do Templo de Jerusalém a fim de dar um desmentido a estas proféticas palavras de Jesus: *"Dia virá em que dêste Templo, não ficará pedra sôbre pedra."* Horrorizado por tamanho atrevimento, o próprio inferno vomitou labaredas que impossibilitaram a emprêsa para sempre.

Deus ri-se dos orgulhosos homens que tencionam mover-lhe guerra.

CAPÍTULO XX

A distinção.

94. Se a posse do dinheiro ou das riquezas é o alvo geral de todas as tendências dos homens, parece que em segundo lugar, êles procuram, cobiçam ardentemente os postos de distinção.

Mas há outra espécie de distinção, feita de valor moral, de modos nobres, de atitudes que cercam o homem de um prestígio irresistível; é tão preciosa esta distinção, que os novos ricos, os milionários da atualidade consentiriam em dar a metade dos seus haveres para, em troca, adquirir a distinção de que se sentem falhos.

Existe um grau altíssimo de distinção que poucos homens possuem: é um conjunto harmonioso de faculdades poderosas e de qualidades raras e eminentes que constituem uma personalidade própria; êste conjunto de dons projeta-se no exterior físico do indivíduo, ilumina-lhe o semblante, acompanha-o como um nimbo, enobrece suas feições, dirige seus gestos, impera em toda sua pessoa.

95. O tipo de homem belo. — Abaixo da precedente, existe a distinção natural, resultante das harmoniosas proporções do corpo e das qualidades físicas, geralmente herdadas da natureza; tal seria o homem de alta estatura, de corpo ereto, cabeça erguida, peitos proporcionados, perfil delicado, mão fina, pé estreito, etc.; sob o ponto de vista da distinção, que, neste caso, se confunde com a elegância, êste homem é mais distinto do que estoutro de corpo pequeno e arredondado, pescoço curto, bochechudo, nariz achatado, beiços grossos e abertos, mãos espessas, pés chatos e largos.

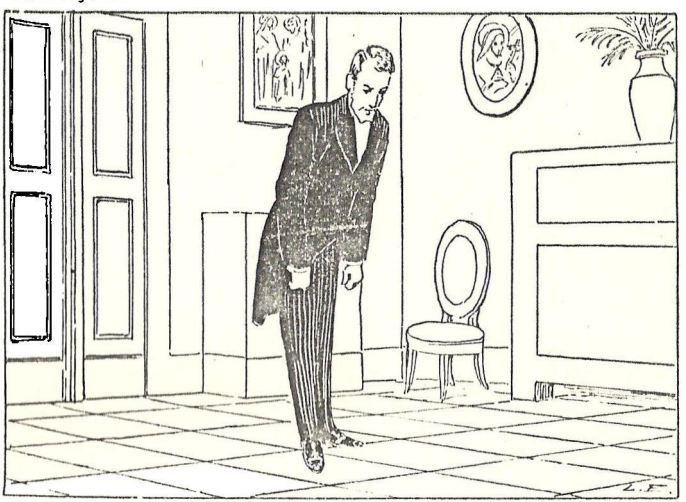
Ninguém escolhe seu organismo; ninguém arranja suas faculdades, ninguém faz a seleção das suas aptidões e tendências primitivas; todos recebemos o quinhão que a Providência nos departiu para conseguirmos o nosso destino.

Mas existe no homem uma possibilidade grandiosa de aperfeiçoamento. Assim como os bons hábitos espirituais, o trabalho, a elevação constante das idéias e dos sentimentos desenvolvem o nosso ser, e nos conferem alta distinção intelectual e moral, assim também os hábitos externos imprimem em nosso semblante e em nosso porte um ar inequívoco de distinção ou de aviltamento, proporcionado ao tempo e à intensidade dos nossos atos.

Por outra parte, sabemos que podemos corrigir, reformar ou aprimorar hábitos adaptando-os às regras do bom tom, da polidez e das conveniências sociais.

Por isso, devemos agir sôbre o nosso exterior, melhorando as qualidades sociais e combatendo os defeitos mais visíveis.

Assim, o porte correto favorece o crescimento e a bela forma do corpo; a atitude enérgica corrige a moleza; a calma e a posse de si mesmo conservam na fisionomia um reflexo de paz e de tranquilidade, de harmonia e de doçura nas feições.



NUM SALÃO.

Cumprimento numa visita, sem chapéu na mão. — Unir os calcanhares, abrir lentamente o ângulo dos pés, inclinar-se e, como não há chapéu a segurar, deixar cair os braços e as mãos com naturalidade. — Olhar amavelmente para o cumprimentado e mostrar-lhe o rosto mais simpático.

Os gestos influem poderosamente, porque aceleram a respiração e agitam o sangue; por isso sejam raros, distribuídos com acêrto; quando correspondem perfeitamente às idéias, duplicam a fôrça e o prestígio da palavra.

96. O gesto é a tradução da idéia. — O rir e o falar quando educados, realçam a fisionomia; quando desregrados, convulsionam o rosto, tiram-lhe toda suavidade e fineza.

Recordemos a fisionomia dos Santos, e a história dêsse monge romano que sendo piedosíssimo serviu de modêlo a Rafael para uma pintura de Jesus, e tendo-se pervertido serviu mais tarde para modêlo de Judas.

A nobreza verdadeira se vê na sobriedade dos gestos.

A distinção é, pois, um adôrno precioso da personalidade, procurada entre os ricos, estimada entre os pobres, venerada por todos como jóia incomparável.

Que desde a tenra idade haja esfôrço para adquiri-la; êste trabalho resume-se nisto: viver bem e pensar bem.

O homem distinto não é escravo do respeito humano para o cumprimento dos seus deveres; não se envergonha da amizade dos pobres e dos ignorantes; não renega as opiniões religiosas, políticas ou sociais que abraçou, não se sente diminuído pela pobreza, rusticidade ou ignorância dos membros da sua família.

O homem de distinção não faz alarde dos prêmios conquistados, não se atira a emprêsas ridículas, como os andarilhos, os raidistas e os esportistas, que sacrificam o seu futuro e o bem dos seus patrícios a aventuras quixotescas.

O homem de distinção não se gaba de ter lido livros de maus escritores, livros e romances de balcão, que os editores ávidos de lucros exportam para os países novos, onde são o repasto da mocidade incauta.

O homem de distinção arreda-se dos centros corrutores da inteligência e da moral, e das sociedades cujo programa não é abertamente discutido e conhecido.

97. Leitura. — **1. Péricles, filho de Xantipo, parecia reunir em si todos os predicados da natureza. A primeira vez que falou em público, arrebatou a simpatia de todos pela nobre distinção**

dos seus modos. Quando presenciaram tão majestosa e serena beleza, os Atenienses o compararam a um deus. Sua eloquência, declarou um poeta, resplandecia como um clarão e feria como o raio.

2. São Vicente de Paulo era filho de pobres lavradores do sul da França. Foi preceptor dos Gondis, conselheiro dos reis da França, o homem que mais universalmente incarnou o espírito da caridade evangélica. Ao ter conhecimento da chegada do pai em Paris, o santo fundador dos Lazaristas manda repicar os sinos, convoca os Padres na sala do capítulo, onde introduz o camponês dizendo: "Revdmos. Padres, tenho muito prazer em apresentar-vos meu pai " Belíssimo exemplo de amor filial.

3. O Marechal Liautey, muito afamado por sua habilidade em administrar o Marrocos, não fazia mistérios em mostrar exteriormente as suas convicções católicas. Certa ocasião, desembarcou em Bordéus pela manhã de um domingo. Foi recebido com as honras oficiais e informado do programa dos festejos que lhe apresentou a comissão; não havia tempo marcado para a missa; o Marechal o fez observar ao presidente da comissão com amável sorriso, dizendo: "Mas, meus senhores, estão esquecidos de uma cousa; hoje é domingo; e às 8 horas é tempo de assistir à Missa, como costumo fazer em Marrocos; não quero ser menos católico na França do que fui na Mauritânia." E às 8 horas, o Marechal entrou na igreja para cumprir o seu dever de católico.

CAPÍTULO XXI

A civilidade no Evangelho.

98. O Evangelho é um código de civilidade. Examinemos algumas passagens. Que cena encantadora, quando o Anjo aparece na casa da Virgem, saudando-a pela mais bela das orações: "Sois bendita entre as mulheres." E a Virgem responde na sua simplicidade, quase perturbada: "Eis a escrava do Senhor..."

No nascimento do Salvador, achamos a mesma simplicidade. Chegam os visitantes, encontrando a crianci-

nha envolvida em panos e deitada num presépio. São os pastores que prestam a primeira homenagem, com seus presentes: frutas, mel, leite, queijo e flores do campo, etc.: são os Anjos cantando nas alturas. E depois dos humildes, são os grandes, com presentes dignos dêles: ouro, incenso, mirra, tapetes, etc. E o Salvador sorri a todos, aceitando os presentes. Sublime cortesia.

Às margens do rio Jordão, os judeus suspeitam que João seja o Messias: êle nega, e declara: "Aquêle que vem, está acima de mim; não sou digno de desatar-lhe a correia do calçado."

Ao encontrar Jesus no templo, no meio dos doutores, Maria lhe diz: "Eis que *teu pai e eu te* andávamos buscando penetrados de aflição." Com muita cortesia fala: *teu pai e eu* e não como numerosos outros teriam feito: *eu e teu pai.* É sempre delicadeza citar-se em último lugar.

Civilidade nos gestos, nas saudações, como nas palavras. Precisamos saudar os que não amamos. Se saudardes só vossos irmãos, que fazeis a mais do que os publicanos?"

Nossa Senhora, na visita a santa Isabel, em Hebrão, foi a primeira a começar a saudação, embora tivesse muito mais dignidade que a sua prima. É uma delicada atenção.

Civilidade nos atos. Lembremo-nos da cena tocante do jantar em casa de Simão, quando Maria de Magdala, a cabeça inclinada e beijando os pés do Salvador, derramou nêles os perfumes do vaso de alabastro de subido preço. E foi elogiada pelo Mestre, porque seu amor se manifestava pela atitude humilde e pelos perfumes derramados.

Outros dão menos, porque têm menos; porém todo esfôrço generoso, desde que seja sincero, tem a sua recompensa, mesmo um copo de água dado a uma criancinha.

Jesus quer a felicidade de todos: "Em qualquer casa que entrardes, saudai a todos, dizendo: "Paz a esta casa."

99. O respeito da palavra. — Dissemos que a civilidade se revela na linguagem dos homens. Observemos que nunca moralista ou filósofo algum deu aos homens um preceito tão enérgico como êste: "E eu vos digo de não jurar nem pelo céu, que é o trono de Deus, nem pela terra, que é a sua peanha, nem por Jerusalém, que é a cidade do Grande Rei, nem por vossa cabeça, porque não podeis fazer um cabelo branco ou preto."

100. A compaixão. — Quando os apóstolos estão fatigados, Jesus lhes diz: "Vinde e repousai um pouco." Quando a multidão está com fome: "Fazei assentar esta gente e dai-lhe de comer; não quero despedi-los em jejum; cairiam no caminho." Oh! coração amantíssimo!

Mas, vêde a simplicidade e a discrição na civilidade: "Eu o quero, ficai curado;" "Não choreis;" "Ide em paz;" "Eu também não vos condenarei, ide e não pequeis mais."

E quando os apóstolos tinham palavras duras para quem se aproximava do Mestre, êste dizia: "Deixai as crianças virem a mim."

101. A caridade. — Jesus amável quer que os homens sejam unidos no amor, e diz: "Se dois ou três se reunirem em meu nome, aí estarei no meio dêles."

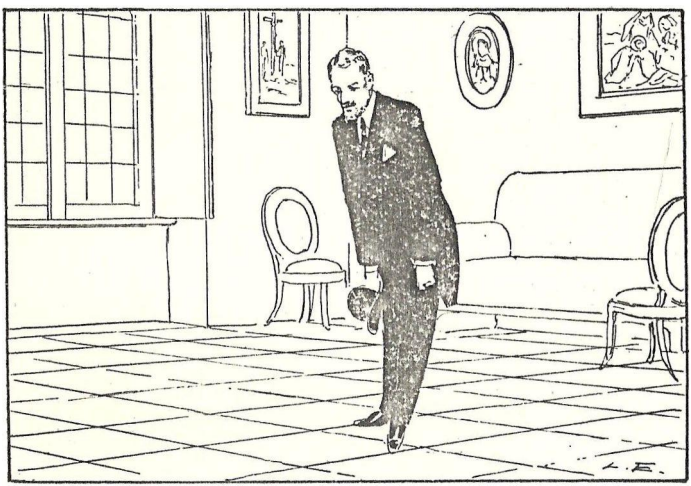
A união total realizar-se-á um dia, e Jesus antevê êsse momento e exulta de felicidade: "Essas ovelhas ouvirão minha voz, e então haverá um só rebanho e um só pastor."

A civilidade não basta para atrair todos os homens; então Jesus abre o coração: "Vinde a mim, vós que estais cansados e carregados; aliviar-vos-ei; achareis repouso para vossas almas; sou manso e humilde de coração."

E quem resistiria ao enlêvo do bom e compassivo samaritano?

102. A fidelidade. — Felizes os amigos, felizes os bons criados que estão esperando, com as lâmpadas acesas, a volta do amo; felizes os que o senhor encontrará vigilantes; mandá-los-á sentar à sua mesa. Bons mestres, bons criados, suprema civilidade!

Achamos no Evangelho a fórmula suprema do repouso e da paz, que os humanos tanto desejam e mandam gravar na humilde cruz que encima a sua sepultura: aqui repousa...



NUM SALÃO.

Cumprimento numa visita, com o chapéu na mão. — Juntar os calcanhares, abrir o ângulo dos pés, inclinar-se, segurar o chapéu com a mão direita e deixar cair os braços com naturalidade. — Olhar com afabilidade e rosto simpático para o cumprimentado.

Sejamos discretos e humildes depois da tarefa pois aí está: "Quando tiverdes cumprido as vossas obrigações, dizei: somos servos inúteis."

O orgulho farisaico é grosseiro e descortês: "Não sou como o resto dos homens;" porém causa-nos júbilo e atrativo a humildade do publicano: "Tende piedade de mim, que sou pecador."

Oh! delicadeza de Marta e de Maria: elas não dizem a Jesus: Ressuscita-o, depressa! Apenas deixam transparecer uma confiança íntima: "Se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.

103. O amor. — Jesus não repele a ninguém; é fiel a seus amigos, Marta, Maria e Lázaro; gosta da companhia dos pobres; aceita o convite para o jantar cerimonioso em casa dos ricos e de Zaqueu. Os publicanos, muito impopulares, desprezados, mereceram suas preferências por serem humildes; os fariseus orgulhosos, opressores dos pobres, apreciadores dos primeiros lugares, das saudações nas praças públicas, dos títulos pomposos de mestres, são castigados severamente.

104. A discrição na caridade. — Parecer é a divisa dos mundanos; ficar com nome apagado, é só das grandes almas: "Que vossa mão esquerda ignore o que faz vossa direita; não mandeis tocar a trombeta." O homem de bem vive nas suas obras: "Dai e ser-vos-á dado; perdoai e ser-vos-á perdoado."

Tudo se encerra, enfim, na suprema gratidão do Cristo: "Destes-me de comer, vestistes-me, visitastes-me, acolhestes-me, entrai na alegria do vosso Senhor."

A última palavra de Jesus foi ainda de indulgência: "Meu Pai, perdoai-lhes: não sabem o que fazem."

105. Leitura. — Eis um caso de caridade e cortesia evangélica.

No melhor hotel da cidade de L..., achava-se reunida numerosa sociedade de senhoras e senhores, entre os quais se

notava o pároco, ancião venerável e muito conhecido pela agudeza da sua inteligência, fértil em remoques finos e engraçados.

Eis senão quando aparece um cego, velho e pobre, guiado por um neto, e entra a cantar e tocar harpa.

Pouco gratos à sociedade eram o desentoado do instrumento e o tremido da voz do velho; por isso muitos cochichavam aos ouvidos, mofavam daqueles conchavos, e resolveram livrar-se logo dêle mediante alguns tostões de esmola.

Então, o pároco aproximou-se do cego músico e lhe disse com acento de amorável simpatia: "Está bem esbaforido, meu bom velho; por favor, deixe-me cantar eu também um pouquinho e passe-me a sua harpa."

Assentou-se o pároco na cadeira do velho, afinou o instrumento e começou a cantar uma das suas mais famosas árias, acompanhando-a com a harpa, de modo tal que os assistentes estavam pasmados e arrebatados de admiração, principalmente os que ainda lhe não tinham ouvido a voz maviosa.

O talento do instrumentista era ainda realçado pelo contraste com o desagradável toque que acabava de fazer ouvir o pobre do cego; por isso todos deram bravos e palmas e logo pediram para que mais uma ária cantasse.

"De boa vontade, respondeu o pároco; no entretanto, — e então dirigiu-se ao velho — vá o Snr. tirando a sua esmola."

Conduzido pelo neto, o cego deu a volta da sala, com o chapéu na mão e nêle choviam numerosas e grossas moedas de prata.

Ouvindo-as tinir, o cego chorava de alegria.

"Ó avô! exclamava o neto, em todo o ano não colhemos tanto dinheiro como esta noite!"

Ambos, neto e avô, desfizeram-se em agradecimentos pelas ricas oferendas que lhes acabavam de fazer e beijaram a mão do pároco com máximo respeito.

Quanto aos assistentes, davam elogios ao belo talento artístico do Padre e mais ainda ao nobre uso que dêle acabava de fazer. (Cônego Schimid).

AS RELAÇÕES SOCIAIS

CAPÍTULO XXII

A saudação.

106. A saudação é o sinal externo pelo qual prestamos a uma pessoa um testemunho de estima, de respeito ou de cordialidade; revela e exterioriza os nossos sentimentos.

Segundo os tempos e os países, variaram muitíssimo os modos de expressão desta parte da civilidade. Antigamente ligava-se extrema importância à saudação, por ser ela um sinal público da desigualdade das classes sociais, e da preeminência entre os homens, de acôrdo com a sua categoria ou o seu nascimento; as profundas reverências são resto do cerimonial dos povos orientais.

Com o estabelecimento das democracias nos povos modernos, os usos antigos têm sido abolidos; só a Igreja Católica, zelosa em guardar as tradições de respeito e de nobreza entre os homens, conserva nas cerimônias do culto os ritos ou antigos costumes que distinguiam, nas funções sagradas, os diversos graus da hierarquia.

A saudação, que podemos chamar também cumprimentos, é de quatro graus nas sociedades hodiernas, segundo a categoria das pessoas a quem é dirigida. Cumprimenta-se: 1.º saudando com a cabeça e tirando o chapéu; — 2.º dando um apêrto de mão; — 3.º dando um abraço; — 4.º tomando a bênção. — Um grau qualquer dos três últimos cumprimentos compreende os anteriores.

107. Com êste primeiro modo, saúdam-se as autoridades, os transeúntes conhecidos ou relacionados, os companheiros de viagem, de hotel e de restaurante. Tira-se o chapéu, afastando-o a mais ou menos um palmo da cabeça e olha-se para a pessoa cumprimentada.

Cruzando-se com uma pessoa de autoridade ou uma dignidade principal numa galeria de estabelecimento, numa plataforma de estação ferroviária, ou mesmo numa rua, é preciso parar, tirar o chapéu, segurá-lo a uma pequena distância do corpo com o braço direito meio estendido, o fundo do chapéu virado para o chão, até estar distanciado de três ou quatro passos da autoridade.

Quem pára diante de uma autoridade ou pessoa qualificada, depois de saudá-la, fica de pés juntos e com o chapéu na mão, até que seja convidado a cobrir-se.

Se todos os circunstantes ficam descobertos por muito tempo, toma-se a liberdade dos movimentos do corpo, e coloca-se o chapéu na mão desocupada, porém evita-se segurá-lo no castão da bengala ou do guarda-chuva.

Quando a pessoa de autoridade estiver parada, o cerimonial da saudação é o mesmo do que fica dito, desde alguns passos antes até alguns passos depois dela.

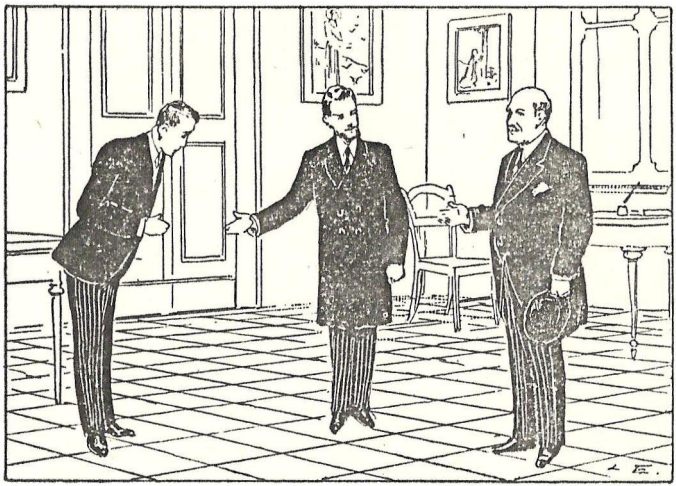
Esboçar o gesto da saudação levando a mão à altura da fronte é admissível sòmente entre colegas de usina ou entre viajantes de comércio que não se detêm para conversar ou têm as mãos ocupadas por muitos objetos.

Nas cidades, cumprimentam-se só as pessoas conhecidas; porém nas aldeias ou cidades pequenas, o cumprimento estende-se a todos em geral.

As pessoas de destaque social e as mais instruídas iniciam a saudação, introduzindo assim entre o povo, pelo bom exemplo, os costumes da deferência e do respeito mútuo.

Nas classes armadas, as altas patentes saúdam em primeiro lugar quando encontram um inferior acompanhado da sua espôsa: belíssimo sinal do respeito que se deve prestar à santidade da união conjugal.

Não são raros os patrões e os chefes que saúdam os primeiros aos subalternos e mesmo aos domésticos.



NUM SALÃO.

Um moço é apresentado a um superior, sem apêrto de mãos. — Notar as atitudes das três personagens; em geral, é o inferior que é apresentado; êste inferior inclina-se com profundo respeito. O apresentador, com um gesto da mão indica o apresentado ao superior e olha para êste enquanto lhe fala. De ordinário, o superior e o apresentado trocam algumas palavras afáveis: são as primeiras relações de um com outro.

Luiz XIV, rei de França, tão perfeito fidalgo quanto majestoso monarca, saudava o primeiro a sua lavadeira, e dizia aos palacianos: não quero que uma pobre mulher possa dar-me lições de civilidade.

Quem estiver sentado num lugar público, jardim, salão de concêrto, etc., ao ver um ancião ou uma senhora passar perto à sua frente, deve levantar-se para cumprimentá-los.

Nos casos acima enumerados e principalmente com as pessoas graduadas, além de descobrir-se, a saudação consiste numa pequena inclinação de cabeça, acompanhada de uma leve e natural flexão da parte superior do busto. Os pés devem estar unidos e os calcanhares juntos no momento da saudação a um superior.

Saudação com o apêrto de mão.

108. A segunda saudação abrange a primeira e acrescenta-lhe o apêrto de mão. São merecedores dela os amigos e os conhecidos de relações íntimas.

O mais elevado na posição social ou o mais idoso apresenta a mão; tal apresentação deve ser espontânea e cordial para evitar o grotesco. A aceitação deve ser rápida para não ser desairosa.

Não se apresenta a mão a um desconhecido; porém depois de uma apresentação ou de uma conversa, é conveniente dar ao interlocutor, ao separar-se dêle, esta prova de cordialidade, sinal externo da simpatia que concebemos por êle depois de conhecê-lo.

Dando a mão, os pés devem estar juntos e o corpo levemente inclinado para frente.

Saudação com o abraço.

109. A terceira saudação tem regras delicadas, e por isso frequentemente violadas. Acrescenta à segunda, que por si é um testemunho respeitoso de civilidade, uma

expressão de amor e de ternura, pelo abraço que se dão os que se saúdam.

Êste terceiro sinal, se é que tem algum valor, só se pode dar aos parentes e amigos íntimos, entre os quais se supõe existir real harmonia de vistas, de interêsses, de tendências e de desejos, grande simpatia e abnegação recíproca, realizando o ideal da verdadeira e sincera amizade.

Suas regras derivam, portanto, das leis fundamentais do amor, que faz os verdadeiros amigos participantes dos mesmos bens, das mesmas penas e alegrias.

Estas condições tornam muito restrito o círculo dos verdadeiros amigos; no entanto vemos que é muito largo o campo onde se prodigalizam os abraços.

Nada tão sem motivo como êsses copiosos abraços distribuídos sem saber a quem numa plataforma de estrada de ferro, no "bota-fora" ou na chegada de um chefe político, ou no final de um discurso sensaboroso, entufado de banalidades. Que valor têm essas centenas de abraços distribuídos em profusão ou apenas esboçados?

Já no século XVII Molière exprimia sua repulsa por êsses gestos desacompanhados de verdadeiros sentimentos; queria o grande censor dos costumes:

Que sur quelque mérite une estime se fonde,
Car c'est n'estimer rien qu'estimer tout le monde.

(Misanthrope — Acto I — Sc. I) (1)

Portanto, devem ser excluídos dos nossos abraços todos os que não estão no círculo das nossas relações íntimas. Devemos reservar êste gesto tão nobre e tão significativo, como é de apertar alguém sôbre o nosso coração, para os nossos pais e parentes, os membros da nossa casa, os nossos benfeitores, as pessoas de verdadeira intimidade, como os

(1) Que sôbre algum merecimento a estima se baseie, porque não se estima ninguém quando se estima toda a gente.

condiscípulos, os mestres, os companheiros de lutas e de sacrifícios. Aos que sofrem, às pessoas vítimas de catástrofes íntimas, aos pobres que precisam de um sinal inequívoco da nossa dedicação, é lícito dar um abraço que lhes exprima a nossa simpatia e lhes seja como um doce reconfôrto moral.

Saudação e bênção.

110. Chegamos ao quarto grau da saudação, o mais complexo e o mais reverencioso. Completa os precedentes com o pedido de bênção; reveste-se de caráter religioso; é antes de tudo uma prece à qual Deus responde pela sua graça, servindo-se dos lábios paternos.

Êste uso de tomar a bênção paterna tem uma origem veneranda que remonta aos tempos bíblicos. O Cristianismo, que restaurou e dignificou a família arruinada pelo paganismo, enobreceu também os costumes de respeito e veneração que devem reger as relações da sociedade familial.

O pai é o chefe indiscutido, o rei obedecido e respeitado, o instrumento natural suficiente pelo qual a família se agrega ao corpo social; é o representante da espôsa e dos filhos diante dos poderes civis, como é também o delegado do poder divino junto aos membros da família.

Sua autoridade não é recebida dos poderes terrestres, porque não é pai por vontade do Estado nem de nenhuma lei positiva; sua autoridade vem do céu e, portanto, sua bênção vem também do céu.

Por isso não abençoa nem em nome da lei, nem em nome do Estado, nem em seu próprio nome, porém em nome de Deus de quem recebeu, pela paternidade, a investidura da suprema autoridade no lar. A mãe, bem que

submissa à autoridade marital, goza sôbre os filhos das mesmas prerrogativas.

O bom filho estima e preza a bênção dos seus pais; uma saudação qualquer não pode satisfazer o amor filial. No primeiro encontro do dia, assim como no adeus da noite, êle se aproxima reverente, pede a bênção e beija a mão dos que lhe deram a vida; ouve uma resposta que lhe reconforta o coração, e Deus ratifica no céu o que fazem seus representantes na terra.

Não há pai nem mãe que possam negar a bênção aos filhos.

Quando longe da família, êstes pedem por cartas e por outros meios a renovação da bênção dos pais, e esta bênção cai como um orvalho na alma do bom filho.

Os mesmos deveres devem cumprir-se com os avós, os padrinhos e os tios.

Os sacerdotes católicos, nossos pais na ordem espiritual, estão revestidos das prerrogativas da paternidade. O cristão deve tomar-lhes a bênção, e beijar-lhes as mãos, consagradas para as funções sacerdotais.

111. Leitura. — 1. No dia da Anunciação, o anjo Gabriel participou a Maria que Isabel havia de ser mãe; imediatamente Nossa Senhora empreendeu a viagem de Nazaré a Hebrão, a fim de congratular a prima por êste insigne favor de Deus. No encontro, quem iniciou a saudação foi Maria Santíssima e suas palavras foram acompanhadas de um prodígio da graça: a santificação de João Batista.

É para comemorar e imitar a humildade de Maria nestas circunstâncias que as regras de certas congregações impõem aos superiores a iniciativa da saudação.

2. Em 1785, Tomas Jeferson, ministro plenipotenciário norte-americano, em París, foi delicadamente cumprimentado por um homem de côr em um lugar público.

Jeferson retribuiu a cortesia com gentil amabilidade.

Cientes da animadversão que o norte-americano vota ao negro nos Estados Unidos, estranharam aquêle gesto alguns membros da comitiva.

Com espírito e bom senso, respondeu Jeferson: "Não quero que êste plebeu seja mais polido do que eu."

CAPÍTULO XXIII

A civilidade na família.

112. A família deve ser a primeira escola de civilidade. Nela tudo é sagrado, e portanto digno de respeito, não só os pais, representantes e depositários da autoridade divina, mas também a própria morada, a casa paterna, o quarto em que se vive e se descansa.

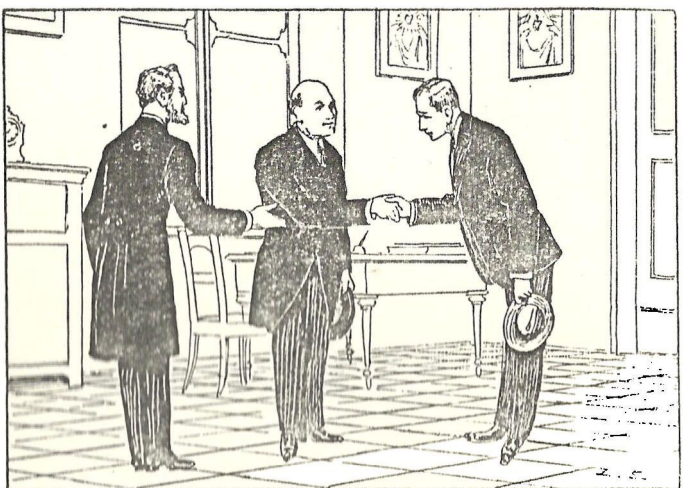
A habitação sendo o quadro e o reflexo da família requer que seja honrada, que zelem pela sua limpeza e o seu decôro, e que todos os habitantes vivam nela com dignidade, discrição e reserva.

Quão grande não seria a culpa de quem a desonrasse, ou introduzisse nela a discórdia, o espírito de oposição e de mentira! Pelos modos e relações que reinam entre filhos e pais, pode-se julgar do grau de dignidade e de educação que existem numa família, assim como das virtudes que nela se praticam.

Ainda mais: os cidadãos serão formados à imagem das virtudes domésticas; o futuro de uma nação depende, pois, da boa constituição da família, primeira célula social, na qual devem reinar e florescer o respeito, o amor recíproco, a abnegação mútua, a solidariedade, virtudes que, irradiando-se dêste núcleo sôbre a nação inteira, são o baluarte que protege a felicidade coletiva.

113. O amor e o respeito aos pais são de preceito divino: "Honrar pai e mãe." Seria muito sem coração, sem

juízo e desnaturado o filho que não cumprisse êste dever para com aqueles a quem deve, depois de Deus, a existência e todos os bens que dela derivam.



NUM SALÃO.

Um moço é apresentado a um superior, com apêrto de mãos. — Notar as atitudes: o moço espera que o superior lhe ofereça a mão e inclina-se respeitoso. — Havendo chapéus, vão para a mão esquerda. — Quase sempre o superior elogia o apresentado ou exprime o prazer de conhecê-lo e êste agradece com modéstia e amabilidade.

Quem poderia calcular a soma dos trabalhos, dos sacrifícios, das dores, das vigílias que os pais se impõem para os filhos? Nunca um filho pode pagar a dívida do sangue, da subsistência e da educação que recebeu; ficará eternamente devedor a quem se sacrificou por êle.

Não prestemos ouvidos a certas teorias anticristãs e antinaturais que vêm proclamando a independência da criança, subtraindo-a aos pais em benefício do Estado-Deus.

Esta doutrina nefasta, colorida de falso filantropismo, quebra os elos naturais que prendem entre si os membros da família, dissolve os lares, derruba as barreiras do respeito e do amor, faz de um santuário abençoado um antro de discórdias, e apenas um ajuntamento heterogêneo e temporário em vista de interêsses passageiros.

Quando os pais não fazem remontar a Deus a origem da sua autoridade, os filhos insubordinam-se; desde cedo impõem a sua vontade; o pai sente-se humilhado, porém submete-se com o coração dolorido às exigências e às impertinências dos filhos; a mãe é reduzida a chorar no silêncio do seu coração a ingratidão e os desvarios dos que lhe são caros. O egoísmo, que abafa o respeito aos pais, solapa também as virtudes do bom cidadão.

114. Os modos de certos mocinhos estão em verdadeira contradição entre si, segundo êsses mocinhos se acham dentro ou fora de casa. Para os estranhos, êles se mostram amáveis e atenciosos; nas reuniões e nos clubes, neles tudo é alegria, riso e expressão jovial de felicidade.

Quando entram no recinto da família, são esquecidos de seus deveres principais, mudam bruscamente de modos, revestem-se de um ar ríspido, sombrio e taciturno; são enfadonhos, desabridos na linguagem, dispostos a tôda querela. O seu exterior é desalinhado, seu traje desordenado, andam mal trajados, e encerram-se num mutismo indelicado: parecem metidos numa penitenciária, não gostam da companhia das pessoas da sua casa. Será isto a vida de família, dêste centro de felicidades íntimas que devera ser para todos um pequeno Éden?

O filho afetuoso, pelo contrário, pela sua presença transforma sua família em recinto risonho de felicidade; êle quisera que nela tudo fôsse tapetado de veludo, os modos, os gestos, as palavras, as expressões, as relações recíprocas.

De manhã, ao primeiro encontro, cumprimenta e toma a bênção; de noite, na despedida, observa o mesmo cerimonial; não se ausenta de casa sem prévio aviso ou sem licença, de acôrdo com a idade; comparece à mesa à hora marcada, porque sendo membro da sociedade doméstica é obrigado a observar o horário estabelecido pelo chefe de família; passa as horas de descanso dos domingos e dos dias festivos no remanso do seu lar, entretido em instrutivas palestras em que se tratam os assuntos da vida comum, o negócio e os casos da família, do parentesco, ou da vida civil, sendo isto proveitosa iniciação à vida social.

Ouvindo os juízos dos anciãos sôbre as pessoas e as cousas, êle amplia suas idéia, fortifica o seu próprio juízo, impregna-se do espírito da família, que é uma herança sagrada para um filho de bom coração.

Êle acompanha os membros de casa nos passeios e nas visitas, faz-se o companheiro diligente e reservado do pai, da mãe e das irmãs, sabe cativar a todos pelo tom amável e a discrição das palavras.

No seio da família, obedece com prontidão, ouve com respeito e docilidade os conselhos dos pais; confiante na experiência dêles, não hesita em lhes descobrir a sua alma, suas esperanças, seus sonhos de porvir, e aceita agradecido as luzes que lhe comunicam.

115. Quão diferente é o procedimento do filho desnaturado, desrespeitoso e desamoroso. Vemo-lo cheio de si, enfatuado da sua personalidade, imaginando-se superior em qualidades ou instrução a seus pais, falando-lhes com arrogância, tratando-os com certo ar de desprêzo, disputando com êles, desmentindo os seus assertos, repreendendo-os às vezes do que êle toma por manias de velhos.

Em presença das pessoas estranhas, êle só quer aparecer, envergonha-se dos pais e quer deixar na sombra os seus progenitores.

Se êstes forem pobres, evita-lhes a presença.

Um tal filho é infeliz; é desprezado pelos homens de bem; a sociedade o repele, êle caminha certamente para uma grande infelicidade.

Entre filhos da mesma família deve reinar respeito constante e amor sincero. Como não se amariam os irmãos entre si, quando o mesmo nome, o mesmo sangue, as mesmas tradições e as mesmas virtudes são o seu patrimônio comum?

Os mais idosos devem aos outros bom exemplo e proteção. Os moços devem às suas irmãs um amor reverencioso, delicado, pelo qual evitarão causar-lhes contrariedade e desgôsto; não devem exigir delas sacrifício algum, porém devem ser seus protetores natos e vigilantes, prestar-lhes os serviços e a assistência convenientes, como seja: aliviar o seu trabalho, levar os pacotes ou as cousas pesadas, ceder-lhes sempre o lugar de honra, o assento melhor. Na prática da caridade fraterna, o moço aprende as melhores lições de civilidade.

As regras precedentes aplicam-se às relações que os netos devem ter com os avós. A idade avançada é mais um título à veneração e ao amor dos bons filhos.

116. Para com os pais, os têrmos de tratamento são: papai, mamãe; êstes têrmos são sagrados e tudo exprimem; seria ocioso acrescentar-lhes qualquer outro apelativo.

Quando se vive longe dos pais, é preciso escrever-lhes a miúdo, sobretudo durante a primeira idade, não só para dar e receber notícias, como também para lhes exprimir sentimentos de ternura filial e de vivo reconhecimento.

Há circunstâncias na vida de família em que é dever especial dos filhos manifestarem aos pais o que lhes vai no fundo da alma; essas circunstâncias são especialmente o dia do aniversário natalício, o dia da festa do Santo de mesmo nome, o dia do Ano Bom, e em geral, depois de todo acontecimento que traz à família um motivo de satisfação ou de luto.

O bom filho ama seus pais, não por causa da fortuna ou da posição social dêles, mas por serem êles junto a si os representantes de Deus.

Por isso, se caíssem no infortúnio, êle sentiria redobrar o seu amor, e tudo faria para lhes suavizar o pêso da vida, certo de que então se tornaria mais digno da bênção dos seus progenitores, a qual é sempre ratificada no céu por quem disse: "Honrarás pai e mãe para viveres longamente na terra."

117. Máximas. — Escutemos o que diz a Sagrada Escritura:

Deus fez o pai venerável para os filhos, e fortaleceu nestes a *autoridade da mãe.* (Ecl. III, 3).

Filhos, obedecei aos vossos pais em tudo o que fôr justo, porque isto é agradável a Deus. (Coloss. III, 20).

O filho bom faz a alegria dos pais. (Prov. XV, 20).

Filho, honra pai e mãe para que te abençoem e que a sua bênção permaneça sôbre ti. (Ecl. III, 9).

118. Leitura. — O MENINO MAU. — O Sr. Anselmo é rigoroso com o seu Luquinhas; repreende-o; às vezes até dá-lhe bolos.

Por quê?

Porque é rapazinho desobediente e estragador. Os seus livros, deixa-os à tôa e só faz olhar para as figuras; suja o papel da escrita; traz o quarto sempre desarrumado; assenta-se no chão para jogar; não guarda os brinquedos.

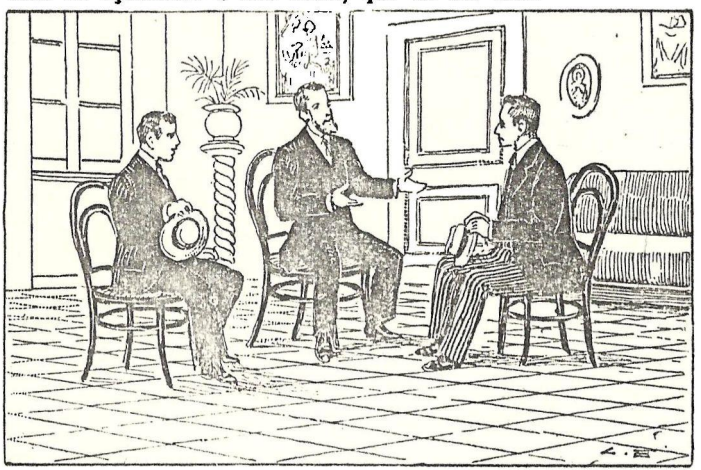
Sua roupa anda quase sempre rôta, em desordem, suja, maltratada.

Atira-se para cima das mesas, no sofá, por terra.

Abre as portas e não as fecha; pega sem cautela nos copos e quebra-os.

A mãe quer-lhe bem e não tem coragem de castigá-lo e êle abusa da bondade dela, faz-lhe pirraças; tem êle até ânimo de rir e de encolher os ombros quando ela lhe dá alguma advertência.

Procura gulodices e se ninguém lhas dá, estoira de raiva, chora, bate no chão com os pés, parece um diabrete. Mete a mão no açucareiro e nos doces, que há em casa.



NUM SALÃO.

A conversação. — Notar as atitudes do dono da casa e dos jovens ouvintes; o olhar é simples e animado, os gestos naturais, o rosto cheio de simpatia; os ouvintes estão corretos, atentos e muito respeitosos; em companhia de superiores, não se encostar no respaldar da cadeira. Não brincar com os pés, as mãos, a bengala, o chapéu, as luvas; tais movimentos são próprios de alguém nervoso ou de educação insuficiente.

Estão sempre a recomendar-lhe: "Não atravesses a rua quando vêm carros e cavalos." Mas êle não faz caso e uma vez ou outra ficará esmagado.

Dizem-lhe também todos os dias: "Não despertes os cães que dormem nem os irrites;" e êle não dá ouvidos, pelo que estou com mêdo que seja mordido um dia.

Introduz alfinetes na bôca; pendura-se no respaldar das cadeiras, e todavia já o avisaram que disso pode resultar-lhe muito mal.

Intrometido e abelhudo, esconde-se para escutar o que os outros dizem: e depois vai contar e assim faz castigar o irmão e repreender os criados.

Gaba-se a si próprio, como se êle só fôsse o moço bom e inteligente; fala mal do traje, da casa, até do rosto ou do nariz e da perna dos seus companheiros.

Está sempre a murmurar dos defeitos alheios e do mal que lhe fizeram.

É despótico e arrebata os brinquedos das mãos dos companheiros; dá ordens aos criados; faz barulho sem importar-se se perturba os outros; ocupa os melhores lugares e não se presta nunca ao confôrto dos outros.

Viu uma vez um companheiro que ia assentado-se e, à sorrelfa, retirou-lhe por trás a cadeira. O pobre rapaz caiu por terra e bateu com a cabeça, de modo que ficou desmaiado. Luquinhas espantou-se e fugiu; todos sentiram-se horrorizados daquele malvadinho e seus pais muito aflitos pelo mal que êle tinha causado.

Conta os sonhos que teve e outras ridicularias; fala de fantasmas ou do lobisomem.

E se outro começa a narrar um fato, êle interrompe e diz: "Não, não é assim; eu sei como foi;" e quer contar.

E, depois, tão aferrado às suas idéias, que não há ceder nunca no que os outros dizem.

Uma vez foi caçar com um seu companheiro e viram um passarinho, mas não puderam apanhá-lo.

"E' culpa tua, disse Luquinhas, se aquêle pintassilgo fugiu.

— Não era um pintassilgo, disse o outro: era um canário.

— Era um pintassilgo; queres saber mais do que eu?

— E eu não conheço canário, então?"

E assim canário ou pintassilgo, pintassilgo ou canário, começaram a chamar um ao outro de ignorante, de teimoso, e depois esmurraram-se a valer, e ainda agora estão de mal, por causa de um passarinho, que nem sequer puderam apanhar!

Os outros meninos ficam sempre contentes quando chegam os pais. Luquinhas, pelo contrário, dêles se esquiva, porque não pode esperar senão repreensão.

Rogaremos a Deus Nosso Senhor que não nos pareçamos com êste malcriadinho e que êle mude de costume; senão, coitadinho dêle...

CÉSAR CANTÚ

CAPÍTULO XXIV

Relações com os superiores.

119. O tutor. — O poder paterno e as suas prerrogativas são em parte transferíveis para outras pessoas; é o que constitui o direito de tutela.

O tutor é, pois, segundo a etimologia da palavra, o apôio, o arrimo do seu tutelado; a êle são devidos os respeitos, a submissão e o amor como a um segundo pai.

Os superiores são as pessoas que receberam de Deus uma função na vida civil ou religiosa das sociedades. Pela natureza da sua função ou do seu cargo, formam a jerarquia religiosa ou a jerarquia civil.

120. Os sacerdotes. — No ápice da jerarquia religiosa, temos o Sumo Pontífice, Vigário de Jesus Cristo, a quem foi dado todo poder no céu e na terra; mais perto de nós estão os bispos e os párocos, pastores de nossas almas. Pelo caráter sagrado de que são revestidos, têm direito à veneração, ao respeito e ao amor de todos os homens. Uma ofensa que lhes fôsse dirigida, seria duplamente grave. Deus não deixa sem castigo, às vêzes imediato, um desacato aos seus ministros.

Deve-se cumprimentar pela primeira saudação todo eclesiástico que se encontrar, mesmo sendo desconhecido, pois a saudação honra o seu caráter de sacerdote e o hábito religioso que nos representa a Igreja de Jesus Cristo. Todo homem educado deve ceder-lhe o passo e o melhor lugar, mostrar-se para êle atencioso e delicado de modos.

De um bispo toma-se a bênção beijando-lhe o anel e dobrando o joelho diante dêle, não só por causa da grandeza do caráter episcopal, como também pela relíquia da Santa Cruz que ordinariamente os bispos trazem encerrada na sua cruz peitoral.

Os jovens e os bons cristãos tomam a bênção de todo sacerdote.

Em dia de recepção ou de festa em casa de família, o eclesiástico que estiver presente à mesa, recebe o lugar de honra e as maiores atenções; o chefe da casa honra-se a si mesmo quando tributa ao sacerdote esta veneração pública; nenhum convidado pode ficar melindrado com isto.

Na correspondência com um Padre, o estilo, o tom e as expressões devem-se revestir de humildade e de obséquio, que serão o sinal do grande respeito que se tributa às pessoas consagradas a Deus.

121. Os superiores civis. — A outra linhagem de superiores é formada pelos representantes da autoridade civil. Desde o chefe da nação até o chefe do município, todas as pessoas que exercem uma parcela do poder público merecem, por causa do seu cargo, um respeito e uma atenção particulares. A religião impõe ao cristão o dever da obediência às autoridades constituídas, dizendo-nos: *Toda autoridade vem de Deus.*

Se a organização social proporciona ao homem para a vida material e espiritual imensas vantagens, é justo que êle tribute aos representantes da ordem social um respeito e uma gratidão especiais.

122. Os anciãos. — A velhice constitui também uma superioridade. E' uma característica ruim dos tempos atuais desdenhar a velhice e desprezar as cousas do passado. Concedemos que nas famosas repúblicas antigas houvesse mais teoria do que realidade no respeito à velhice; contudo, é verdade também que a educação moderna, que tão alto apregoa as prerrogativas e o valor da mocidade, incute na juventude um amor exagerado da sua preeminência, a tal ponto que os anciãos se vêem preteridos e mesmo excluídos

das deliberações públicas, dos conselhos e das reuniões, onde se considera sua presença como um anacronismo da história.

A educação moderna ensina ao jovem a lutar para a conquista do prazer, o que vem a ser a cultura do egoísmo com o sacrifício do passado representado pelos anciãos.

Toda pessoa sensata e medianamente instruída compreende quão superficial é o saber de um jovem que alardeia seus talentos, chama de antagonismo ao progresso a prudência dos velhos, de reacionária a estabilidade dos seus juízos, de rotineira a estrada que nos trouxe às maravilhas do momento presente, fundado sôbre a experiência das gerações passadas; por isso evita-se a companhia dos velhos, imaginando que são ranzinzas, repetidores de cousas ditas, estranhos às idéias modernas, alheios ao movimento e à alegria da mocidade.

No entanto, sempre será sinal de pessoa bem educada rodear os anciãos de todo respeito, usar com êles de atenções delicadas.

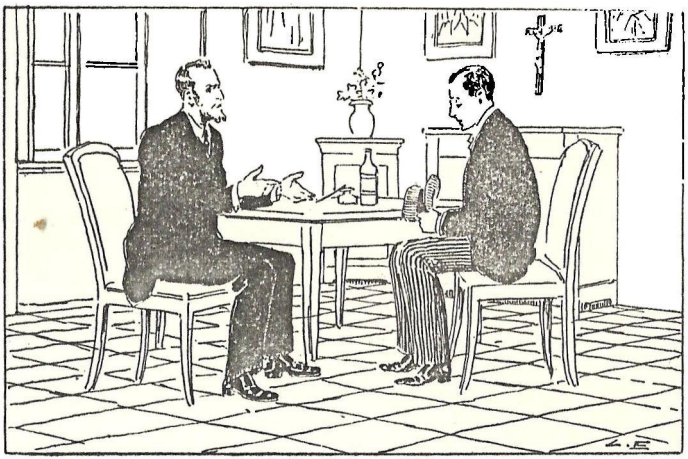
Respeitemo-los, porque não percorreram os ásperos caminhos da vida sem sofrer e sem chorar; respeitemo-los porque lutaram no trabalho e nas fadigas para realizarem o seu ideal de vida.

Honremos a velhice mesmo acompanhada dos seus achaques, porque é uma etapa próxima da morte.

Compensemos por um redobramento de cortesia, de fineza e de ternura, a frieza que o isolamento, as enfermidades e a longa vida produzem ao redor do ancião.

O cumprimento dêste dever traz uma recompensa imediata. Não só o coração dos velhos se aquece, quando em contacto com o da mocidade, como também a mocidade recolhe dos lábios da velhice a história de um passado que se extingue, emergindo do acervo dos acontecimentos as lições da mais profunda sabedoria.

A mocidade não acredita na morte, ainda menos na velhice, porque não sabe quão rápida é esta existência. Mas deveria saber que os sentimentos não têm idade, que o ancião conserva um coração jovem e sensível debaixo dos cabelos brancos. "Fazei aos outros o que quereis que vos seja feito," diz o Evangelho; sim, tratai os velhos com deferência, sim-



NUM SALÃO.

Uma repreensão. — O jovem repreendido podia ter melhor atitude: segura o chapéu com ambas as mãos, une demais os joelhos, está com os pés em posição embaraçada. — Parece mesmo ter arrependimento. — Quem repreende não deve provocar o desânimo por rigor excessivo. Quem é repreendido não tem o direito de revoltar-se nem perder a coragem, mas aceitar com simplicidade o que é verdadeiro e tratar de emendar-se.

patia e veneração, para que depois de terdes lutado e sofrido, quando estiverdes no declínio sombrio e austero da vossa vida, possais gozar do contato reconfortante das gerações novas.

123. Máxima. — A experiência consumada é a coroa dos anciãos, e o temor de Deus é a sua glória.

A velhice é uma coroa honrosa, quando seguiu a via da justiça.

Não desprezeis os discursos dos anciãos, pois por meio dêles aprendereis a sabedoria.

124. **Leitura.** — O BOM MENINO. — Todo o contrário de Luquinhas é Benigno, um menino bem educado.

Que é que Benigno mais receia neste mundo? E' desagradar ao pai e à mãe.

Por isso, obedece, mal abrem a bôca; não precisam dizer-lhe as cousas duas vêzes; antes adivinha-lhes os pensamentos e previne-lhes as ordens.

Gosta de flores, gosta do jardim, e seu tio, no dia de Ano Bom, fez-lhe mimo de um ancinho, de uma enxadinha, de um pequeno regador e de um carrinho de mão. Do pai recebeu um canteiro no jardim, onde limpa, cava, planta, semeia, rega, poda, arranca, como vê fazer no jardim grande.

Mas nunca tocaria numa flor, nem arrancaria uma plantinha, nem colheria jamais uma fruta no jardim grande sem ter licença de seus pais.

Corre pelas avenidas com seu cavalinho de pau, ou empina o seu papagaio, mas não pisa nas leiras; antes se vê um vaso caído, uma plantinha abatida do vento, vai a toda a pressa endireitá-los.

Nem mesmo aos animais, nunca êle fez mal. Afaga o cão e dá-lhe de comer; mas não o irrita, nem o faz ladrar.

Não tira do ninho os passarinhos que a mãe aí está criando, e se lhe dão alguns, trata dêles, alimpa a gaiola, acostuma-os a vir debicar a comida em sua mão, e não se diverte em atormentá-los.

Quando faz frio e as aves do campo passam fome, apanha as migalhas da mesa e as lança no terraço para alimentar os pássaros que não têm outra pitança.

Fazei agora idéia de como ama os homens, maiormente os pobres!

Aos seus irmãozinhos menores, é êle quem guia os primeiros passos e lhes ensina o *a b c;* ao invés de lhes arrebatar os brinquedos, dá-lhes dos seus, só recomendando-lhes que não os quebrem.

Quando adoece a mãe ou a avó, vai muitas vêzes perguntar-lhes se não precisam de alguma cousa e leva-lhes de beber; evita os ruídos perto do quarto delas, e faz estar calados os irmãozinhos.

Outro dia, guardou duas lindas frutas, que lhe deram para merenda, e as levou à pobre vizinha velha e doentia.

Ontem, poupou a xícara de café e a ofereceu ao trabalhador, que, no pino do meio-dia, cavava a terra suando.

Hoje vi-o dar a mão a um cego para que não esbarrasse ao entrar na igreja.

Por êstes atos e muitos outros semelhantes, Benigno está muito contente e goza da estima universal.

CÉSAR CANTÚ

CAPÍTULO XXV

Os mestres e educadores.

125. O educador. — Inspirando-se nos princípios da fé e da razão, os educandos devem considerar os seus mestres e seus educadores como os representantes da mais augusta autoridade. Esta autoridade é multíplice, e por isso exige a observância de certas regras, baseadas no respeito e no amor, tendo por fruto a docilidade.

Muitos títulos ornam a fronte do mestre: a superioridade do talento e do saber, a delegação da autoridade paterna que êle legitimamente representa, o mandato recebido da pátria, que lhe confia a tarefa de ensinar a sua história, de interpretar a sua missão no mundo, de perpetuar a memória dos seus heróis e de acender nos jovens corações a chama sagrada do patriotismo; a voz da humanidade, enfim, porque o saber não é a propriedade de nenhuma nação, senão o patrimônio comum da família humana.

Quando o educador é sacerdote ou religioso, é diretamente o representante da Igreja de Cristo que o manda como seu embaixador junto à mocidade, segundo a ordem recebida do Divino Mestre: "Ensinai a todas as nações."

126. Qual é o melhor aluno? — O melhor aluno é o que trata seus mestres com o mais profundo respeito,

não só em razão da nobreza das suas funções, como também por causa das autoridades que residem nêles.

Nunca transpõe o limiar da escola sem o sentimento vivo de uma profunda veneração pelo que nela se ensina; a escola não lhe serve de ponto para exercer a sua malícia; pelo contrário, êle a considera como um templo onde se educam o espírito e o coração.

Ninguém melhor que o velho Quintiliano soube condensar em têrmos próprios os deveres dos discípulos para com seus mestres.

127. O que disse Quintiliano. — "Que os discípulos não amem os mestres menos do que os seus estudos; que acreditem serem êles os seus pais espirituais.

Esta convicção piedosa fecundará o progresso, porque assim escutarão com docilidade, acreditarão nas verdades ensinadas, desejarão tornar-se semelhantes a seus mestres. Convém que permaneçam alegres e de ânimo tranquilo; quando emendados, não se zanguem; quando louvados, não se envaideçam, para conservarem o zêlo pelo estudo.

Assim como de uns o dever é ensinar, de outros é mostrar docilidade; uma cousa sem a outra não daria resultado. Assim como a vida natural é conferida por dois sêres, o pai e a mãe, assim também o ensino dos mestres fica estéril sem o concurso ativo dos mestres e dos educandos." (*De Institutione Or.* II, 2).

128. Leitura. — 1. **O jovem Samuel, futuro juiz de Israel, certa noite estava descansando no tabernáculo. De repente, ouve uma voz que o chama "Samuel! Samuel!"**

Julgando que fôsse a voz do Sumo Sacerdote, vai ter com êle e lhe diz: "Eis-me aqui, pois me chamastes!" Mas a voz não era do Sumo Sacerdote, senão a de Deus.

Esta cena se repetiu segunda e terceira vez até que Samuel visse que o chamado era de Deus e respondesse, ensinado por seu mestre: "Falai, Senhor, que vosso servo está escutando!"

Belo exemplo de respeito e obediência aos mestres.

2. Alexandre Magno, durante quatro anos, recebeu as lições de Aristóteles, o maior filósofo da antiguidade. Êste insigne mestre esforçou-se por desenvolver no seu real aluno as mais belas qualidades e virtudes. Gratíssimo por aquêles sábios ensinamentos, o valente conquistador da Ásia costumava dizer "Mais devo a Aristóteles, meu mestre, do que a Felipe, meu pai."

3. Teodósio, o Grande, um dos mais gloriosos imperadores romanos, confiou a educação dos seus dois filhos Honório e Arcádio, a um preceptor de alta capacidade e de grande virtude.

Chamava-se Arsênio êste homem de bem e prodigalizou aos seus alunos os mais desvelados cuidados.

Um dia, durante a lição, o imperador entrou na sala de aula. O mestre estava de pé e os dois príncipes sentados. Teodósio não gostou do pouco respeito dos seus filhos para com o mestre. Repreendeu-os com vivacidade e exigiu que dora em diante, os discípulos ficassem de pé enquanto Arsênio, sentado, daria a lição.

"Meus filhos, terminou Teodósio, a vosso pai deveis a vida do corpo e a esperança de uma coroa; mas a Arsênio, estais devendo um bem muito mais precioso: a boa educação para serdes virtuosos e dignos do trono."

A fim de castigar esta falta de respeito nesta ocasião, o imperador condenou os filhos a passar oito dias na côrte sem as insígnias da sua dignidade.

CAPÍTULO XXVI

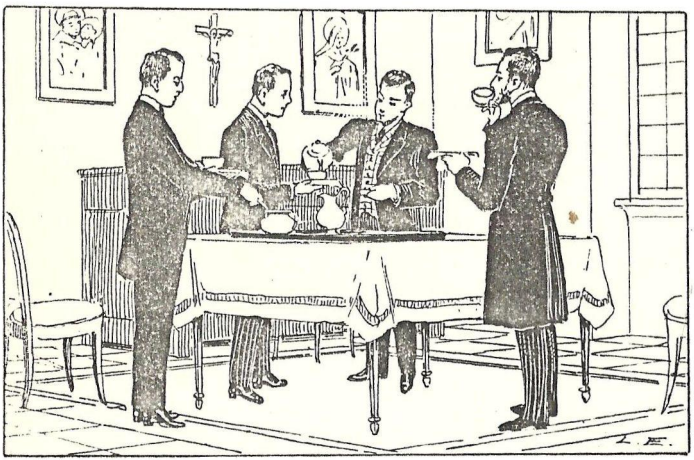
O passeio.

129. O passeio tem horário. — O passeio é um exercício físico destinado a repousar o espírito e fortificar o corpo submetendo-os às leis da higiene mental e física, aproveitando para isso a mudança de ambiente.

O passeio deve ter seus tempos, seus dias e suas horas.

Será tanto melhor quanto mais afastado dos centros populosos e movimentados que, sobretudo em nossos dias, oferecem ao transeúnte perigos de mais de uma espécie.

O moço passeará com pessoas honestas, ou com amigos e companheiros recomendados por seus pais. Andando só ou em companhia, o homem educado deve obedecer a certas regras; as principais são as seguintes:



CAFÉ.

Café ou chá. — Modo de servir um dos hóspedes; o açúcar toma-se no açucareiro com a colher própria. — Para o homem que está bebendo, notar a posição do braço esquerdo e do corpo em geral e como leva a xícara aos lábios. — Quem tem presença de espírito, aproveita a ocasião para dizer alguma palavra agradável a cada um dos hóspedes, por ordem de dignidade.

O corpo terá uma atitude ereta, sem rigidez, um porte flexível, porém sem balanço. Os gestos serão raros, regrados e naturais. Os passos serão moderados; o semblante se reveste de um doce ar de quietude, premunindo-se contra a distração e a surprêsa.

Tanto na aldeia como na cidade, a rua não é propriedade de ninguém; pertence a todos os transeúntes. Por isso quem nela vai precisa pensar nos outros mais do que em

si próprio, afim de edificar o público pelo seu porte digno, honesto, pelos seus modos amáveis e muito corteses.

Antes de sair, é útil para a roupa, o chapéu e o calçado, fazer um apêlo às escôvas.

130. Guarda-chuva e bengala. — Quem vai ao campo está geralmente munido de bengala ou de guarda-chuva; êste último comunica, às vezes, ao seu detentor um ar de deselegância e de embaraço. É frequente esquecê-lo, extraviá-lo, quebrá-lo; tamanha é a desventura do guarda-chuva, que a sua definição vulgar poderia ser esta: objeto feito para sumir.

A bengala avantaja-se pela elegância e a facilidade do seu manejo.

A bengala e o guarda-chuva seguram-se geralmente no sentido do corpo. Mal avisados são os transeúntes que, nas ruas, seguram êstes objetos debaixo do braço, em sentido quase horizontal, expondo as outras pessoas a serem ofendidas pelas pontas.

A bengala servirá de apôio, dará ao corpo e ao andar certa elegância, e, se preciso fôr, servirá de defesa. Usá-la para descrever nos ares "quebradas e curvas," marcar compasso no soalho, desenhar no chão, levantar a ponta para indicar pessoas ou objetos, são cousas opostas à civilidade.

Não é permitido entrar nos teatros e nos museus, com bengala ou guarda-chuva.

131. De carro e de bonde. — Andar nas grandes cidades, nas estradas muito frequentadas, é hoje, para quem está passeando, uma séria preocupação. E' quase uma arte saber evitar os encontros, os choques, os acidentes e os empurrões. Quem não sabe olhar, ouvir, distinguir, prever, tomar a direita, observar os sinais, que fique em casa.

Para subir como para descer do bonde, "espere o carro parar." O moço facilitará aos anciãos e às senhoras uma acomodação no interior do bonde; pagará discretamente a passagem em favor de um eclesiástico ou de um seu parente.

Não atropelar e não ser atropelado, eis, segundo o estilo do "Bourgeois gentilhomme," de Molière, a regra suprema do transeúnte nas vias públicas.

E' de boa educação obedecer ao dispositivo policial que regulamenta a circulação. E' preciso que o público se convença de que não é humilhante conformar-se com as exigências da disciplina; pelo contrário, é vergonhoso infringir os dispositivos que visam a segurança coletiva.

Quando, porém, forem observadas com escrúpulo e amabilidade as regras da circulação, serão suprimidos mil incidentes cotidianos de rua; o que hoje termina por discussões ou brigas, por palavrões indecorosos, acabaria suavemente pela troca de alguns sorrisos.

São numerosas as pessoas que não sabem andar nas ruas sem dar encontrões, sem acotovelar os vizinhos, sem pisar nos calos dos outros; não se desviam de ninguém, não evitam nenhum obstáculo, vão para a frente sempre em linha reta, tais as antas no mato, perseguidas pelos caçadores.

132. Nas vias públicas. — Nas ruas das grandes cidades, nas reuniões festivas, nos campos de esportes, etc., a saudação troca-se sòmente entre pessoas conhecidas. Numa estrada, de fazenda a fazenda, nos arredores das cidades do interior, é de bom-tom saudar-se, sem por isso alterar o passo da marcha.

Se numa estrada a pessoa saudada pára, sendo senhora, quem saudou se dirige para ela com o chapéu na mão.

Na via pública, nem em parte alguma, um senhor sem ser chamado por sinal especial, não vai encetar conversa

com uma senhora, nem um inferior confabular com um superior.

Se o nosso companheiro de passeio saúda alguém, devemos acompanhar a sua saudação. Cruzando-se com pessoas de distinção, o transeúnte deve, no passeio, deixar-lhe a passagem livre, do lado das casas; numa escadaria, deixa-se livro o lado do corrimão.

Estando dois a passeio, o lugar de honra é a direita; havendo três pessoas, é o lugar do meio. Quando três pessoas passeiam em lugar limitado, voltam-se as dos extremos para o centro, e a do centro volta-se sempre pela direita; quando são quatro, formam dois grupos de duas pessoas.

A civilidade exige que nos passeios em comum a pessoa mais conceituada regule o passo, o modo de andar, as paradas e os descansos. Ninguém, a não ser por motivo de fôrça maior, se afasta durante um passeio, das pessoas com quem tinha determinado andar.

133. A cavalo. — Nos passeios a cavalo e de bicicleta, existem as mesmas regras essenciais que nos passeios a pé. Lembremos o que dizia para o seu tempo São João Batista de La Sale aos cavaleiros: "Se encontrardes um riozinho sem ponte, um caminho alagado ou enlameado, quer a civilidade que os inferiores tomem a dianteira.

Se fica atrás outra pessoa a quem devem respeito precisam distanciar-se bastante para que a cavalgadura não projecte nessa pessoa nem água, nem lama."

Acrescentaremos que em nossas estradas poeirentas os inferiores, quer a cavalo, quer de automóvel, deixam sempre a frente às pessoas mais distintas.

134. De automóvel. — A civilidade obriga em toda parte e em todos os tempos; suas regras impõem-se também nos passeios de automóvel. O automóvel, o carro de praça e o auto-ônibus são assimilados a um grupo de pes-

soas, que devem observar as mesmas regras gerais que os pedestres. No carro particular, as pessoas de maior dignidade sobem as primeiras e descem as últimas. As outras ajudam nesse movimento, particularmente quando se trata de anciaos, de senhoras e de crianças, assim como se ajuda a montar a cavalo e a apear, segurando o estribo ou o animal.

No carro, o lugar de honra é no fundo e à direita. Quando alguém é convidado por um superior para entrar o primeiro no carro, deve, depois de uma primeira recusa, aceitar o convite e instalar-se no último lugar.

A boa educação não permite cuspir pelas janelas dos carros; nas vias públicas; além de anti-higiênico, êste ato é perigoso para os transeuntes; toda pessoa educada abstém-se de cuspir em público. E' de toda conveniência evitar esta ação, mesmo nas estradas de ferro, salvo se houver grave incômodo de saúde; e neste último caso, é preciso afastar-se um pouco da companhia.

Nos passeios, são tão frequentes os acidentes, tão numerosas as ocasiões de perigos físicos e morais, que é de bom aviso, antes de sair de casa, recomendar-se a Deus e ao bom Anjo da Guarda.

135.. Leitura. — **Era no tempo em que o virtuoso arcebispo de Paris, D. Cristóvão de Beaumont (1703-1781), estava exilado de sua diocese por causa de sua coragem em lutar contra os jansenistas.**

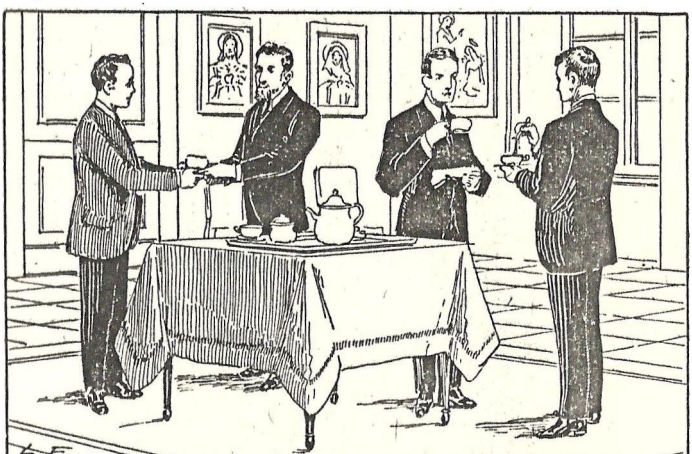
Habitava modesta casa, numa aldeia, a pouca distância de Paris. Um dia, passeando no campo, sem distintivo algum no traje, encontrou dois clérigos enviados pelo Snr. Bispo Diocesano para dar um recado ao Snr. Pároco da aldeia.

Êstes dois senhores, jovens e muito folgazãos, dirigem-se àquele venerável ancião, modestamente vestido, e o tratam com excessiva liberdade e sem-cerimônia; importunam-no com perguntas meio-indiscretas e afinal encarregam-no de participar ao Pároco que iriam, aquela mesma tarde, jantar com êle.

Dá o Prelado o recado e exige do Pároco que seja tratado sem nenhuma distinção, pois desejava guardar o mais rigoroso incógnito.

Chegam os tais clérigos, põem-se à mesa bem alegremente, falam muito e dirigem-se frequentemente ao *velho bonachão*, a quem não poupam gracejos.

Antes de se despedirem, nossos dois jovens estonteados perguntam-lhe ironicamente, se não quer alguma cousa para o Sr. bispo da diocese.



C A F É .

Café ou chá. — Com a mão esquerda segurar o pires acima do guarda-napo pequeno; com os três primeiros dedos da mão direita, segurar a xícara. — Por delicadeza o filho da casa desembaraça um hóspede de uma xícara vazia. — E' um momento de conversas amáveis entre os membros da casa e os convidados. A gentileza do olhar, o sorriso bondoso, o rosto simpático são o encanto dêstes instantes.

— "Quero, sim, respondeu o desconhecido. Desejo escrever-lhe."

E um sorriso maligno passa pelos lábios dos dois senhores.

Veio pena e papel, e o velho põe-se a escrever em presença dêles.

"Exm.º e Revdm.º Amigo e Snr.

Fez-me o acaso encontrar os vossos dois clérigos, enviados a esta paróquia; achei-os muito prazenteiros, alegres e talentosos; mas cuido que êles precisam de algumas lições de civilidade e

daquela polidez caridosa que ensina a tratar os velhos com distinção e reverência.

† CRISTÓVÃO, *arcebispo de Paris.*

Aquêles dois senhores tinham sido tão impolíticos, que acompanhavam com o olhar o que ia escrevendo o prelado, e, sem dúvida, aparelhavam-se a rir ainda mais.

Mas quando viram a assinatura, abriram-se os olhos e ficaram confundidos.

Depois, lançando-se aos pés do egrégio prelado, conjuravam-no que os não encarregasse de tão penosa missiva:

"Senhores, hão de levá-la, disse êle, e a lição, com ser um tanto dura, nem por isso será menos salutar." — BEAUME.

CAPÍTULO XXVII

As viagens.

136. As viagens são passeios prolongados. Apesar do prazer que proporcionam, impõem geralmente grande série de sacrifícios. Nêles, um homem de caráter mal formado revela-se aos olhos menos atentos.

Não é agradável viajar com pessoas rudes e egoístas, de modos ásperos, dotadas de grande suscetibilidade e nervosismo. Em pouco tempo se conhece o grau de educação de um passageiro, qual seu gênio, qual sua fineza de trato ou qual sua rusticidade de modos.

De fato, tôda viagem um pouco demorada faz sobressair os defeitos do homem egoísta, exigente, descortês, vaidoso, de caráter mal formado, porque a viagem longa é acompanhada de contratempos inevitáveis, de circunstâncias imprevistas e de decepções.

A variedade das paisagens, a novidade das belezas naturais, o confôrto dos veículos, não suprimem as incomodidades que estamos encontrando nas viagens: os lugares tomados de assalto, os assentos poeirentos, os empregados

impertinentes, os atrasos forçados, as malas extraviadas, os restaurantes e os hotéis desconfortáveis, os passageiros enfadonhos ou barulhentos, o frio, o calor excessivo, o cheiro de certas pessoas pouco asseadas, a chuva, a lama, etc.

Raro é ver um passageiro resignado suportando êstes óbices da viagem sem manifetar aborrecimento, queixa ou murmuração, e, às vezes, sem se desforrar nos companheiros em prolongado derrame de mau humor.

Na verdade, presenciamos às vezes verdadeira luta de egoísmos, ferocidade real na defesa do lugar e das comodidades. Quão longe está isto da obsequiosa caridade O passageiro bem educado observará as regras seguintes:

Num carro de estradas de ferro, oferecerá a cadeira do canto ao ancião, a uma senhora ou a um enfêrmo;

Não abrirá ou não fechará a vidraça antes de examinar qual é a maior conveniência disso para os vizinhos;

Ao chegar ao lugar escolhido, saudará com gesto rápido os passageiros vizinhos;

Não irá esparramando as malas e as maletas nas redes que não correspondem ao seu lugar;

A outro passageiro que está recolhendo as malas, facilitará o trabalho, aproximando-as, ou removendo-as, quando estão ao seu alcance;

Não se tornará enfadonho nem pelo tom da conversa, nem pelo assunto, nem pelos têrmos;

Evitará criticar as autoridades, deprimir as instituições, lançar a suspeita sôbre qualquer pessoa, corpo social ou administrativo.

137. Como se viaja. — Para um moço inteligente, o modo mais perfeito de viajar é recolher-se numa leitura honesta e silenciosa. O cristão eleva a Deus o coração, encomenda-se ao Anjo da Guarda no princípio da viagem, pensa nos amigos de quem se afasta e nos que vai encontrar.

Para com todos será complacente, amável e serviçal. No restaurante ou nos hotéis, mostrar-se-á educado e paciente; evitará impertinências com os criados, turbulência com os companheiros.

Ninguém gosta, sobretudo nas viagens, da companhia do egoísta, porém todos prezam a delicadeza de modos e a gentileza de caráter. O passageiro egoísta é, pelo contrário, um flagelo para os companheiros; entrando no carro, atropela toda gente, tropeça com malas e pacotes, ocupa lugar como devendo viajar sòzinho, não cumprimenta ninguém, não tem recato nos olhares nem nas atitudes. Apodera-se do lugar como de prêsa de guerra, não repara nos anciãos, nas senhoras, nos enfermos, nas crianças, senão com desinterêsse, não ajuda os aleijados, nem segura os estribos, quando montam a cavalo, nem trata de acomodar a ninguém.

138. Nos hotéis. — Nos hotéis, o mesmo passageiro egoísta quer ser o centro do mundo; chama a atenção dos criados, interpela de longe os conhecidos, liga conversa com toda gente, projeta em todo sentido olhares mal governados, faz reparos desenxabidos sôbre as iguarias, chama para si os melhores bocados, apodera-se dos objetos de serviço, estala os dedos, escancara a bôca para limpar os dentes, estruge quando bebe, faz ruído com a língua, enxuga o rosto com o guardanapo, enfim, calca aos pés todas as regras da boa educação.

E' suplício intolerável encontrar numa viagem o tipo do "garganta" vaidoso, presunçoso, arrogante, jactancioso nos seus dizeres, orgulhoso nos seus haveres. O passageiro "garganta", ao passo que se queixa dos outros, vem brazonando grandezas que não tem, recorre a muitos estratagemas para ser admirado e gabado, mostrar os brilhantes e os anéis.

Conta uma história fantástica de proezas, de habilidades que não possui, nasceu prodígio, venceu todos seus mestres, derrubou seus examinadores, conhece os grandes hotéis das principais capitais do país, quiçá do estrangeiro; foi comensal de muitos milionários, de homens célebres, venceu nas eleições um adversário formidável, desempenhou comissões de confiança, priva com ministros e diplomatas, teve lances emocionantes na vida... Seus automóveis são de fina marca...

Mas ninguém acredita nestes dizeres. O homem educado obedece sempre, sobretudo nas viagens, aos preceitos da caridade e da boa fraternidade: dá bom exemplo, é prudente, reservado, discreto, honesto, serviçal, e não omite o cumprimento de seus deveres religiosos.

139. Leitura. — 1. O velho Tobias, sentindo aproximar-se o fim da sua peregrinação sôbre a terra, incitou o filho para que fôsse a Ragés, na Média, cobrar dez talentos que outrora havia emprestado a Gabelo. O filho procurou um companheiro. Um anjo, sob forma humana, apresentou-se para ir com êle.

Bem acertado andou o joven Tobias, pois a viagem, apesar de numerosas peripécias, realizou-se em ótimas condições.

Em nossas viagens lembremo-nos da companhia do nosso Anjo da Guarda.

2. O Snr. Luiz José Estanislau Martin, pai de Santa Teresa do Menino Jesus, durante uma viagem, encontrou-se, numa estação, em presença de um epiléptico.

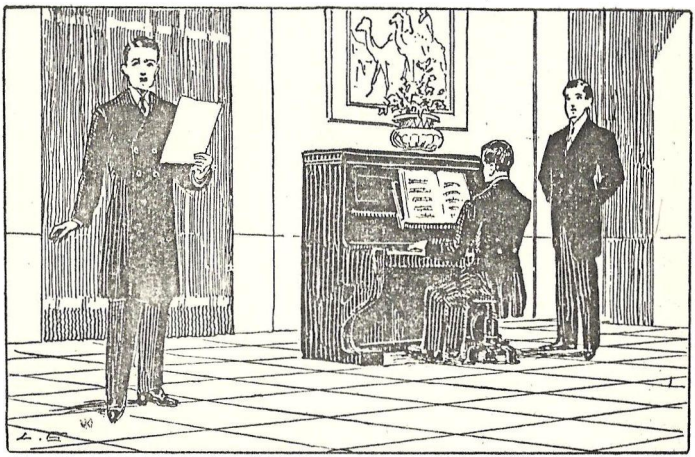
O nosso bom Samaritano saúda afetuosamente o doente e assim derrama, naquele pobre coração, o bálsamo da amizade; *incontinenti* descobre-se, deita no chapéu algumas moedas de prata e percorre todos os carros do combôio a mendigar pelo pobre doente. As moedas afluíram em quantidade. O enfêrmo, enternecido, chorava de reconhecimento quando as recebeu.

Durante nossas viagens, pratiquemos a caridade e, se o pudermos, aliviemos a Jesus Cristo em seus membros padecentes.

CAPÍTULO XXVIII

Numa loja.

140. A sociedade humana. — Tudo neste mundo foi feito para o serviço do homem: a terra é sua morada transitória, as plantas e os animais sustentam-lhe a vida ma-



AS DISTRAÇÕES.

O canto. — De pé, com naturalidade, o cantor olha poucas vêzes para a fôlha, vira-se levemente para o plano, evita os gestos teatrais, as atitudes trágicas. Tudo deve ser natural, simples. Não balançar o corpo de um lado para outro, de trás para a frente, não tomar a posição do soldado pronto para marchar. As regras são mais ou menos as mesmas para uma leitura pública, uma recitação.

terial, dando-lhe a própria substância; a indústria transforma os elementos e as matérias primas para o seu confôrto material, as ciências e as artes lhe dão o confôrto material, as ciências e as artes lhe dão o confôrto social e estético, a religião lhe proporciona o confôrto moral e espiritual para a satisfação das faculdades mais nobres.

O comércio é êsse ramo da atividade humana que aproxima do consumidor os objetos necessários ao sustento da vida, ou simplesmente úteis para amenizar a existência humana.

O comerciante desempenha, portanto, uma função social necessária para o bem da comunidade, porque o homem, vivendo em comum, não pode prescindir do auxílio dos outros homens.

141. O comerciante é nobre. — O comerciante é, pois, um dos nossos auxiliares na vida, porém conserva sua independência, porque se para o lucro depende do freguês, o freguês depende ainda mais do comerciante, de quem espera os meios de suprir as necessidades da vida, mediante uma justa compensação.

A verdade acima exposta aplica-se aos outros misteres e ofícios da vida puramente científica, estética ou financeira.

Desta reciprocidade de relações, resultam deveres e direitos para ambas as partes, o produtor e o consumidor, o lojista e o cliente, o governante e o súdito, porque sem os segundos não existiriam os primeiros e sem os primeiros os segundos não poderiam permanecer em sociedade.

142. Procedimento nas lojas. — A civilidade estende em todas as partes as suas exigências, impõe regras obrigatórias.

Quem entra numa loja, grande ou pequena, descobre-se e fica com o chapéu na mão, porque em toda parte, exceto ao ar livre, um homem educado permanece descoberto. Se, porém, fôr uma dessas lojas imensas que mais parecem exposições universais ou feiras de amostras do que centros comerciais privados, o visitante poderá cobrir-se; o chapéu na mão tornar-se-ia embaraçoso e exporia a certos acidentes.

Entrando numa loja, onde no momento não há ninguém, como pode acontecer nas pequenas cidades, o dono

da loja retirando-se a seu escritório, não seria de bom tom chamar em altas vozes e ainda menos dizer palavras malsonantes dirigidas ao dono ou ao moço do balcão.

Deve-se mostrar muita amenidade e fineza em pedir os objetos desejados. Embora o lojista tenha sêde do dinheiro do comprador, não perde por isso a sua dignidade pessoal; nada pode obrigá-lo a vender qualquer cousa a um malcriado.

Sois médico, advogado, tabelião, empregado em banco, telégrafo, estrada de ferro, etc.? Nestes e noutros empregos, quem admite ser interpelado com altivez, com insolência ou desafôro? no entanto, um empregado público é pago para servir a quem precisar dos seus serviços.

A civilidade obriga, pois, o comprador a mostrar-se delicado e complacente para o vendedor, evitando-lhe a fadiga e o aborrecimento de cobrir o balcão de todas as amostras. Limite-se o comprador ao exame do necessário.

Seria flagrante indelicadeza mandar trazer a casa vários artigos, servir-se dêles algumas horas ou alguns dias, e devolvê-los depois como se não conviessem.

E' digno de censura quem rebaixa a qualidade das mercadorias, esperando por êste processo obtê-las a preço inferior. Dói a um negociante escutar a crítica dos objetos que êle mesmo escolheu, pensando que fôssem do agrado da sua clientela. O cliente é livre de comprar ou de não comprar, porém não lhe é lícito magoar o vendedor, seja êste do alto comércio ou um simples quitandeiro de esquina.

143. O comerciante deve ser independente. — Discutir o preço além de certa margem parece tocar à injustiça e à falta de honestidade; não é permitido, com efeito, aproveitar-se do apêrto financeiro de um negociante para obter grande baixa de preço, ou inspirar-lhe um mêdo excessivo de perder a clientela; a justiça exige que o negociante realize um lucro legítimo.

Não é glória para ninguém gabar-se de ter comprado abaixo do preço real, porque isto representa injustiça para algum intermediário entre o produtor e o consumidor.

O regateio exagerado é o apanágio das almas vulgares.

Ouviu-se, uma vez, a respeito de um leilão de certos artigos religiosos, dizer o seguinte por uma pessoa convidada para aproveitar-se da barateza dos artigos:

"Esta casa de artigos religiosos foi levada à falência, por falta de clientela." Sendo anunciado o leilão, alguém falou: "Não quisera ir ao leilão, porque me sinto mal, comprando êsses objetos abaixo do preço de custo, com prejuízo de alguém; no entanto, irei a fim de animar o leilão e para fazer subir os preços de venda até um ponto razoável."

144. Leitura. — Nos HOTÉIS. — Em novembro de 1888, santa Teresa do Menino Jesus teve ensejo de acompanhar seu nobre pai numa peregrinação nacional a Roma.

Por espaço de um mês, êsses santos viajantes estiveram em contato com todas as categorias sociais, com os gênios mais disparatados.

Embora o trajeto se fizesse com o máximo confôrto, não faltava quem murmurasse contra a condução, contra os hotéis, contra o passado.

Quantas e quantas vêzes, no decorrer da peregrinação, não intervinha discretamente o virtuoso Snr. Martin, com um gesto ou uma palavra amena, ora cedendo o próprio lugar nos carros, nos hotéis para satisfazer alguém descontente.

Numerosas ocasiões de obsequiar o próximo se oferecem diariamente nos hotéis modernos para o cristão desejoso de servir a Jesus Cristo na pessoa dos semelhantes.

2. DISCUSSÃO. — Era em Cafarnaum no tempo de Jesus Cristo. Por sua ordem Pedro extrai da bôca de um peixe a moeda com que deve pagar o imposto destinado à manutenção do Templo.

Pouco depois, no meio dos apóstolos, surge calorosa contenda para saber qual seria o maior dêles quando fôsse restabelecida a supremacia judaica.

Jesus, que não perde ocasião de instruir os discípulos, amaina a discussão dando a todos uma lição de humildade e afirman-

do que o maior dêles é aquêle que se reputa o menor, o mais ínfimo.

3. Jacó era homem pacífico e inclinado à mansidão. Esaú, pelo contrário, era díscolo e intrigante. Isaac profetizou que êste andaria sempre metido em guerras e passaria a vida em discussões. E assim aconteceu.

4. São Macário, anacoreta da Alta Tebaida, no ano 300 de nossa era, foi interrogado por um religioso a respeito da origem das discussões.

— "E' muito fácil satisfazer-lhe a curiosidade, retrucou o santo. Está vendo êste tijolo? Vamos brigar a respeito da posse dêle. Vou dizer que êle é meu e o Snr. vai responder com energia: Não, Snr.; êste tijolo não é do Snr., mas é meu."

Começaram. Logo depois da primeira afirmação do religioso, o santo lhe respondeu com gentileza: "Pois, se fôr do Snr., leve-o!..."

E acabou a discussão.

Ah! se todos os homens imitassem o procedimento de são Macário, seria realizado o prolóquio popular: "Quando um não quer, dois não brigam!"

CAPÍTULO XXIX

As visitas.

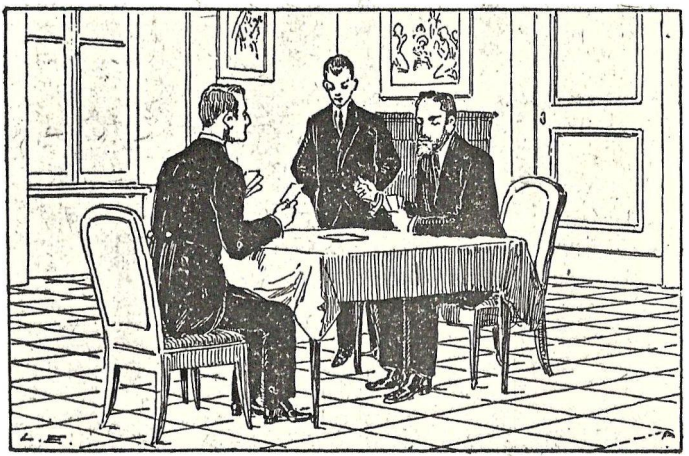
145. As visitas são necessárias. — As relações sociais são uma necessidade, para o coração humano, e às vêzes um doce lenitivo para seus males.

Devemos sair de casa não sòmente para negócios e passa-tempos, mas ainda para visitar os amigos, estreitar as relações com os parentes, cumprir os deveres civis e religiosos para com as autoridades constituídas.

Nas sociedades onde impera o espírito cristão, impõem-se ainda outros deveres: as visitas aos doentes, a assistência aos pobres.

Os acontecimentos principais da vida de família: nascimentos ou batizados, primeira comunhão, casamentos, ani-

versários, falecimentos, são outras ocasiões em que é grato ao coração receber o reconfôrto moral e espiritual da amizade, pela participação sincera das alegrias e das tristezas da existência.



AS DISTRAÇÕES.

O jôgo. — Os dois jogadores têm atitude correta; não estendem as pernas, não se encostam na cadeira. — O observador olha em silêncio. — Quem perde não deve manifestar mau humor e muito menos discutir. Quem ganha trata de consolar o que perde.

Os jovens não fazem visitas sem serem acompanhados por alguma outra pessoa de sua família.

O melhor horário é depois do meio-dia, em tempo e hora calculados segundo a ocupação da pessoa visitada.

Nas cidades pequenas e entre pessoas parentes ou de relações íntimas, não há traje de rigor. Fora disso, é conveniente apresentar-se bem trajado, segundo o uso do lugar. Se a recepção deve ser cerimoniosa e muito concorrida, é conveniente usar luvas.

146. A delicadeza em apresentar-se. — O sobretudo, a bengala, o guarda-chuva, deixam-se no vestíbulo. À porta, uma chamada discreta do visitante, quer pela campainha, quer por algumas batidas de palmas, anunciará a visita. Se depois de algumas chamadas ninguém aparecer, ou se o visitante não puder ser atendido, êste deixará num lugar bem visível, ou entregará a alguém um cartão de visita com o canto superior da direita dobrado.

Quando um criado se apresenta, fazemos-lhe a pergunta: "Estará em casa o sr. fulano, ou a sra. X?" Se a resposta fôr afirmativa, entramos e acompanhamos o introdutor até a sala de visitas, e lhe declaramos nitidamente o nome, a fim de evitar confusões. Se a resposta fôr negativa, não insistimos; deixamos um cartão no qual podemos escrever o objetivo da visita ou alguma outra informação.

Uma vez no salão, se estivermos sós, tomaremos uma atitude correta, evitando tocar nos objetos, nos quadros, nos álbuns, nas fotografias, no piano. Nos dias da recepção cerimoniosa, o moço solteiro beija a mão da dona de casa.

147. As atitudes. — Entrando num salão onde se acham já algumas visitas, ou pessoas da casa, o visitante faz uma leve inclinação de cumprimento aos circunstantes, à direita e à esquerda, dá um apêrto de mão às pessoas conhecidas, depois de ter saudado aquela que tem a preeminência na sala; em seguida, com tôda a calma, irá tomar um assento, evitando escolher o mais confortável, exceto se para isso fôsse convidado. Esta manobra de penetração num salão exige habilidade, que é a regra suprema. Os acostumados do mundo, conhecem a arte da apresentação, porém raramente a praticam; desde jovem, habitue-se o mocinho a vencer a natural timidez que entorpece seus movimentos em presença de um mundo elegante.

Na apresentação, evite-se a confusão dos nomes, dos títulos, afim de não colocar as pessoas apresentadas em falsa situação. O menos idoso ou o menos qualificado deve ser apresentado aos outros.

Seria descortês numa reunião social, em visita ou recepção em casa particular, enfronhar-se numa atitude severa, taciturna, glacial e empertigada, que causaria estranheza nos outros visitantes. Só os endinheirados de baixa classe acham grandeza no isolamento.

Se por casualidade se encontrarem num mesmo salão pessoas de relações estremecidas, aquela que chegar por último retirar-se-á discretamente em breve, porém sem levantar reparos, pois é sempre pecha dar a conhecer que existem inimizades contra nós na sociedade, e devemos deixar isto velado aos olhos da visita.

A linguagem deve ser sempre apurada, elegante, respeitosa, prudente e circunspeta, mormente revelando caráter aprimorado, inteligência fina, gôsto esclarecido e educado. Nada haveria tão ridículo como empregar com cavalheiros e senhoras, os têrmos e as expressões da rua que são índice geral de grosseria de modos, e de falta de polimento de costumes.

148. Saber escutar. — A reserva e a circunspeção preservarão a reputação do naufrágio irreparável. A parte de saber escutar e refletir é para um jovem o fator seguro do triunfo na sociedade. Quem escuta e observa aprenderá as formas corteses e finas da linguagem, saberá evitar o tom imperioso, enfatuado, jactancioso, arrogante, que resfria as amizades, elimina as simpatias, isola o egoísta. Evite-se toda discussão demasiado viva e acerada; uma visita não é um congresso. Que o véu da amabilidade se estenda sôbre toda exposição de idéias e de fatos.

A habilidade suprema nas visitas que não têm por objetivo os negócios comerciais, é saber interessar-se na conversa dos circunstantes, e nela contribuir no momento oportuno, com seu cabedal de conhecimentos adequados; o moço não sai avantajado dêsses torneios literários ou científicos, se não fôr guiado pela prudência, e possuidor de uma subida educação intelectual e moral.

Evite-se a contradição aberta, a censura pesada, a maledicência para com ausentes. E' covardia atacar o ausente que assim não pode nem se defender nem revidar os ataques.

149. As discussões são os escolhos da amizade. — E' permitido conservar a liberdade das suas opiniões, e a sua independência pessoal; é lícito expor o seu pensamento e os motivos do seu modo de pensar; o caráter deve manifestar-se em todos os atos da vida; nem os laços da amizade exigem a neutralidade forçada e a abdicação da personalidade.

O terreno mais resvaladiço ou traiçoeiro é o das discussões políticas e religiosas. Não se deve rumar para aí por iniciativa própria; porém com muita delicadeza é preciso afirmar a sua convicção, na certeza que ninguém muda de opinião política ou de crença religiosa por causa da discussão de salão.

Que um moço se torne apto a explanar uma doutrina, e que nunca fale do que não sabe, nem aprove o que não entende, ou que lhe pareça errado.

150. Novo visitante. — E' preciso levantar-se cada vez que uma pessoa entra na sala, ou que alguém apresenta suas despedidas ao dono da casa.

151. A arte de saber terminar uma visita. — A duração de uma visita não excederá vinte minutos, salvo

se fôr entre amigos íntimos. Muito habilidoso é quem sabe terminar uma visita no momento mais conveniente antes de sua presença se tornar importuna.

O visitante levanta-se, exprime aos circunstantes uns sentimentos amáveis, e retira-se sem precipitação. Como ao chegar, inclina-se e cumprimenta, evitando a marcha para trás, que seria fatal para a segurança de vários objetos e de si próprio.

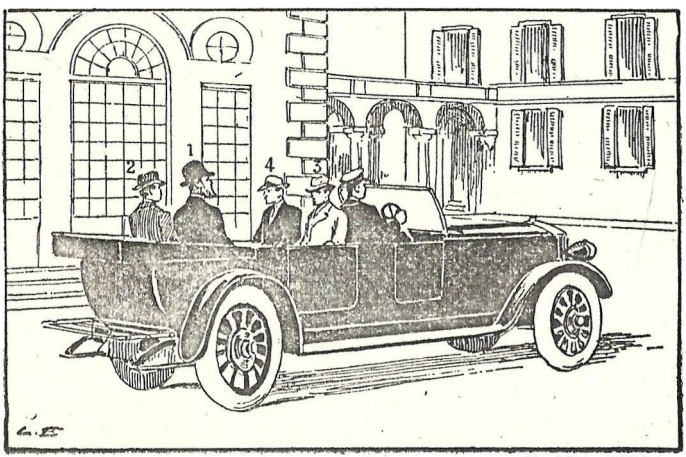
Em reuniões numerosas, sobretudo naquelas que tomam as proporções de sarau, é permitido retirar-se sem a despedida dos senhores da casa, se bem que sejam sempre sensibilizados pelo testemunho desta deferência. Faltaria à boa educação quem se retirasse subitamente no momento da entrada de outras visitas. E' conveniente permanecer alguns instantes com elas.

152. Conversa. — Quando se fala de um ausente ligado ao interlocutor por algum laço de parentesco, não se omita a qualificação conveniente. A um marido não se diz: "sua mulher, sua senhora," falando da espôsa dêle; êste modo é usado apenas nas classes inferiores; deve-se dizer: "a senhora F..."

E' de boa educação, e ao mesmo tempo melhor receita para ser benquisto, esforçar-se por ser agradável às pessoas com quem se conversa, manifestando-lhes real interêsse e fazendo recair a conversa sôbre os temas que lhes são particularmente agradáveis.

Ninguém queira ficar dono da conversa, dirigir ou encerrar as discussões, pronunciar sentenças em tom de árbitro, brilhar aos olhos de todos; isto seria estultícia e má educação; cuidem de não cair nesta falta os moços, que só têm ainda um verniz de cultura, e pouca perícia nos negócios do mundo.

A delicadeza de sentimentos, a prudência, a boa educação e a caridade cristã obrigam-nos a uma extrema reserva nas palavras. Nada se fale sem ter bem pensado, e não se diga tudo o que se pensa. A imprudência pode ser fatal; o prurido de falar pode causar pesadas humilhações. Citemos fatos autênticos.



VIAGENS.

Viagem num carro. — Eis a ordem a observar: O superior sobe primeiro e toma o 1.º lugar no fundo, à direita do carro olhando para a frente; — o 2.º lugar fica na esquerda do 1.º; o 3.º na frente do 1.º; — e o 4.º na frente do 2.º — As atitudes têm a mesma correção que num salão. Nada de rigidez; tudo simples, natural e desembaraçado. Respeito para com os superiores, expansão mais familiar com os iguais, bondade para com os inferiores.

Numa visita, em círculo de numerosas pessoas, um cavalheiro fez a outro esta pergunta:

— "Sendo do exército, o senhor conhece certamente o coronel X?"

— "Perfeitamente, conheço-o; e por sinal digo-lhe que êle é um bruto perfeito para seus comandados."

O primeiro acrescentou, um pouco friamente:

— "Êle é meu irmão." Vejam o resultado!...

Num baile dado em casa particular, um moço aproxima-se de outra pessoa de porte avantajado, e lhe diz:

— "Já estou cansado, e até enjoado de ficar aqui; vou embora. Quer vir comigo?"

— "Pudera, porém sou dono desta casa!"

Num dia de brilhante recepção em sociedade luzidia, um moço interroga um cavalheiro:

— "Quem será aquela senhora que aí está, vestida de crême, com cara de meia-lua?"

— "E' minha senhora."

— "O senhor não me compreendeu — diz gaguejando o infeliz moço, já coberto de vergonha; — quero dizer àquela senhora de azul, perto daquela de crême."

— "E' minha irmã."

A lista dêstes casos não tem fim.

Embora fastidiosas, quando não movidas pela amizade, as visitas são uma obrigação social. Favorecem a união, a paz, a harmonia entre os homens; adornam a vida, dissipam a tristeza, reconfortam na dor, educam os modos, suavizam os costumes, criam a urbanidade.

Nas pequenas cidades, ou longe dos centros urbanos, as visitas são mais familiares, e perdem o tom cerimonioso das grandes cidades; podem ser mais expansivas. Então, o visitante é sempre obsequiado com o indispensável café.

As visitas que os negociantes fazem em procura de clientela obedecem a regras diversas das precedentes. O resultado das propostas está frequentemente em relação com o modo delicado, circunspeto, hábil, cativante do ofertante; êste deve expor com clareza e brevidade, sem digressões fastidiosas, nem cansar o ouvinte com a lengalenga das suas menti-

ras. Será esperteza e habilidade escutar sem as interrômper, as respostas do interlocutor, e retirar-se com expressões de amabilidade, levando consigo esperança de ser mais favorecido numa outra oportunidade. O dono de casa fica cativo da cortesia, e intimamente louva a boa educação do comerciante, e agradece ter poupado o tempo que tantas vêzes se perde com exibições inúteis.

153. Leitura. — Uma visita modelar é a de Nossa Senhora à sua prima santa Isabel. Eis como são Lucas a conta em resumo.

"E naqueles dias, Maria levantando-se, foi com presteza às montanhas, a uma cidade de Judá (*provavelmente Hebrão*).

E entrou em casa de Zacarias e saudou a Isabel.

E aconteceu que apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, logo exultou o menino no seu seio (*o futuro são João Batista*), e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.

E exclamou em alta voz e disse: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu seio.

E donde a mim esta dita que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?

Porque, tão depressa a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, logo o menino exultou de prazer no meu seio.

E bem-aventurada és tu, que crêste! porque se hão de cumprir aquelas cousas que te foram ditas da parte do Senhor."

Maria respondeu pelo *Magnificat*, sublime cântico de humildade e de gratidão.

Maria permaneceu com Isabel quase três meses e depois voltou para casa.

Em seguida, Isabel deu à luz; e quando o recém-nascido recebeu o nome de João, desatou-se logo a língua do pai, que antes estava mudo; e êle pôs-se a louvar o Senhor e celebrar-lhe a bondade.

As visitas passivas.

154. Desde que uma pessoa se hospeda em nossa casa, ela tem direito a um tratamento especial. O hóspede, diz o provérbio, é a bênção de Deus.

Ninguém, sem ter prevenido em tempo, ou sem que tenha sido convidado, se apresenta para hospedar-se em casa de amigo.

É grande jactância frisando a incivilidade e a impertinência convidar-se a si mesmo a casa de outro, se para isso não há motivos sérios e óbvios, fundados numa amizade inequívoca: seria dar-se um atestado de incivilidade.

Cordialidade e discrição resumem o código dos deveres de quem recebe e de quem é recebido. E' justíssima esta frase. Convidar alguém é encarregar-nos do seu bem-estar pelo tempo que passar sob o nosso teto.

Quem recebe deve desdobrar-se em atenções, e o convidado deve aceitá-las com toda reserva. O quarto e a mobília de serviço estarão prontos, e com a máxima limpeza: cama, lavatórios, água potável, luz, papel e tinta, comodidades higiênicas, banhos, horário para as refeições e horário geral da casa.

Pelo que lhe toca, o hóspede terá a delicadeza de se mostrar satisfeito com as gentilezas de que é objeto; evitará reclamar, mostrar-se contrariado, mesmo que lhe faltasse alguma cousa: devemos fazer sacrifícios, sobretudo em casa dos outros. O hóspede educado não procura imiscuir-se nos negócios alheios, fecha os ouvidos e os olhos sôbre as cousas menos edificantes, não interroga os criados acêrca do modo de vida de quem o convidou.

O café de manhã serve-se pelo horário da casa. Não se recusa a um convidado o favor de algumas horas solitárias em cada dia, quer nos seus aposentos, quer nas dependências da casa. Para certas pessoas, a solidão por intervalos, destinada a ocupações especiais e íntimas, leituras, preces, etc., constitui uma necessidade de seu modo de vida.

O hóspede inteligente e avisado saberá ir embora no dia que tiver determinado, apesar das instâncias que se fi-

zerem para retê-lo. Essas instâncias são uma cortesia à qual responderá por outra cortesia. Alguns dias depois da partida, o hóspede se lembrará de mandar uma carta de agradecimento aos que o trataram como membro da família. E' grande delicadeza de coração saber agradecer; no momento da partida ou pouco antes, um mimo delicado e despretensioso oferecido à dona de casa ou às crianças, é meio inequívoco de manifestar a gratidão do hóspede, penhorado pelas atenções que lhe foram dispensadas.

Os criados que de mais perto o serviram, não devem ser esquecidos.

155. Leitura. — Eis como o eremita são Paulo recebeu a visita de santo Antão.

Ambos viviam no Egipto: Paulo tinha 113 anos e havia 60 anos que morava solitário numa gruta do deserto.

Antão tinha 90 anos, habitava um convento do deserto e teve o pensamento de ser o homem mais velho do mundo.

Para corrigir êste começo de vaidade, Deus lhe revelou a existência de um homem mais idoso e mais santo do que êle e ordenou-lhe que o procurasse.

Sem saber para onde dirigir os passos, Antão pôs a confiança em Deus, entrou no deserto, caminhou dois dias e duas noites até que a Providência o levasse à cela de Paulo.

Êste, vendo-se descoberto, fechou-se no seu esconderijo e Antão pôs-se a orar até que o eremita se resolvesse a aparecer.

Depois de muito esperar, a porta abriu-se, Paulo saiu e os dois santos se abraçaram e, apesar de nunca se terem visto, chamaram-se um ao outro pelo nome.

"Afinal, disse Paulo a Antão, achaste a quem procuraste. Estás vendo um homem que daqui há pouco será pó e cinza."

Depois pediu ao hóspede informações sôbre a perseguição dos cristãos, o estado das cousas no mundo e Antão respondeu do melhor modo possível.

Enquanto dialogavam, veio um corvo e trouxe um pão inteiro. Vendo isto, Paulo, cheio de admiração, exclamou: "Vê como Deus é bom e misericordioso, enviando-nos êste alimento. Faz 60 anos que estou aqui e diariamente recebo a metade de um pão; por causa da tua visita, Deus manda-nos hoje um pão inteiro."

Os dois santos agradeceram à Providência e passaram o resto do dia e a noite em piedoso colóquio e orações.

Na manhã seguinte, Paulo disse ao companheiro: "Já faz muito tempo que eu sabia que o Snr. morava nesta redondeza. Como estou no fim da minha vida, Deus mandou o Snr. aqui para dar sepultura a meu corpo."

Muito entristecido, Antão rogou ao santo eremita que o levasse consigo para o céu.

"Não é esta a vontade de Deus, respondeu Paulo; o Snr. deve continuar na terra mais algum tempo, para dirigir os religiosos do seu convento. Agora o Snr. vá buscar o manto que recebeu de santo Atanásio para nêle envolver meu corpo morto."

Êste pedido tinha por fim evitar que Antão presenciasse a sua morte e mostrar o seu grande respeito para o intrépido bispo Atanásio.

Quando Antão viu de novo os religiosos do seu mosteiro, disse-lhes apenas: "Ai de mim! pobre pecador; não mereço o nome de religioso; vi Elias, vi são João Batista no deserto, vi Paulo no paraíso."

Tomando o manto de Atanásio, correu para a gruta; a caminho, divisou a alma do santo, cercada de luz, subindo ao céu, em companhia dos anjos, dos profetas e dos apóstolos.

Ao entrar na gruta, encontrou Paulo de joelhos, imóvel, os braços em cruz e a cabeça erguida para o céu. Parecia rezar, mas não vivia mais.

Antão envolveu o corpo no manto de santo Atanásio; para fazer a cova, dois leões saíram da floresta vizinha, deitaram-se diante do cadáver e depois escavaram a terra bastante para sepultar alguém.

Antão rezou sôbre o defunto e enterrou-o.

Ao voltar para seu mosteiro, Antão carregou a túnica de Paulo feita de fôlhas de palmeira; para êle era preciosa lembrança que vestia nos dias de grande festa.

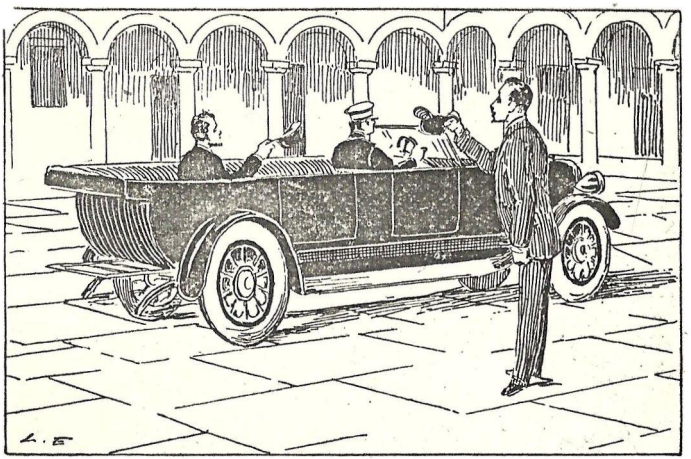
CAPÍTULO XXX

À mesa

156. O homem hábil e avisado sabe em dadas circunstâncias encobrir as falhas da sua educação. Há, porém,

um momento em cada dia durante o qual essas falhas se revelam mais claramente: é nas horas das refeições.

As atitudes, os gestos, os modos de comer, as relações mantidas com os comensais são critérios visíveis e seguros do grau de boa educação de uma pessoa; daí a necessidade de conhecer e aplicar as regras gerais usadas na boa sociedade.



VIAGENS.

Saudação a um superior que viaja de carro. — Olhar a pessoa que se cumprimenta, e inclinar-se um pouco para a frente. Evitar mostrar o interior do chapéu. Não é preciso parar; cobrir-se depois de passar o superior cumprimentado.

Sendo que a mesa aproxima intimamente as pessoas da família e da sociedade, as regras da mesa são importantes.

A regra suprema será expressa sob duas formas: *evitar o descontentamento* e *procurar o maior agrado possível ao próximo.*

Foi esta regra a inspiradora de usos e modos variados, do cerimonial dos banquetes, e também a protagonista da

criação de muitos utensílios e artefatos próprios da mesa. Entremos em alguns pormenores:

157. a) **Ser pontual.** A pontualidade é fator de ordem e de contentamento. O atraso revela desordem no horário e no trabalho, incomoda os comensais, aborrece a gente de serviço.

Nas reuniões de cerimónia, a regra é de chegar com cinco minutos de antecedência, a fim de saudar o pessoal da casa e os demais convivas Um atraso não se justifica, mesmo pelas desculpas mais habilmente preparadas.

A regra será prever os embaraços possíveis do caminho, para poder chegar em tempo.

158. b) **Atitudes.** — Numa sala de jantar, o convidado ocupará o lugar que lhe fôr indicado, e sentar-se-á quando se sentar o dono da casa ou o presidente da mesa.

Imediatamente cumprimentará, se já o não tiver feito, as pessoas vizinhas e guardará para com elas prudente reserva de palavras.

Escuta-se com interêsse o assunto das conversações mantidas pelas pessoas principais, sobretudo pelo presidente da mesa.

Ao memo tempo, observa-se como passam os vizinhos, a fim de lhes aproximar as cousas de que necessitam, sobretudo se forem pessoas idosas ou senhoras.

Não se chama de longe um copeiro, porém aproveita-se a passagem dêle para lhe pedir as cousas desejadas.

Em momento algum permitir-se-á descansar os braços em cima da mesa.

159. c) **Modos.** — Os modos são diferentes segundo os países e os tempos; no entanto alguns são gerais, e sua observância se impõe em toda a parte; o homem dis-

tinto é o que sabe observar os modos do seu tempo, do seu país, e se torna agradável aos seus contemporâneos.

Não se pede ao copeiro a repetição de uma iguaria, porém aceita-se quando é oferecida pela segunda vez.

Não se sopra no caldo quando está muito quente, mas pode-se agitar moderadamente com a colher. A carne corta-se aos poucos e quando é preciso, em pedacinhos segurando o garfo com a mão esquerda e a faca com a mão direita, o índice na costa da lâmina.

Poucos conhecem a arte de trinchar uma peça de galinha, coelho, ave ou peixe; é mais prudente deixar essa tarefa aos entendidos ou ao pessoal da copa ou da cozinha.

O caipira segura muito tempo a faca na mão; o homem educado dela se serve o menos possível.

Os ossos do prato criam às vezes séria dificuldade. Nunca é permitido segurá-los com a mão; destaca-se dêles quanto possível a carne que os envolve, e arrumam-se depois os restos na borda do prato, evitando deixá-los cair na toalha ou no chão.

160. Usos e costumes. — Os bons hábitos vedam esmagar os legumes no prato. Exceto em companhia muito familiar, ninguém enxugará o prato com pedacinhos de pão destinados a absorver o môlho.

A salada toma-se com os utensílios próprios, evitando de a fazer deslizar nas bordas da travessa.

Os ovos moles, apenas aquecidos na água, tomam-se de ordinário, em particular, longe de toda companhia; se forem servidos à mesa geral, observa-se o modo das pessoas mais educadas.

Queijo, manteiga e marmelada, combinam-se com certa habilidade e delicadeza; podem ser unidos por pedaços a um bocado de pão, e deve evitar-se ou introduzir na bôca com a faca ou com os dedos.

Seria grosseiro e repugnante para a companhia, ver alguém molhar o pão no copo de vinho ou de água.

Os caroços de azeitonas, pêssegos, ameixas ou qualquer outra fruta recolhem-se no lado do prato. As maçãs e as peras retalham-se em quartos, os quais, por meio do garfo e não com a mão, são levados à bôca, depois de se lhes tirar a casca e as sementes.

As laranjas chupam-se de vários modos; o mais delicado, asseado e de acôrdo com a composição natural dessa fruta, é reparti-las em quartos ou gomos que são levados à bôca por meio do garfo.

As amêndoas, as nozes, as avelãs, etc., abrem-se com o quebra-nozes e não com os dedos.

Os morangos volumosos tomam-se com o garfo, os pequenos com a colher.

O pão já cortado em fatias para a mesa parte-se em pedacinhos do tamanho de um bocado cada vez, com os dedos e não com a faca. Se não vier à mesa já em fatias, o pão corta-se em cima do prato ou de uma tábua própria, porém nunca encostando-o ao corpo.

Estas regras e muitas outras ainda que devem reger os modos à mesa não são arbitrárias; são o fruto da experiência, e têm por objetivo proporcionar aos comensais o bem-estar e o agrado da companhia, e conservar o maior asseio nas roupas e nos utensílios.

161. As bebidas. O café. — Os aperitivos, dizem os reclamistas, são para abrir o apetite. Na realidade não abrem senão a porta por onde entram muitos males. Segundo o dizer de um grande higienista, são apenas chaves falsas para o estômago.

Servindo vinho, cerveja ou qualquer outra bebida, convém segurar a garrafa pela parte superior e o menos possível pelo bôjo, o índice alongado sôbre o gargalo.

E' preciso habituar as crianças a beberem silenciosamente, sem barulho, nem da língua, nem dos lábios, assim como durante a mastigação dos alimentos.

Deve-se beber lentamente e nunca quando se tem comida na bôca. Nas escolas de Nova York, ensina-se aos meninos dizendo-lhes que para beber com delicadeza devem apresentar os lábios ao copo como para lhe dar um beijo.

A água é a bebida mais natural e higiênica; na zona tórrida, o vinho produz a dilatação arterial; o uso habitual da cerveja causa a obesidade e enfraquece a atividade intelectual.

Nas refeições de convidados, o brinde ou "toast" deve ser simples e curto, porém alegre e de bom humor; nunca será lido.

Nos banquetes políticos ou de partido, os brindes assumem as proporções de quase conferências, ou servem de ocasião para exposição de programas.

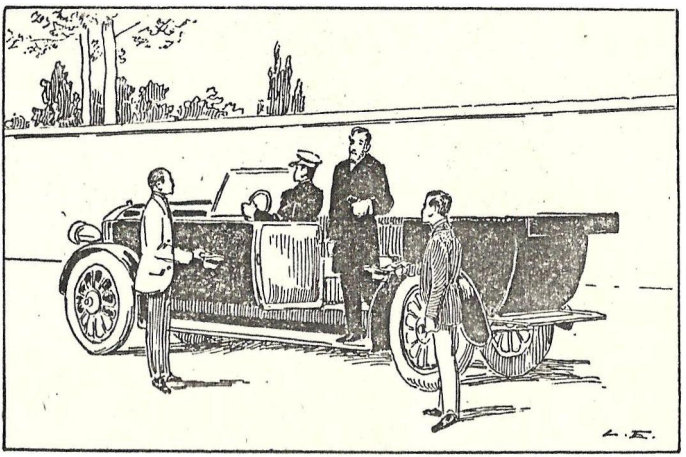
O brinde é feito de pé; a mão direita levemente erguida, segura o copo com um pouco de vinho, pela metade no máximo.

Sempre o brinde deve ser respondido.

É inconveniente palitar os dentes entre comensais. Limpar os dentes ostensivamente é um ato por si muito repugnante para ser praticado em companhia; se houver necessidade, deve-se cobrir a bôca com a outra mão, e desviar a cabeça levemente. O palito não se leva fora da mesa.

A natureza é, e será sempre, uma grande educadora; mostra que o vinho e o café produzem nas crianças efeitos nocivos; muitos e notáveis higienistas afirmam que as manifestações nervosas crônicas, as afecções cardíacas, que hoje são tão comuns, e o raquitismo, podem em parte atribuir-se ao uso exagerado do café, do vinho e dos licores pelas crian-

ças. Quantas doenças causadas pela violação consciente ou inconsciente das leis da natureza!



VIAGENS.

Saída de um carro. — Os inferiores descem primeiro. — Para um superior, a quem se quiser honrar, segurar a porta aberta; com a mão direita, ajudar uma senhora, um ancião, um enfêrmo. Mostrar-se obsequioso, prestimoso, respeitoso. Ao tirar o chapéu, evitar mostrar o interior.

A alimentação física deve ser acompanhada pela refeição espiritual. Nas comunidades religiosas, a leitura pública enobrece êsse ato tão trivial. Em casa de família a conversa moderada, despretensiosa e discreta fará que a refeição seja um ato humano, e não apenas animal.

Enfim, ninguém deve esquecer que a sobriedade é a protetora da saúde; ela amortece o ímpeto das paixões baixas, preserva das doenças físicas, dilata a vida intelectual e prolonga a vida temporal.

Os sábios, os sóbrios, os monges, vivem mais tempo. Saber viver é condição para viver longos anos.

162. Leitura. — Parece que nada há mais fácil, para ser bem educado, do que sentar-se à mesa e comer o que se apresenta; porém, a verdade é todo o contrário dêste pensamento; a êste respeito cita-se a seguinte anedota que se passou, há perto de 200 anos, entre Delile, poeta da moda, e um de seus amigos, professor de literatura.

O professor contava a Delile como jantara, em casa de uma senhora de alta nobreza, em companhia de duques, marqueses, marechais de França e vários fidalgos do paço.

"Aposto, disse Delile, que o Snr. fez cem incongruidades no jantar.

— Como assim? respondeu o professor com vivacidade e perturbado. Creio que fiz como os mais.

— Que presunção! É possível que nada fez como os mais, ora vamos; limitemo-nos ao jantar; comecemos pelo guardanapo. Como foi que o Snr. o empregou quando se assentou à mesa?

— O guardanapo, eu o pus como toda a gente; desdobrei-o bem, estendi-o diante de mim e enfiei a ponta na casa do botão do colete.

— Pois bem, saiba o amigo, que o Sr. é o único que fez isto; tal uso vai bem numa refeição de casa, em família; mas num banquete oficial, hoje ninguém estende o guardanapo, nem enfia a ponta na casa do colete, mas deixa-o meio dobrado, em cima dos joelhos. E como fizeste para a sopa?

— Como toda a gente, creio. Peguei na colher com a mão direita e no garfo com a outra...

— Sopa com garfo? Valha-me Deus! ninguém toma sopa com garfo hoje; mas vamos para diante. Que foi que o Sr. comeu depois da sopa?

— Umo ovo mole.

— Que foi que o Snr. fez com a casca?

— O que toda a gente faz; deixei-a no prato, para ser tirada pelo criado de serviço.

— Sem a quebrar?

— Sem a quebrar.

— Pois bem, caro amigo, o Sr. deve saber que, numa refeição de cerimônia, nunca se come um ovo sem lhe quebrar a casca. E depois do ovo?

— Pedí um pouco de cozido.

— De cozido! oh! santo Deus! ninguém mais emprega semelhante vocábulo hoje; pede-se *carne cozida, carne de vaca cozida e não cozido*, e depois?

— Pedi à dona de casa que me fizesse passar um pouco da excelente *ave* que estava na mesa.

— Oh! pobre coitado! *ave!* pede-se *frango, galinha, peru, pato,* etc.; mas não se fala em ave doméstica senão no pátio da criação... Mas não me disse nada do modo como pediu vinho?

— Pedi, como toda a gente, que me dessem Champanhe, Bordéus, às pessoas que o tinham diante de si.

— Saiba o Snr. que não se pede Champanhe, mas um pouco de *vinho de Champanhe,* de *vinho de Bordéus*... Diga-me também como comeu o pão.

— Certamente, como toda a gente; tomei uma fatia que me apresentou um dos criados e parti-a muito asseadamente com a faca.

— Oh! ainda está atrasado; hoje não se corta mais a fatia de pão com a faca, mas parte-se, rompe-se em bocadinhos com a mão... Mas, vamos para diante. Como o Snr. tomou o café?

— Oh! quanto ao café, não há dúvida que fiz como os mais: como êle estava muito quente, aos poucos deitei-o no pires e o fui bebendo quando bem no ponto.

— Mais outra; o Snr. fez como ninguém, nem tão pouco aqui; todos bebem café na xícara e ninguém o deita no pires, num jantar de cerimônia; tal uso é apenas tolerado em casa, numa roda familiar.

Querido professor, o Snr. está vendo; não disse uma palavra, não fez um gesto, que não fôsse contrário ao uso."

16. O xá e os aspargos. — Às vêzes é preciso ter presença de espírito para ajudar um vizinho e impedir que pratique algum desatino público contra os usos conhecidos. Quando um estrangeiro ou um novato nos costumes nossos se perder na confusão de uma ignorância invencível, é caridade auxiliá-lo. Então escondem-se as hesitações, emendam-se os gestos, atenuam-se as maneiras e sempre se acompanha um alto personagem, quando não há mais outro recurso para o preservar de alguma humilhação.

Eis um caso a respeito.

Eduardo VII, rei da Inglaterra, em 1873, quando era apenas príncipe de Gales, convidou o xá da Pérsia para jantar em Londres; o soberano não estava acostumado aos hábitos europeus e, diante de uma prato de aspargos com môlho picante, apertou um aspargo entre os dedos, mergulhou-o no môlho, enguliu a extremidade e, com a maior naturalidade do mundo, atirou a sobra por trás da cadeira.

Estupefação geral, mas perfeitamente dissimulada.

Foi quando o príncipe de Gales, sem um momento de hesitação, fez o mesmo, que todos os convivas o imitaram e os criados não sabiam onde se aquartelarem contra tão imprevisto bombardeio!

Verdade é que um soberano tem direitos inegáveis. Onde quer que se apresente, está em sua casa. — CARMEN D'AVILA.

CAPÍTULO XXXI

As cartas.

164. A carta é uma conversa escrita, realizada através do espaço. Deve ser manifestação espontânea do espírito e do coração.

A qualidade essencial da carta é a simplicidade, tanto nas expressões como no estilo em geral; esta qualidade e o bom-tom põem em relêvo o valor de quem escreve, assim como uma carta mal escrita é um atestado de incivilidade.

O melhor dos adornos externos de uma carta é o papel simples, limpo, de formato usual. O papel fica em branco no alto da página; em baixo e no lado esquerdo, deixa-se uma margem conveniente. Um papel de carta bastará com duas ou quatro páginas para exprimir tudo o que desejamos comunicar. O formato de uma fôlha só, é reputado convir sòmente para cartas comerciais.

É vício escrever cruzado; é o pecado "mignon" das senhoritas; outro mau vêzo é começar em qualquer das quatro páginas; numa carta dêste jeito, não se sabe onde estão o princípio e o fim. Sinal de desordem. Se quatro páginas não fôssem suficientes, acrescentar-se-ia outra, com a devida numeração.

Que a carta seja escrita com boa letra, e sobretudo com assinatura; esta não deve ser acompanhada de complicadas

rubricas, como era de uso antigamente, e que davam à carta o ar de um documento de tabelionato.

Uma carta sem data não tem mais valor do que um documento sem assinatura.

A tinta azul é tolerada; a verde e a carmezim são de mau gôsto.

Devemos dizer ainda: nada de rasuras, retoques de palavras; nada de expressões viciosas ou de mau gôsto.

A letra da carta deve ser boa, de leitura fácil. Uma letra indecifrável é uma descortesia, porque, diz Grócio, mostra que não se preza bem o tempo nem a paciência do leitor.

Formem-se bem as letras, ligando-as entre si, dando a altura devida aos *l*, *b*, *d*, *f*, não omitindo nenhum sinal de pontuação.

Assim procedeu o marechal Foch. Tinha letra péssima, porém obedecendo às observações que lhe foram feitas, chegou a escrever com tanta nitidez que os seus trabalhos pareciam litografados. Sabe-se que êste grande homem não admitia a fórmula "não posso".

Um homem prudente não deixa de reler as suas cartas; a segunda leitura, além de ser interessante, pois que é uma síntese do primeiro trabalho mental da composição, dá ocasião de julgar o nosso próprio pensamento no seu conjunto, e de corrigir algum lapso de gramática ou de estilística.

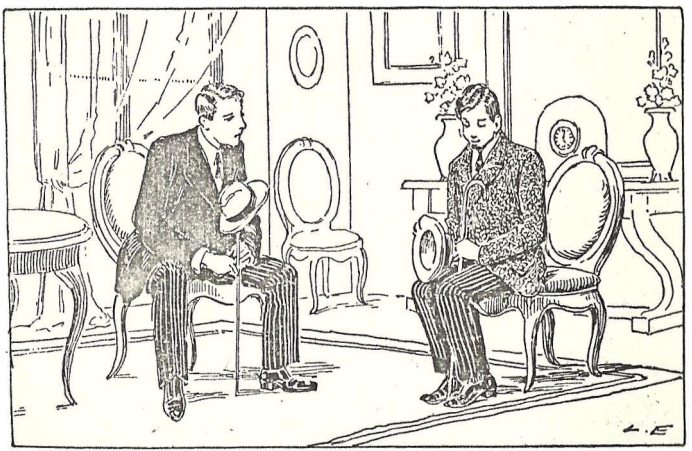
O enderêço merece uma atenção especial, não sendo desculpado quem o redige.

O que até agora dissemos, embora de rigorosa pragmática, é apenas o invólucro do escrínio onde se engastam os melhores pensamentos que uma pessoa quer revelar a outra.

A regra suprema é considerar naquele a quem se escreve, a idade, a autoridade, a posição social ocupada pelo destina-

tário, e, de acôrdo com isto e o assunto exposto, a carta brotará espontaneamente das nossas faculdades postas em jôgo.

As fórmulas para o início como para o fim das cartas, são matéria de ensino nas classes elementares. Um dos esforços do mestre será formar os seus discípulos ao estilo epistolar.



DUPLO DEFEITO.

Dois excessos a evitar: o atrevimento e a timidez. — O atrevido logo se reconhece: nada receia, afasta as pernas uma da outra; olha com audácia, brinca com o chapéu e a bengala, fala muito e sem mêdo de ninguém.

O tímido é embaraçado, baixa os olhos, não ousa levantar a cabeça, senta-se à beira da cadeira e não sabe o que fazer do chapéu, da bengala e das mãos; nem se atreve a falar, tão grande é o seu acanhamento.

Os envelopes (sobrescritos) devem harmonizar-se com o papel. A côr variada admite-se sòmente na correspondência comercial.

A prudência nas expressões é a salvaguarda das amizades. O estilo das cartas deveria sempre unir a prudência

da serpente com a simplicidade da pomba. Mesmo em carta na qual vai uma desaprovação, que os têrmos sejam impregnados de brandura.

As feridas que vêm da pena ou da língua são mais terríveis que as feridas da espada; podem deixar na alma cicatrizes indeléveis, e mesmo ser mortais.

Quando encarregamos alguém de remeter a outro uma carta, a civilidade exige que o envelope fique aberto, porém quem aceita a incumbência, deve logo fechar e colar o envelope sem ler a carta.

E' de bom aviso pensar que uma carta pode ser vista não só pelo destinatário, como também por outras pessoas; logo, nada deve conter que não mereça a publicidade.

165. Leitura. — Eis algumas fórmulas finais que se podem empregar para concluir uma carta:

1.º Para Sua Santidade o Papa:

De joelhos aos pés de Vossa Santidade, protestando minha filial dedicação e implorando o favor de uma bênção apostólica, tenho a honra de ser, Santíssimo Padre, com a mais profunda veneração,

De Vossa Santidade,
Servo humilde e filho obediente.
Assinatura.

Fórmula de tratamento: *Sua Santidade — Santíssimo Padre.*

2.º Para um cardeal:

Queira aceitar, Eminentíssimo Senhor, a homenagem do profundo respeito com o qual tenho a honra de ser,

De V. Em. Revdma.,
servo humilde e dedicado.
Assinatura.

Fórmula de tratamento: *Sua Eminência Reverendíssima — Eminentíssimo e Reverendíssimo Sr. — Sua Eminência.*

3.º Para um arcebispo ou bispo a mesma fórmula pode empregar-se com a substituição de *Eminentíssimo* por *Excelentíssimo;* ou, ainda a seguinte:

Tenho a honra de ser, Sr. Arcebispo,

De V. Excia. Revdma.,
servo (ou *filho*) *humilde e respeitoso.*
Assinatura.

Fórmula de tratamento: *Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. — Sua Excelência Reverendíssima — Sua Excelência.*

4.º Para uma pessoa altamente qualificada:

Digne-se Vossa Excia. aceitar os protestos do profundo respeito com que sou, Ilmo. e Exmo. Snr.,

De Vossa Excia.
humilde súbdito e obediente criado.
Assinatura.

5.º A todos os padres ou religiosos, empregar fórmulas respeitosas como:

Queira receber a expressão de meus respeitos (ou *dos meus sentimentos de respeito filial*, ou *de respeitosa homenagem*), *com que sou,*

De V. Excia. Revdma.,
humílimo e dedmo. servo.
Assinatura.

Tratamento: *Sua Snria. Reverendíssima. — Sua Snria. — Reverendíssimo Snr.*

6.º A uma pessoa de dignidade média, diremos:

Sou com o maior respeito e consideração.

De V. Sa.,
Muito atento venerador e fiel servo.
Assinatura.

7.º Entre pessoas quase iguais, pode-se escrever:

Receba os protestos de consideração e estima, com que me prezo ser (ou *com que tenho a honra de assinar-me*).

De V. S.ª
Muito atento venerador e obrigado.
Assinatura.

8.º Nas cartas de menos cerimônia, podemos dizer:

Desejo me dê ocasião de mostrar-lhe que sou deveras (ou *faça-me o obséquio de crer nos sentimentos de estima e de consideração com que me prezo de ser; ou creia que me prezo de ser; ou tenho muita satisfação de assinar-me*).

De V. S.ª,
Muito atento venerador e obrigadíssimo criado.
Assinatura.

9.º Eis mais duas fórmulas muito delicadas:

a) *Queira V. S. mandar como a criado a quem tem a honra de ser,*

De V. S.a,
Amigo fiel e obrigadíssimo.
Assinatura.

b) *Mande o Snr. em tudo a quem é*
Seu muito dedicado e efetuoso.
Assinatura.

10.º Para um pai:

Termino assinando-me, com o maior respeito,
De V. S.,
o filho muito amante e obediente (ou *muito humilde e obediente filho*).
Assinatura.

165a. Sobrescrito ou envelope. — *Eis o costume geral para o envelope.*

1.º Depois de tornar a ler a carta, dobrá-la em dois ou quatro, conforme o formato do papel e do envelope, mas de modo que a primeira página da carta fique por dentro e não por fora da carta dobrada.

2.º Começar a escrever o enderêço mais ou menos no meio do envelope, pondo na 1.ª linha os títulos do endereçado; na 2.ª linha, o nome completo dêle; na 3.ª linha, a rua com o número; na 4.ª, a cidade ou agência postal; se houver precisão do Estado, da estrada de ferro, etc., vai em outra linha, geralmente entre parênteses.

Eis dois modelos, o primeiro sem rua e o segundo com rua:

Il.mo Snr. Francisco de Assis Souza **Cristiano Otoni,** (Minas) - E. F. C. B.	Il.mo e Exmo. Snr. Dr. Calixto Dourado, 51, rua 15 de Novembro, **São Paulo**

E' costume pôr o sêlo no canto superior à direita; tal lugar facilita o trabalho do correio.

O endereço deve ser exacto e muito legível.

CAPÍTULO XXXII

A leitura

166. Para ser bem educado, para dar às nossas relações sociais o tom de cortesia que sempre as deve revestir, é preciso ler, escrever e falar não sòmente com a devida correção gramatical, senão também com a elegância e a perfeição requerida pela cultura e o meio social que frequentamos.

Não basta, com efeito, ter frequentado as aulas durante vários anos para saber falar em público, escrever com aticismo, ler de modo agradável. São conhecidos homens formados que não têm dote algum de agradar quando estão lendo, escrevendo ou falando.

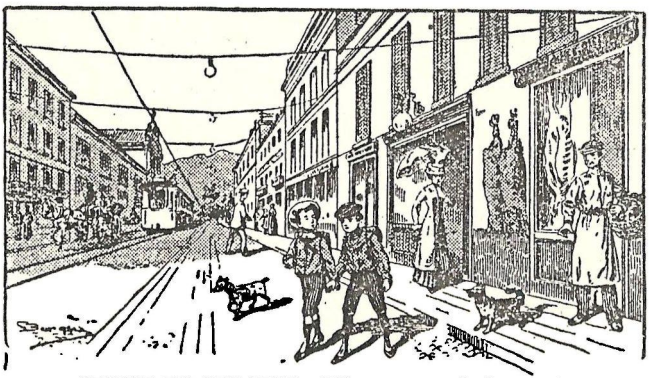
É preciso saber ler.

Não sabe ler com proveito quem não se recolhe na intimidade da sua habitação, no silêncio das manhãs ou na quietude das tardinhas, arredando de si os rumores do mundo e a trepidação das festas públicas.

Sem recolhimento de espírito não há ciência possível. Respeite-se o livro que nos comunica o pensamento dos ho-

mens de valor que viveram em outros tempos nos diversos países. Tome-se nota, marcando e numerando a página, do pensamento que nos comove, a fim de revê-lo numa próxima leitura.

De certo, há muitos métodos para ler com proveito, e muitos dêstes métodos podem ser excelentes; a cousa essencial é usar de um dêles.



ORDEM DE LUGARES (Número par de lugares).

Lulú e Joãozinho vão para a escola. — Lulú é mais velho, está à direita, ocupa o primeiro lugar e dá a mão ao irmão mais novo, Joãozinho, que fica à esquerda, no 2.º lugar.

O 3.º lugar estaria à direita do 1.º; o 4.º, à esquerda do 2.º; etc.

Não são raros os homens em quem notamos extrema indigência espiritual apesar da quantidade assombrosa de livros "devorados."

O homem prudente sabe discernir os livros fundamentais cuja sapiência deve ser assimilada aos poucos, como a abelha destila o mel, dos livros de recreio que são de inocente passa-tempo, e dos livros que contêm veneno pérfido, às vêzes disfarçado sob ouropéis de um estilo cativante.

Êstes últimos devem ser repelidos energicamente. Os pretensos direitos da curiosidade intelectual a respeito de certas doutrinas, são apenas os direitos do mal, porque a má leitura ensina sòmente o mal, e não a verdade dignificadora.

Quando o homem chega à tarde da sua vida, atira um olhar retrospectivo sôbre a sua existência. Quantos bons livros dos antigos e dos modernos ainda não foram lidos por falta de tempo! Logo, economize-se o tempo, evitando desperdiçá-lo em leituras frívolas e superficiais, que são contrárias à boa higiene mental.

As bibliografias são hoje muito abundantes; nelas vão assinaladas as melhores obras produzidas nos diversos ramos da cultura humana.

167. Não sejam lidos muitos livros, senão alguns de doutrinação essencial, e meditados. As leituras precipitadas não deixam, como chuvas torrenciais, nenhuma aluvião no espírito, e no dizer de Montaigne: "formam só burros de sapiência."

Que todo moço e todo homem seja amigo do seu espírito, e lhe dê alimento sadio, higiênico e abundante. O trabalho mental é para o espírito, o que para o corpo é o trabalho e o movimento material.

O que constitui a grande inteligência é menos a erudição e a fineza, do que a capacidade de trabalhar.

A boa leitura enche de inefáveis doçuras a nossa mísera existência. Não há sofrimento físico ou moral, para o qual uma boa leitura não seja um lenitivo eficaz.

Mas apresentar-se-ão na vida ocasiões de ler em público. Não é fácil tarefa.

O espirituoso Faguet, mestre na leitura, comparando os livros aos homens chamados para o juízo final, cos-

tumava dizer, em forma de trocadilho: "Beacoup d'épelés et peu de lus." (1) Com efeito, é doloroso escutar certas pessoas, mesmo de categoria distinta, embaraçar-se na leitura de um texto, às vêzes da própria escrita.

Para a leitura, um menino de escola as leva de vantagem; elas lêem só para si e não para quem escuta, escamoteiam muitas sílabas, abafam as últimas de cada palavra, param, precipitam-se, voltam atrás, salmodiam como frade no ofício do côro, ou assopram como focas.

Não sabendo ler, são indelicadas para os circunstantes, que se acham aliviados só quando está terminada a leitura.

168. Seria facílimo segurar em plena luz o livro ou o manuscrito, com um olhar agudo abranger as linhas de cada página, exprimir-se com as melhores sonoridades da voz, articular firme sem gritar, parar levemente nos sinais de pontuação, respirar no fim da frase, pensar no que é lido, estabelecer um contato de simpatia com os ouvintes.

Será bom orador aquêle que fôr ótimo leitor; os exercícios repetidos de leitura preparam ao uso da palavra.

Ser orador não é dote comum, pois a eloquência, assim como a poesia e a inspiração musical, são dons particulares e raros; entretanto, todo homem de instrução média poderia ser conferencista.

Oh! Deus! dos maus conferencistas, livrai-nos, Senhor!

Em tempos não remotos, um conferencista era planta rara, vicejando apenas nas cátedras das Universidades, no Parlamento, no púlpito e nos palácios de justiça; raro era ver alguém ousar defrontar-se com um público, para lhe contar o que pensava.

Hoje, quem não é conferencista ou orador é quase um homem raro.

(1) Muitos (livros) soletrados e poucos lidos.

Todos falam de tudo, sôbre tudo, e sôbre nada, sem competência, sem arte; vemos certos fantoches aparecerem nos estrados, para solicitar durante longo tempo a atenção cansada de um auditório muito paciente.

Ninguém se fará conferencista se não sentir em si os sinais evidentes desta vocação, apoiados por um preparo mental bastante esmerado.

É comum ouvir um orador falar de si; isto não basta para agradar a um auditório.

Os homens treinados na palavra sabem que o melhor artigo de revista pode ser um insucesso, quando exibido e lido em conferência, porque foi escrito só para ser lido em voz alta; também uma conferência animada e brilhante pode ser de péssima impressão na leitura.

Assim aconteceu para tribunos célebres, afamados oradores e ao mesmo tempo péssimos escritores: Mirabeau foi um dêles.

169. Leitura. — Eis alguns fatos que provam a eficácia das boas leituras.

1. A leitura da Escritura Sagrada dispusera santo Agostinho a voltar para Deus; a narração que ouviu da conversão e da vocação à vida religiosa de dois oficiais do imperador Teodósio, conversão e vocação devidas ambas à leitura da vida de santo Antão, abalou-o profundamente; enfim a leitura de um trecho das Epístolas de são Paulo foi o último golpe que a graça lhe desfechou para arrancá-lo e atirá-lo aos pés de Deus.

2. Santo Inácio de Loiola era um oficial brioso que sonhava façanhas humanas, quando a leitura da vida dos santos o decidiu a seguir-lhes os exemplos.

3. São João Colombini estava lendo com enfado, por mera condescendência para com sua espôsa, um livro de piedade, quando sentiu em seu coração uma mudança tão repentina e tão profunda que renunciou logo ao mundo e dedicou-se de corpo e alma ao trabalho de sua santificação.

4. Aos bispos que o interrogavam sôbre qual tinha sido o princípio de seu fervor, são José de Cupertino respondeu que

a leitura da vida dos Santos que se fazia no refeitório, muitas vêzes o enternecera e o levara a imitá-los.

5. Narra santa Teresa como, sendo criança ainda, as leituras piedosas nela despertaram o desejo do martírio e como, mais tarde, os livros de piedade alimentaram e incrementaram o seu fervor.

6. O Sr. Acarie surpreendera um dia sua espôsa absorta na leitura de um livro frívolo; correu imediatamente ter com o próprio confessor; voltando com uma carga de livros de piedade, proibiu à espôsa de ler outros. Ela obedeceu. Assim, achou-se em breve, completamente transformada e veio a ser a santa que, em Paris, no fim do século XVI, exerceu a maior e mais salutar influência. Viúva, ingressou no Carmelo e a Igreja elevou-a à honra insigne dos altares, sob o nome de Beata Maria da Incarnação.

7. São Jerônimo, numa carta a Eustóquia, conta uma visão que teve a mais salutar influência sôbre o resto da sua vida. Era no tempo em que principiava a vida religiosa, perto de Antioquia. Enfadavam-no os Livros Sagrados, que pouco lia; deleitava-o, pelo contrário, a elegância dos autores profanos e êle fazia sua leitura predileta nas obras de Cícero, de Plauto, de Virgílio.

Numa noite, foi transportado em espírito perante o tribunal de Deus; o Juiz perguntou-lhe quem era. "Sou cristão", respondeu êle.

— "Mentes, retrucou-lhe o Juiz, és ciceroniano; pois onde está o teu tesouro, aí está o teu coração."

E deu ordem de fustigá-lo.

Jerônimo implorou, então, a clemência divina e conseguiu ser poupado, depois de haver prometido nunca mais ler livros mundanos.

Não era, na verdade, um sonho ôco e vão. "Na hora do despertar, continua o santo doutor, senti muito bem que era uma realidade, pois eu levava nos ombros os sinais das chicotadas que havia recebido. Desde então, tenho lido as Santas Escrituras com mais ardor que dantes os livros profanos."

CAPÍTULO XXXIII

Os dias festivos.

170. Entre os cristãos, as festas da Igreja lembram usos e costumes consagrados pela tradição e que se santi-

ficam observando certas regras que não é permitido ignorar. As festas mais populares são o Natal, a Epifania, a Páscoa, o Corpo de Deus, etc.

Natal é particularmente apreciado pela mocidade. Para os meninos, é o dia dos presentes misteriosos caídos do céu; meninotes quase pubescentes esperam ainda ver os sapatos encherem-se dos dadivosos presentes do papai Noel.

Natal é a ocasião da famosa ceia; porém esta ceia só tem motivo e razão de ser, só é saborosa e apetitosa se fôr precedida da missa do galo.

A leitoa assada, o pudim queimado, as castanhas e as amêndoas, são uns restos de uma tradição veneranda. Num canto da mesa, por entre as agulhas de esverdeado pinheiro, brilham penduradas as nozes e os bombons que atraem os olhos da petizada.

Que a alegria desta santa noite santifique e regule todos os atos, e guarde a todos nos limites da temperança.

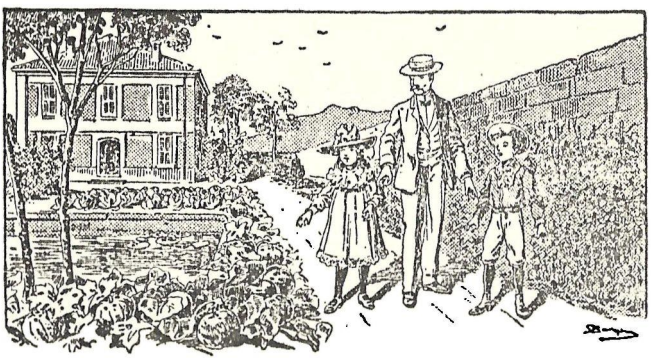
171. O Ano Bom e a Epifania continuam a série das festividades. Êsses dias são queridos das confeitarias, dos vendedores de santinhos e de brinquedos, porque numerosas pessoas presenteiam os amigos e parentes com objetos, em sinal de estima e de amizade.

Os jovens recebem, os velhos têm o prazer de dar; há jovens que nada recebem e velhos que nada podem dar, porque, nesta terra, a grande lei é a da desigualdade. Os que dão devem fazê-lo com elegância e bondade, pois o modo de dar vale mais que a cousa dada.

Os que recebem devem ser agradecidos, e expressar seus sentimentos por algumas palavras bem escolhidas e significativas.

A Epifania é festa encantadora, quando é entendida no seu sentido cristão; oferece o ensêjo de gozar de uma realeza passageira.

O uso é que o chefe de família mande pôr à mesa um bôlo dourado, no qual está escondida uma castanha ou um bebé de porcelana. Depois de partir o bôlo em tantos pedaços quantos são os assistentes, os pedaços, todos bem cobertos por um guardanapo, são distribuídos por sorteio.



ORDEM DOS LUGARES (Número ímpar de pessoas).

Passeio no jardim com papai. — O Sr. Mateus é pai e fica no centro, no lugar de honra; a filha mais velha, Anita, anda à direita, no segundo lugar; e Andrézinho, filho mais novo, ocupa o 3.º lugar, à esquerda.

O 4.º lugar está à direita do 2.º; o 5.º lugar, à esquerda do 3.º; etc.

Aquele que receber o pedaço contendo a castanha, é proclamado rei; recebe aplausos cada vez que fala ou bebe, assim como a rainha que êle escolher, e a quem, no dia seguinte, enviará um presentinho digno de rei.

A festa dos Reis é tradicional, sobrevivendo às monarquias que pouco a pouco vão sumindo-se na voragem do tempo e das revoluções.

172. A Quaresma entra, enlutando os templos, despojando de flores os altares, e oferecendo às almas sérias meditações.

As loucuras do carnaval, indignas dos cristãos, deixam sôbre a terra uma mancha de pecados que a penitência e o jejum quaresmais devem expiar.

E vem a Grande Semana, a Semana-Santa, que lembra ao cristão o triunfo do amor sôbre a ingratidão dos homens.

São dias em que o homem educado se entrega sinceramente aos negócios espirituais da sua alma. É tempo da confissão anual; é dia de estabelecer o balanço do valor moral da vida, ver as perdas e lucros, orientar seu porvir para a vida que não tem fim.

173. Enfim, no dia da Páscoa, entoam-se as aleluias do triunfo; a consciência purificada associa-se às alegrias da Igreja: tudo é vitória: Cristo ressuscitou; também nós ressuscitaremos como êle. Aleluia!

E o peregrino desta terra levanta os olhos para contemplar a Ascenção de Jesus que vai preparar-lhe um lugar. Esta esperança mitiga a dor do exílio; o cristão resigna-se, conforma-se com sua sorte.

174. Os esplendores do culto divino, por ocasião da festa do Corpo de Deus, tocam profundamente a alma. Cristo-Rei triunfa e passa com majestade e por entre hosanas de entusiasmo no meio do seu povo.

Tudo é canto: altares suntuosos, ruas alcatifadas, músicas alegres, sinos a bimbalhar, hinos triunfais. O cristão eleva seu espírito às alturas destas manifestações, e nelas deve participar com todo seu poder, de corpo e alma.

Saudemos de passagem o mês de Maio, cheio de tocantes cerimônias, com os altares da Virgem cintilantes de luz, os oratórios e as ermidas alcatifados de flores.

São João com suas fogueiras, e seus fogos, balões e foguetes, pirilampos místicos, conservadores de tradições ve-

nerandas; a Assunção, em 15 de agôsto, a Natividade, em 8 de setembro, marcos populares da devoção cristã, sobretudo desde que o Brasil proclamou a Virgem sua Padroeira e Protetora.

175. Enfim, depois das queimadas, os horizontes limpam-se, as chuvas vêm varrendo as pesadas nuvens das fogueiras, e as plantações novas cobrem a terra de um manto de esperança.

A Igreja nos convida a levantar o pensamento, a olhar para a morada eterna onde repousam todos os Santos, e a pensar nos mortos que esperam pelo dia da libertação.

As multidões correm ao Campo Santo: para os incréus, é o dia da saudade; para os crentes é o dia da caridade e da meditação.

Ajoelhando-se à beira dos sepulcros, uns deixam cair uma flor, outros uma lágrima, alguns, os melhores, uma sentida e caridosa prece.

176. Leitura. — Um fervoroso negociante praticou o piedoso costume de convidar à sua mesa, por ocasião das festas do Natal, a uma menino, a uma mulher e a um ancião. Por êste ato de caridade, queria honrar a Sagrada Família.

Ora, quando o generoso benfeitor se achou sôbre o leito de morte, o Menino Jesus lhe apareceu, acompanhado de Maria e de José, e lhe dirigiu estas consoladoras palavras: "Visto como tantas vêzes o Snr. nos convidou à sua mesa, hoje, o Snr. será nosso hóspede no Paraíso."

E assim adormeceu êle no sono dos justos.

Nós também, por meio de boas obras, saibamos grangear nosso lugar no céu.

CAPÍTULO XXXIV

Festas de família.

177. Ao lado das festas religiosas tradicionais, existem as festas de família, que marcam os principais acontecimentos da vida, e têm igualmente seu caráter religioso.

178. Batismo. — São os pais que devem escolher o padrinho e a madrinha. A família cristã não retarda o momento do batismo. O padrinho escolhido mostrar-se-ia pouco delicado se recusasse essa distinção e essa confiança. Só motivos poderosos podem obstar a aceitação.

O padrinho assume todos os encargos de segundo pai. Os gastos da cerimônia correm por conta dêle.

As obrigações dos padrinhos e das madrinhas, na circunstância do batismo, variam segundo os países.

O padrinho costuma presentear a madrinha e a mãe do novo cristão, com algum objeto delicado e de bom gôsto, e as outras pessoas com alguns cartuchos de bombons finos.

Êle deixa ao padre um dêsses cartuchos com um envelope contendo uma espórtula razoável, e não esquece o sacristão nem os coroinhas.

Os pais escolhem o nome do bebé. É triste ver em países cristãos impor-se a um recém-nascido um nome cuja extravagância não admite perdão.

É descortês, anticivilizado e anticristão o pai que escolhe na mitologia ou nos romances de aventuras o nome que seu filho levará até a morte.

É de pouca inteligência formar nomes que nada exprimem, tomar nomes históricos que a vindita pública estigmatizou como infames ou inumanos; ou ainda, nomes que mais convêm a animais do que a homens.

É no calendário cristão que devem ser procurados os belos nomes, que, a modo de rótulo de virtude e de nobreza, devem ornar e distinguir a pessoa humana.

179. Primeira comunhão. — O dia da primeira comunhão deve ser, em todas as famílias, uma festa de verdadeira alegria. Ninguém deve privar seus filhos dos gozos íntimos dêste belo dia, semelhante a outro Natal, Natal

místico e inefável que deve ter do primeiro a simplicidade, o encanto, a inocência e os adornos, por nêle se acharem os mesmos personagens principais.

A família evitará de dar a êsse dia um ar de mundanidade, e suprimirá nas roupas o luxo e a vaidade, na mesa a profusão, nos brindes a singularidade e o excesso, nas recepções a dissipação.

Êsse dia será sobretudo um dia de piedade, de intimidade, de festa familiar. As lembranças consistem em santinhos, medalhas, terços, crucifixos, livros, devocionários, etc., que preciosamente guardados são testemunhas mudas, porém vivas e eloquentes, dos prazeres íntimos que, nesse dia, inebriaram o coração.

180. Casamento. — As jóias são oferecidas na ocasião do casamento. O casamento! Tudo foi dito dêsse sacramento, que liga quase tanto como a ordenação sacerdotal.

As festas relativas a êste grande acontecimento repetem-se tanto no meio social, que qualquer pessoa dotada de espírito de observação, se familiariza com os usos e as regras do bom tom, próprias dêsses atos.

O ato civil é sòmente uma formalidade; no entanto os cônjuges assumem, nesse momento, grandes responsabilidades.

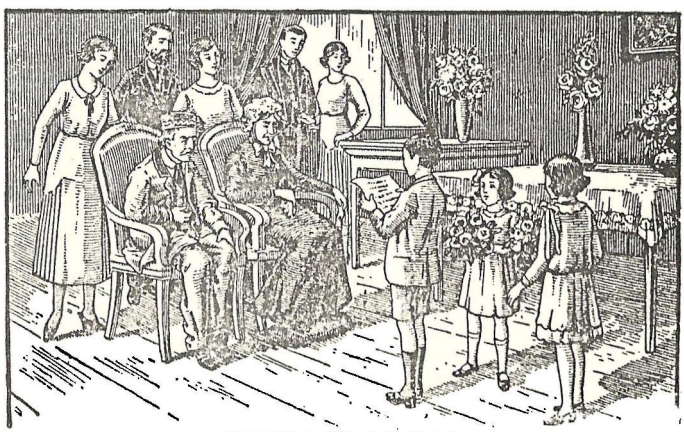
A cerimônia religiosa é muito comovente. Por maior que seja o contentamento nesse dia, é preciso assistir à função religiosa com todo o recolhimento possível.

No desfile que se organiza após a cerimônia deve-se apresentar aos nubentes umas breves felicitações; delongas nas frases prejudicam o tempo e os interêsses dos outros convidados e amigos.

Os convidados ao lanche mostram boa educação, quando se retiram cedo.

181. Luto. — Depois das alegrias, as tristezas; a morte está ao lado da vida.

Vemos partir pouco a pouco todos os nossos conhecidos, os parentes, os velhos amigos com quem pensávamos, no tempo da infância, poder desfrutar uma vida sem fim. Porém vem a noite: *nox atra venit.*



ORDEM DOS LUGARES.

A festa de vovô. — Havendo um número par de lugares, 2 por exemplo, o primeiro lugar fica à direita e o segundo, à esquerda. Aqui, sentado na frente, o avô ocupa o primeiro lugar, à direita, e a avó, o 2.º lugar, à esquerda.

Havendo um número ímpar de lugares, o primeiro está no centro; o segundo, à direita; o terceiro, à esquerda; o 4.º, à direita do 2.º; o 5.º, à esquerda do 3.º, etc. Aqui, atrás das duas poltronas, há 3 lugares de pé: no centro, o 1.º lugar é para o pai; o 2.º, à direita do pai, é para a filha mais velha; 3.º lugar, à esquerda do pai, é para a 2.ª filha.

Acreditamos na supervivência dos sêres amados e na existência de uma sanção eterna, lei suprema que é o motivo suficiente de todas as outras leis.

O verdadeiro amigo toma providências para que as pessoas parentas ou relacionadas, até os doentes de seu co-

nhecimento, sejam preparadas à morte pela visita do sacerdote católico.

Na hora derradeira, não se afasta do leito do moribundo, sugere-lhe piedosas aspirações, oferece-lhe a beijar a imagem do Crucificado e da Virgem. Depois do último suspiro, tomam-se, na calma e na ponderação convenientes, as providências próprias dêsses dias cruéis.

Deve-se fazer guarda ao corpo até o momento de ser levado à Igreja, ou até que se proceda aos funerais. Para as pompas fúnebres, os costumes variam segundo os países.

É um dever sagrado respeitar as últimas vontades do defunto, manifestadas quer por testamento, quer confidencialmente.

As exéquias realizam-se de acôrdo com as indicações deixadas pelo falecido, e se não as deixou, tudo se fará de acôrdo com a sua situação social. Quantas vezes o luxo ou a pompa dos funerais só serviu para saciar a vaidade dos vivos! Quem assiste a um entêrro deve mostrar-se, nesta cerimônia, muito mais recolhido que em qualquer outro lugar; saberá testemunhar à família enlutada toda a compaixão possível.

Cessa qualquer ocupação quando se trata de prestar a um amigo os últimos deveres. Escreve-se ao mais chegado ou próximo parente do falecido, uma carta de pêsames, e em breve trata-se de lhe fazer uma visita.

Os discursos no cemitério são das aventuras mais arriscadas. É difícil encontrar aí um discurso bem apropriado. Nestas ocasiões, o que deve dominar é o sentimento da separação, atenuado pela esperança cristã.

O luto verdadeiro está no coração, porém é usado marcá-lo por alguns sinais externos, na roupa e no chapéu. Seria muito escandaloso não observar o que se pratica a êste respeito, segundo os tempos, nos diversos países.

182. Exame diário. — Último pensamento: Chegando o momento de tomar o seu descanso, o homem de bem afasta de si as preocupações do dia, interroga a consciência, e revê num desfile rigoroso os atos do dia, com seu quinhão de bondade ou de maldade. Êste homem honesto, aquilatando o preço da vida e de cada um dos seus atos, examina como tem cumprido seus deveres para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo. O homem que cada dia se examina, torna-se melhor em pouco tempo.

183. Leitura. — Costume muito louvável, entre as famílias remediadas, na França, consiste em custear o enxoval de um neo-comungante pobre, no dia em que um filho da casa se aproxima, pela primeira vez, da Sagrada Comunhão.

Assim aconteceu em Alençon, no dia 8 de maio de 1883, na família Martin, quando, aos 10 anos, a filha dêste Sr. Martin, a futura santa Teresinha do Menino Jesus, foi admitida à Santa Mesa.

Uma menina pobre da vizinhança foi protegida dêste modo e teve a honra de comungar entre o papá Martin e a joven Teresinha.

No decorrer de tão belo dia, passou o tempo na casa do Sr. Martin, onde gozou de todas as regalias de filha da família.

Belíssimo exemplo de caridade cristã. Quão depressa e facilmente, se resolveria a questão social se todos os ricos praticassem semelhantes atos de fraternidade!

184. Duração do luto. — E' costume uma *viúva* usar: 1 ano de luto pesado; 6 meses de preto; 6 meses de luto aliviado; ao todo: 2 anos.

Um *viúvo* costuma vestir: 1 ano de luto pesado; 6 meses de luto aliviado; ao todo: 18 meses.

Pais, sogros, filhos vestem: 6 meses de luto pesado; 6 meses de preto; 3 meses de luto aliviado; ao todo: 15 meses.

Avós, irmãos, cunhados, netos vestem: 4 meses de luto pesado; 4 meses de luto aliviado; ao todo: 8 meses.

Tios vestem: 1 mês de preto; 1 mês de luto aliviado; ao todo: 2 meses.

Primos irmãos vestem: 6 semanas.

Primos em 2.º grau vestem: 1 ou 2 semanas.

PARTE PRIMEIRA

O homem educado

		Páginas
Capítulo I	— Preliminares	3
	— O que é de todos os tempos	6
" II	— Em que consiste a civilidade	10
" III	— Civilidade — polidez — cortesia - rusticidade	12
" IV	— O porte	17
	De pé	19
	Andando	20
	Sentado	21
" V	— O asseio	23
" VI	— A ordem	27
	A ordem no aluno	28
	A ordem no moço	30
" VII	— A ordem — No comércio.....	32
	A ordem e o operário	32
	Nos serviços públicos	33
" VIII	— A fisionomia	36
	Os olhos	37
	A cabeça	41
" IX	— Cuidados higiênicos	43
	O nariz	45
	A bôca	46
" X	— Os perfumes	47
"	O fumo	50
	Os entorpecentes	51

Páginas

Capítulo	XI	— O sorriso	52
		O riso	54
		A careta	61
"	XII	— Braços e mãos	55
		Pernas e pés	57
"	XIII	— A voz	65
		Tom de voz	63
		Conversação	66
"	XIV	— A discrição	71
"	XV	— Curiosidade e modéstia	73
"	XVI	— Lealdade	76
"	XVII	— Pontualidade	81
"	XVIII	— Complacência	83
"	XIX	— O "garganta"	86
"	XX	— Distinção	88
"	XXI	— A civilidade no Evangelho	92

SEGUNDA PARTE

O Homem social
As relações sociais

"	XXII	— A saudação	98
		com o chapéu	99
		com o apêrto de mão	101
		com o abraço	101
		A bênção	103
"	XXIII	— A civilidade na família	105
"	XXIV	— Relações com os superiores	113
"	XXV	— Relações com os mestres educadores	118
"	XXVI	— Os passeios	120
"	XXVII	— As viagens	127
"	XXVIII	— Numa loja	131
"	XXIX	— As visitas	135
		As visitas passivas	143
"	XXX	— À mesa	146
"	XXXI	— As cartas	153
"	XXXII	— A leitura	161
"	XXXIII	— Os dias festivos	166
"	XXXIV	— As festas de família	170

CÁLCULO

Caderno de Algarismos.
Primeiro Livrinho de Cálculo, ensino intuitivo da numeração e 4 contas, ilustrado.
Exercícios de cálculo, sem problemas, sôbre as operações.
800 Problemas sôbre as 4 operações, para principiantes.
Exercícios de cálculo, com problemas sôbre as 4 operações.
Parte do mestre, a mesma para os 3 livros precedentes.

ARITMÉTICA

Aritmética, curso preparatório, numeração, 4 contas, sistema métrico.
O mesmo livro, parte do mestre.
Aritmética, c. elementar, admissão aos ginásios.
O mesmo livro, parte do mestre.
Aritmética, c. secundário, progr. completo do Colégio Pedro II.
O mesmo livro, parte do mestre.
Suplemento à parte do mestre, deste curso sec. de Aritmética.
Aritmética, curso superior, admissão às Escolas superiores.
O mesmo livro, parte do mestre.

ÁLGEBRA

Noções de Álgebra, curso elementar, 1.ª e 2.ª série do Col. Pedro II.
O mesmo livro, parte do mestre.
Álgebra, curso médio, programa ginasial completo.
O mesmo livro, parte do mestre.
Álgebra, curso superior, admissão a todas as Escolas Superiores.
O mesmo livro, parte do mestre.
Complementos de Álgebra, programa do 4.º ano ginasial.
O mesmo livro, parte do mestre.
Pontos de Álgebra, programa da 5.ª série ginasial.
O mesmo livro, parte do mestre.

GEOMETRIA

Geometria, c. elementar, programa da 2.ª série ginasial.
O mesmo livro, parte do mestre.
Geometria, curso médio, programa do 3.º ano ginasial; admissão as
O mesmo livro, parte do mestre. [Escolas Superiores.
Geometria, curso superior, admissão a todas as Escolas Superiores.
O mesmo livro, parte do mestre.

TRIGONOMETRIA — LOGARITMOS

Trigonometria elementar, programa oficial completo.
O mesmo livro, parte do mestre.
Novas Tábuas de Logaritmos, a 7 decimais, de 1 até 10.000 e das funções trigonométricas.
Escrituração Mercantil, curso médio, para principiantes.

ENSINO COMERCIAL

O mesmo livro, parte do mestre.
Curso de estenografia, alfabeto Duployé.
Princípios e regras de estenografia, alfabeto Duployé.

DESENHO

Perspectiva de Observação, prog. of.; para o mestre e alunos adiant.
Perspectiva exata, programa oficial; 3.ª, 4.ª e 5.ª série ginasial.
Cadernos de Desenho, c. elem. n.º 1 até 6; c. prim., 1.ª e 2.ª série gin.
Cadernos de Desenho, curso médio; n.º 1 até 10; prog. gin. completo.